

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E
ANTROPOLOGIA

Mayara de Oliveira Silva

Nas veredas da sobrevivência:

Mulheres no setor informal na feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará.

BELÉM – PA

2021

Nas veredas da sobrevivência:

Mulheres no setor informal na feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará.

Mayara de Oliveira Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, área de concentração — Antropologia Social, da Universidade Federal do Pará como requisito final para a obtenção de título de Mestrado.

Orientadora: Profa. Dra. Luísa Maria Silva Dantas

BELÉM – PA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586v Silva, Mayara de Oliveira.
Nas veredas da sobrevivência : Mulheres no setor informal na feira do
Ver-o-Peso em Belém do Pará. / Mayara de Oliveira Silva.
— 2021.
159 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Luísa Maria Silva Dantas
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2021.

1. Ver-o-Peso. 2. Trabalho Feminino. 3. Informalidade. I.
Título.

CDD 301

Nas veredas da sobrevivência:

Mulheres no setor informal na feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará.

Mayara de Oliveira Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, área de concentração — Antropologia Social, da Universidade Federal do Pará como requisito final para a obtenção de título de Mestrado.

Orientadora: Profa. Dra. Luísa Dantas

Banca Examinadora

Profa. Dra. Luísa Maria Silva Dantas – Orientadora
PPGSA-UFPA

Profa. Dra. Voyner Ravena Cañete – Examinadora Interna
NEAP/PPGSA-UFPA

Profa. Dra. Ivânia dos Santos Neves – Examinadora Externa
ILC-UFPA

Profa. Dra. Denise Machado Cardoso – Examinadora Suplente
IFCH/PPGSA-UFPA

BELÉM - PA

2021

AGRADECIMENTOS

À Deus, por permitir a oportunidade da vida e por todos os momentos de fraqueza, me orientar e me dar forças para seguir.

À mim, Mayara de Oliveira Silva, por nunca ter deixado de seguir os meus sonhos, por acreditar todos os dias nas minhas conquistas pessoais e profissionais e por todos os momentos de fraqueza, buscar somente em mim forças para continuar.

Ao CNPQ, pelo recurso financeiro da bolsa, que subsidiou a realização da minha pesquisa de campo, desde outubro de 2018.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, por me acolher desde o ano de 2012 na graduação em Ciências Sociais e, dessa forma, possibilitar traçar caminhos que me fizeram escolher seguir a trajetória acadêmica.

Ao PPGSA, por ter sido casa durante dois anos de aprendizados, partilhas, vivências e ressignificações de sentidos.

À PROFESSORA WILMA LEITÃO, por ter me apresentado o universo do Ver-o-Peso em 2013.

À PROFESSORA CARMEM IZABEL por ter me orientado a discussões genuínas sobre o Ver-o-Peso.

ÀS PROFESSORAS VOYNER RAVENA E EDILA MOURA por toda compreensão e sensibilidade ao decorrer do mestrado. Assim como a todos os demais docentes do colegiado, que compartilharam o saber comigo, em sala de aula e pelos corredores do IFCH.

À MINHA ORIENTADORA, PROFESSORA LUÍSA DANTAS, por te me acolhido com todo carinho e ter tido paciência e empatia em todos os momentos que seguimos juntas com a construção dos capítulos.

AOS COLEGAS E AMIGOS da turma de 2018, que o mestrado me deu.

A TODXS AS MULHERES E HOMENS do Ver-o-Peso, que permitiram que essa pesquisa se tornasse possível, através dos compartilhamentos das suas trajetórias de vida.

AO VER-O-PESO, pela magnitude das relações sociais possíveis e por toda sua memória viva no Pará e por possibilitar trocas simbólicas e comerciais entre uma pluralidade cultural sem dimensões.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo apresentar, a partir de uma etnografia, trajetórias e narrativas de mulheres que encontraram na feira do Ver-o-Peso, em Belém do Pará, oportunidades de geração de renda e que sem permissão pela Prefeitura Municipal de Belém para a utilização do espaço na feira, sobrevivem através dos seus trabalhos informais, autônomos e ambulantes. A pesquisa de campo foi dividida em três momentos: a) chegada ao campo b) imersão ao campo c) conhecendo mulheres que trabalham na feira. E foi realizada entre os meses de abril de 2018 e fevereiro de 2020. Foram levantados dados bibliográficos para suporte teórico da antropologia e sociologia, assim como, alguns dados quantitativos do universo da pesquisa. Foram entrevistadas 66 mulheres, na faixa etária entre 17 a 69 anos. A pesquisa qualitativa mostrou-se essencial para o conhecimento de trajetórias de vida de mulheres pertencentes ao setor informal; também, através da observação participante, dos seus trabalhos na feira, atividades laborais imprescindíveis para a subsistência diária. Observou-se que a feira representa um espaço acolhedor, que absorve grande parcela da população desempregada na cidade e ao mesmo tempo representa um desafio para o controle do poder público e lócus de práticas de criminalidade. O trabalho informal é abundante e marca característica da feira do Ver-o-Peso, sobretudo representado pela figura feminina no espaço.

Palavras-Chave: Trabalho Feminino; Informalidade; Feira do Ver-o-Peso; Belém/PA;

ABSTRACT

This dissertation aims to present, based on an ethnography, the trajectories and narratives of women who found at the Ver-o-Peso fair, in Belém do Pará, opportunities for income generation and that without permission by the Municipality of Belém to the use of space at the fair, survive through their informal, autonomous and mobile work. The field research was divided into three moments: a) arrival at the field b) immersion in the field c) meeting women who work at the fair. It was carried out between the months of April 2018 and February 2020. Bibliographic data were collected to provide theoretical support for anthropology and sociology, as well as some quantitative data from the research universe. 66 women were interviewed, aged 17 to 69 years. Qualitative research proved to be essential for the knowledge of life trajectories of women belonging to the informal sector; also, through participant observation, of their work at the fair, essential work activities for daily subsistence. It was observed that the fair represents a welcoming space, which absorbs a large portion of the unemployed population in the city and at the same time represents a challenge for the control of public power and the locus of criminal practices. Informal work is abundant and a hallmark of the Ver-o-Peso fair, mainly represented by the female figure in the space.

Key words: Female work; Informality; Ver-o-Peso Fair; Belém / PA;

LISTA DE SIGLAS

UFPA – Universidade Federal do Pará

IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

SECON – Secretaria Municipal de economia

SI – Setor Informal

DFMP - Departamento de Feiras, Mercados e Portos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mercado do Peixe.....	P. 27
Figura 2 – Mapa de localização da cidade de Belém e da feira do Ver-o-Peso. Fonte: Mapa elaborado a partir da base cartográfica do IBGE e da CODEM. Autor: Sérgio Luis Barbosa da Silva, 2020.....	P. 29
Figura 3 – Doca do Ver-o-Peso e Igarapé Piri, recebia barcos em ritmo frequentes. Fonte: Penteado, 1986.	P. 31
Figura 4 – Mercado da Praia em 1948. Fonte: Penteado, 1986.....	P. 33
Figura 5 – Divisão setorial do complexo do Ver-o-Peso. Fonte: Lima, Dorotéa, 2008. Via Sirgas, 2000/ Projeção UTM. Projeto Cartográfico: Sérgio Silva, 2020.....	P. 40
Figura 6 – Circuito reproduzido pela autora na feira do Ver-o-Peso. Fonte: Elaborada pela autora, 2020	P, 65
Figura 7 – Trajetória de Marcia. Fonte: Fonte: Elaborada pela autora, 2020.....	P. 102
Figura 8 – Trajetória de Dona Socorro. Fonte: Elaborada pela autora, 2020.....	P.109
Figura 9 – Trajetória de Patrícia Cristina. Fonte: Elaborada pela autora, 2020.....	P. 119
Figura 10 – Trajetória de Ózeia. Fonte: Elaborada pela autora, 2020.....	P. 124
Figura 11 – Trajetória de Fernanda. Fonte: Elaborada pela autora, 2020.	P. 130

LISTA DE IMAGENS

Nota: Todas as imagens foram capturadas pela autora durante a etnografia.

Imagem 1 – Avenida João Alfredo, centro comercial de Belém.....	P. 15
Imagens 2 e 3 – “Seu Irmão”, feirante do Ver-o-Peso	P. 21-22
Imagem 4 – Setor de Farinhas do Ver-o-Peso	P. 23
Imagens 5 e 6 – Mercado de Ferro – Ver-o-Peso.	P. 32
Imagens 7 e 8 – Setor de ervas – Banca com banhos regionais, fragrâncias e ervas	P. 35-36
Imagem 9 – Feira do Ver-o-Peso com visão ampliada da circulação de pessoas e carros	P.38
Imagem 10 – Setor de refeições, Feira do Açaí.....	P. 43
Imagens 11 e 12 – Feira do Açaí movimentada a noite	P. 44
Imagens 13 e 14 – Visão interna da Feira com a cobertura atual	P. 52
Imagem 15 – Cobertura aplicada nos setores da feira, realizada na reforma básica urgente em 2020	P. 53
Imagem 16 – Calçada em frente à estação das docas	P. 62
Imagens 17 e 18 – Dona Maria, 64 anos, vendedora de castanhas e coco	P. 84
Imagem 19 – Francisco, 49 anos, vendedor ambulante	P. 85
Imagem 20, 21 e 22 - Vendedor de sacolas , Antônio, vendedor de CD’s e vendedor não identificado vendendo hortifrutis..	P. 87
Imagens 23 e 24 – Vestimenta de Marcia, em um dia comum de trabalho na feira.....	P. 97
Imagens 25 e 26 – Comercialização de verduras ao lado do mercado do peixe	P. 103
Imagens 27, 28, 29 e 30 – Registro de um dia de trabalho em vários ângulos de Marcia .P.	106
Imagens 31 e 32 – Dona Socorro em um dia normal de vendas	P. 107
Imagem 33 – Dona Socorro localizada no meio da imagem e o carro improvisado de venda de castanhas	P. 108
Imagens 34, 35 e 36 – Patrícia Cristina em um dia de trabalho	P. 115
Imagem 37 – Ózeia em sua banca de venda em frente ao setor de refeições.....	P. 121

LISTA DE TABELAS

Nota: Todas as tabelas foram elaboradas pela autora.

Tabela 1 – Relação de entrevistas realizadas durante os períodos de pesquisa em campo.	P.72.
Tabela 2 – Apresentação da faixa etária.....	P.73.
Tabela 3 – Relação de tempo de trabalho na feira.....	P. 74.
Tabela 4 – Renda média diária	P. 75.
Tabela 5 – Carga horária desempenhada na feira.....	P. 76.
Tabela 6 – Relação de outras atividades de trabalho.....	P. 76.
Tabela 7 – Apresentação dos bairros onde residem as trabalhadoras.....	P. 77.
Tabela 8 – Transportes e meios utilizados para chegar à feira.....	P. 78.
Tabela 9 – Atividades e produtos comercializados	P.78-79.
Tabela 10 – Nível de escolaridade.....	P. 79-80.
Tabela 11 - Compilação de dados das interlocutoras que participaram da pesquisa entre 2018-2020.....	P. 133.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Interesses na temática.....	13
Entrada no campo e questões metodológicas.....	20
Organização dos capítulos.....	26
Capítulo 1. Veropesando: Contextualizando a pesquisa.....	29
1. 1. Descrevendo o campo.....	29
1. 1. 1. Itinerário na feira.....	36
1. 1. 2. Diferenciações de gênero na feira.....	43
1. 1. 3. Trabalho e memória.....	47
1. 1. 4. Mudanças na estrutura da feira.....	49
1. 2. Notas socioantropológicas sobre feiras e mercados.....	54
Capítulo 2. O perfil do grupo da pesquisa.....	62
2. 1. Etnografia na feira.....	62
2. 1. 1. Redes de vigilância.....	70
2. 1. 2. Nossos dados.....	72
2. 2. Mulheres.....	81
2. 3. Homens.....	85
Capítulo 3. Narrativas biográficas e “artes de dizer”.....	88
3. 1. Marcia.....	92
3. 2. Dona Socorro.....	102
3. 3. Patrícia.....	109
3. 4. Ózeia.....	114
3. 5. Fernanda.....	119
Capítulo 4. Trabalho feminino informal: flexibilização e/ou precarização?.....	125
4. 1. “Oportunidades da vida, não foram boas comigo”.....	126
4.1.1 “Almoxarifado do desempregado”.....	131
4.1.2. “A viração”.....	137
4.1.3. Os gestos.....	137
4.1.4. A clientela.....	139
4.1.5. As mercadorias.....	141
Considerações Finais.....	144
Referências Bibliográficas.....	148
Anexos.....	156

INTRODUÇÃO

INTERESSES NA TEMÁTICA

Esta dissertação tem como objetivo, a partir de uma etnografia realizada na feira do Ver-o-Peso, localizada na cidade de Belém do Pará, a apresentação e compreensão do trabalho informal realizado por mulheres no ambiente da feira livre. São mulheres trabalhadoras, que não apresentam cadastro ou permissão pela Prefeitura Municipal de Belém para a realização das atividades comerciais e utilizam o espaço público da feira para a venda de castanhas, biscoitos regionais, água de coco, capas de celular, pomadas, toalhas, sacolas, cigarros, fone de ouvidos, lanches e etc.

Como suporte para suas vendas recorrem a carros denominados de “boi sem rabo”, “bigodes”¹, “carrinhos” improvisados, grades metálicas para exposição de relógios e bonés, isopor e mesas de madeira, no chamado “calçadão”, espaço localizado em frente à feira, na Avenida Boulevard Castilhos França e também entre os setores da própria feira do Ver-o-Peso. Essas mulheres utilizam, “estratégias onde postulam no lugar, como próprio e capaz de servir de base as suas relações com a exterioridade” (DE CERTEAU, 1998, p. 44).

A exposição das trabalhadoras ambulantes é visível conforme você caminha pela feira, existem mulheres que vendem castanhas próximas ao setor de refeições e do estacionamento da feira, as que vendem miudezas, como broches de cabelo, espelho, naftalina em saquinhos de dois a cinco reais, canetas, chaveiros e cigarros em frente ao setor de roupas, as que vendem hortifrutis próximo do setor de camarão seco e atrás do mercado do peixe, outras mulheres percorrem a extensão da feira oferecendo rifas de jogos do bicho e serviços como manicure.

A minha participação em grupos de estudos sobre feminismo dentro da Universidade Federal do Pará foi crucial para a delimitação do meu objeto de pesquisa. Assim como, a minha própria vivência como mulher, empreendedora, que iniciou sua trajetória, ainda discreta, no setor informal, com venda de moda feminina virtualmente e de “porta em porta”, para vizinhas.

¹ O reconhecimento e apreensão das formas alternativas de venda e exposição no Ver-o-Peso são ajustadas conforme a necessidade de cada vendedor. “Afora os equipamentos oficiais, como bancas, box, talhos, aparecem, nas fichas do censo que foi realizado no inventário, outras designações de equipamentos, ditos carro de mão, carrinho, bicicleta cargueira, caixa, isopor, tabuleiro e mesa” (LEITÃO, 2010, p. 31-32).

Os cenários que atravessaram o início da minha trajetória de vendas em 2017 pelas redes sociais e os que permeiam as dinâmicas cotidianas das mulheres que aqui apresento, têm em comum a busca pela independência financeira e o anseio por geração de renda; entretanto, é válido salientar, que a busca por mecanismos diversos para a sobrevivência é atravessada pelo fenômeno do desemprego estrutural na sociedade brasileira. (DUARTE, 2014).

Na tentativa de assumir o protagonismo da possível autonomia econômica na procura por ofertas de emprego, mostram-se as dificuldades na participação de regimes seletivos de contratação em empresas, realçados pelo distanciamento e exclusão de condições necessárias de inserção ao mercado de trabalho, que refletem as desigualdades de oportunidades, restando como alternativas de atuação econômica os setores informais, para grande parcela do contingente feminino, sobretudo localizando mulheres pretas e pobres, como sujeitos potenciais da reprodução do capital.

Em 2017, após alguns meses formada em ciências sociais e desempregada, me veio a ideia de iniciar vendas de roupas femininas pela *internet*, comecei a procurar fornecedores e fabricantes em atacado na região do comércio em Belém, por se tratar da região mais movimentada da cidade em termos de compra e venda de produtos.

As avenidas João Alfredo, Manuel Barata, Padre Eutíquio e 13 de Maio foram onde iniciei as compras no atacado de roupas para revender. As mulheres que encontrei nesse percurso, na grande maioria tinham bancas de roupas na mesma área em que compravam as peças que iriam revender posteriormente. Essas mulheres ocupam calçadas em frente de lojas e no meio das ruas, principalmente na rua da João Alfredo.

Quem atravessa a avenida Boulevard Castilhos França, em frente ao Ver-o-Peso, e entra na João Alfredo, vê o amontoado e confuso sistema de transações de mercadorias. Várias bancas são distribuídas em meio às ruas, vende-se roupas femininas, masculinas, infantis, homens oferecem panfletos para compras de ouro e folheados, mulheres vendem óculos, conjuntos de calcinha e sutiã, há a presença de homens e mulheres vendendo lanches nas esquinas das ruas, venda de meias, naftalina, raquete elétrica para matar mosquitos, brinquedos para crianças, ralador de verduras e etc.

Esse espaço é uma ramificação das práticas de venda da feira do Ver-o-Peso, porém direcionado ao público varejista. Nesse espaço, pessoas percorrem as ruas para encontrar em lojas produtos “mais em conta”, os preços atrativos despertam os interesses de compradores de toda a região metropolitana de Belém. Por isso, ser denominado de “comércio” e/ou “coração da cidade” (PENTEADO, 1968).

Ser pesquisadora e participante do setor informal permitiu-me conhecer várias mulheres que trabalham na informalidade, em meio às ruas e calçadas do centro comercial de Belém. Essa aproximação com o campo, oportunizou o conhecimento de práticas de venda, redes e interações sociais, construídas por mulheres e homens em meio ao cotidiano de vendas em espaços públicos.

Da mesma forma, o exercício de reflexão ao conhecer trajetórias e narrativas de vidas dessas mulheres, acionou o tensionamento da naturalização difundida nos ideários populares que o trabalho na feira é “fácil”, “acessível” e “tranquilo”, e que todos que trabalham no espaço da feira têm redes de parentesco que facilitaram seu acesso de entrada no Ver-o-Peso. Conheci algumas vendedoras que não mantinham nenhuma relação consanguínea com outros vendedores informais e adentraram à feira através de “conhecidos”².

² O encontro narrativo com as interlocutoras, permitiu analisar que as maneiras de “entrada” na feira, para a realização do trabalho informal são marcadas por uma diversidade de agentes e estruturas sociais. As interlocutoras revelaram que antes do processo de pertencimento da esfera laboral no Ver-o-Peso, já haviam mantido contato anteriormente com algum vendedor e que dessa maneira, houve o acionamento desse vendedor para a verificação dos melhores pontos de venda, fiscalização de órgãos públicos e melhores horários de venda, relativos ao fluxo de pessoas. Conforme os relatos, todas as entradas foram marcadas por sentimentos de desafio e medo, de que algo não saísse como o planejado. É válido mencionar, que somente algumas mulheres já trabalhavam no mesmo contexto de vendas ambulantes em espaços públicos, outras mulheres realizavam pequenos “bicos” e escolheram o espaço da feira, através de algum conhecido que relatou sobre os ganhos independentes no trabalho na feira.

Imagem 1: Avenida João Alfredo, centro comercial de Belém.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Em um cenário econômico e político de avanço de políticas ultraneoliberais³, modificações de leis trabalhistas, com a reforma da previdência e flexibilização das relações de trabalho no Brasil, o setor informal ou “economia subterrânea” (SOTO, 1987, p.2), torna-se porta de entrada para a subsistência de milhões de pessoas desempregadas. O Neoliberalismo constrói formas de se apropriar da centralidade das lutas das classes trabalhadoras, através da construção de uma congruência ideológica por meio da cooptação dos direitos da massa.

De acordo com Gustavo Lins Ribeiro (2010, p. 2), a ideia de “globalização popular não hegemônica” é composta por mercados populares e é representada por camadas economicamente mais baixas, na qual o empoderamento econômico, decorre de modo assimétrico.

“É não hegemônico porque suas atividades desafiam o estabelecimento econômico em todas as partes, nos níveis locais, regionais, nacionais, internacionais e

³ “Políticas econômicas neoliberais, fruto do liberalismo clássico, que defende a privatização de empresas, o estado mínimo e o livre comércio, na era de máxima financeirização da riqueza e do capital volátil mundial” (MORAES, 2001, p.4). Relacionada ao dismantling de múltiplos sistemas: econômicos, sociais, políticos, resultando diretamente na instabilidade dos setores econômicos, com o aumento da taxa do desemprego estrutural, por não conseguir absolver a demanda de força de trabalho disponível no interior das relações produtivas. O ultraneoliberalismo, pode-se, portanto, ser visto como a resignificação do sistema neoliberal, desconsiderando as conjecturas da democracia liberal, e ainda que mínimo, os benefícios públicos.

transacionais. Consequentemente, seus agentes são retratados como uma ameaça ao estabelecimento e sentem o poder das elites políticas e econômicas que querem controlá-los” (RIBEIRO, 2010, p. 29).

Este conceito vai ao encontro das práticas vivenciadas pelas trabalhadoras informais que conheci e pesquisei na feira do Ver-o-Peso, que na prática da informalidade e mesmo na ilegalidade, estabelecem redes de fornecedores, comerciantes e clientes, e constroem estratégias para escapar do controle do poder público.

Ao longo dos últimos anos, assistimos no Brasil o aumento do desemprego. Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no quarto trimestre de 2019⁴, a taxa de pessoas na força de trabalho desocupada, foi de 10,6%, atingindo 11 milhões de pessoas. Dessa forma, com maior demanda por alternativas de renda, as atividades no setor informal expandem em diferentes setores da economia e tornam-se progressivamente presentes nos centros urbanos. São atividades que proliferam, sobretudo, na intensa movimentação de pessoas e aglomeração de lojistas, casas comerciais, na frente de *shoppings*, paradas de ônibus e feiras.

A baixa remuneração e extensas jornadas de trabalho compõem o setor informal⁵, que também identificaremos aqui, a partir das falas das mulheres na feira. Válber Pires (2010, p. 6) ressalta que:

“A informalidade precária desenvolve-se, em Belém, como alternativa ocupacional para parte da classe trabalhadora que não consegue ser integrada aos circuitos da economia, são atividades que crescem em função da desagregação socioeconômica, resultante das transformações sofridas pela economia capitalista na atualidade. São atividades que crescem como resultado não de um processo de estruturação, mas de desestruturação do mercado de trabalho e da economia” (PIRES, 2010, p. 6).

Frente a esse cenário, o que resta é a ressignificação das formas de pensar e fazer o trabalho, com novas “táticas de possibilidade de ganho” (DE CERTEAU, 1998, p. 47), sobretudo, nos espaços públicos de feiras livres e mercados. Dessa maneira, busco situar ao longo do texto, a partir de narrativas, a presença do trabalho feminino no setor informal na feira do Ver-o-Peso e suas estratégias de inserção e permanência nesse espaço.

⁴ Ver mais em: < <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>. Acesso em 30.04.2020. Dados anteriores à pandemia do novo coronavírus.

⁵ O setor informal “Compreende as informações sobre unidades econômicas que produzem bens e serviços com o principal objetivo de gerar ocupação e rendimento para as pessoas envolvidas, operando, tipicamente, com baixo nível de organização, com alguma ou nenhuma divisão entre trabalho e capital como fatores de produção, e em pequena escala, sendo ou não formalmente constituídas”. (IBGE) Ver mais em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/setor-informal.html>>. Acesso em: 30.04.2020.

Ana Laura Sena (1998) argumenta que a implementação do capital internacional no período da *Belle Époque Amazônica*⁶ e, posteriormente, os investimentos do Governo Federal em políticas econômicas no final da década de 1960, contribuíram para a expansão e desenvolvimento de Belém a outras cidades do Brasil.

Belém se constituiu no centro urbano mais importante da Amazônia. Contudo, as deficiências infraestruturas (uma vez que a estrutura urbana implantada pelo governo federal mostrou-se insuficiente para absorver satisfatoriamente o crescente volume de população migrante) presentes na cidade impactaram diretamente no tipo de atividade produtiva que se desenvolveu. (p.8.).

Ainda conforme Sena (2008), as consequências desse processo definiram as bases do fenômeno das práticas desenvolvidas no setor informal na região belemense, delineando novas conformações nos espaços urbanos e definindo espaços estratégicos para essas práticas.

Dentre as múltiplas definições relacionadas às categorias de trabalho no espaço da feira livre, é importante evidenciar as oficiais e não oficiais. Para os órgãos da Prefeitura Municipal de Belém, entre eles a Secretaria Municipal de Economia - SECON e o Departamento de Feiras, Mercados e Portos - DFMP, considera-se **Permissionário** aquele ou aquela que deverá “cumprir exercício de comércio formal”.

Segundo o Art. 8 da Lei Nº 7.862, de 30 de dezembro de 1997⁷, o permissionário tem a obrigação de requerer um termo de compromisso e permissão para a realização de quaisquer atividades em espaço de logradouro público. Caso contrário, estariam à margem da legitimação e do não pertencimento legal para executar atividades relacionadas à obtenção de renda, como é o caso de vendedores informais.

A concepção de feirante, para além da definição do dicionário da língua portuguesa Aurélio, que expressa “negociador ou vendedor de feira”, ganha vários outros sentidos de definição e de pertencimento de atores que estão inseridos no âmbito de vendas em feiras livres. Para muitos trabalhadores, homens e mulheres, o sentido de “ser feirante” está relacionado ao ato de fazer da feira seu sustento diário, sua “segunda casa”; dessa forma, “ser

⁶ “Estabeleceu-se no final do século XIX (1871), como um grande projeto de modernização das cidades (Belém e Manaus), com a criação de políticas sanitárias de higienização dos espaços públicos, construção de praças, avanços tecnológicos, devido o apogeu do ciclo da borracha”. Trecho retirado do blog: realidades urbanas. Ver mais em: <<http://realidadeurbanas.blogspot.com/2011/03/belle-epoque-amazonica.html>> Acesso em: 28.04.2020.

⁷ Ver mais, em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/coletanea/PDF/o_n_urb/lei_7862.pdf>. Acesso em: 02.03.2020.

feirante” está para além das relações produzidas economicamente, mas também é constituído nas relações de amigabilidade, sociabilidade, permutas e etc. tecidas na feira.

As feiras livres são espaços públicos, administrados por órgãos responsáveis da prefeitura, onde são construídas variadas relações, posto que são espaços que concentram uma gama diversa de atividades laborais.

A categoria “feirante” engloba os vendedores com boxes fixos (hortifrúti, farinha, ervas, mercearia, industrializados, comidas e lanches), matriculados e com licença da SECON. Nessa gigantesca gama de atividades, também estão os vendedores informais (ambulantes, autônomos) e os **prepostos** - ajudantes diários dos donos de banca, sem matrícula na SECON. Somente os que atendem aos requisitos necessários, como pagamento de carnê para utilização do espaço, são, de fato, reconhecidos pela Prefeitura.

Na SECON encontramos algumas categorias de trabalhadores: 1. Permissionários com boxes registrados - vendedores de farinha, ervas, artesanato, polpa de frutas, camarão seco, refeições, roupas, banca de relógios; 2. Trabalhadores Autônomos Cadastrados, com licença para vendas em espaço público 3. Trabalhadores Não Cadastrados - ambulantes.

O ambiente da feira acolhe mulheres, homens, crianças, idosos, turistas, compradores, moradores das ilhas próximas da feira, moradores em situação de rua, agentes da segurança pública e etc. Como ressalta Marilu Campelo (2002), o espaço da feira, torna-se, para os que trabalham, um lugar que proporciona os sentimentos de partilha, a construção de redes de sociabilidade e amigabilidades tecidas e conduz a dimensões afetivas, uma vez que o sentimento de pertencimento de trabalhar na feira é atribuído ao reconhecimento familiar. Como conta Dona Antônia, vendedora de verduras:

O Ver-o-Peso é a minha segunda casa, eu passo tanto tempo aqui, às vezes, mais até que na minha própria casa. A gente tem um carinho enorme por ele, meus amigos estão aqui, meus clientes estão aqui, daqui eu me sustento, daqui eu levantei minha casa, aqui eu moro praticamente. A gente acaba nutrindo esse sentimento pelo local que nos dá nosso ganha pão...aqui todos estão juntos e misturados. (Dona Antônia, 2019).

O esforço principal da pesquisa, consiste em perceber em que medida mulheres desempregadas, com suas histórias particulares, são motivadas a realizarem seus trabalhos cotidianos na feira do Ver-o-Peso, utilizando-o como um espaço estratégico de geração de renda, ressignificação do trabalho e subsistência diária, atentando para suas trajetórias de vida.

Procuo evidenciar como a questão do desemprego estrutural, sob a lógica da informalidade, caracteriza a feira como um lugar que recebe pessoas em busca de sustento

diário, chamando atenção para as mulheres que trabalham por conta própria, encontrando nesse espaço oportunidades de renda. A etnografia aqui apresentada, oferece ao leitor uma ótica narrada por meio de particularidades vividas neste espaço.

O mercado do Ver-o-Peso constitui um dos símbolos da identidade paraense; a memória de aproximadamente quatro séculos junto ao desenvolvimento da cidade de Belém, com os seus 393 anos de existência. Faz parte do conjunto de patrimônios paisagísticos e materiais do Estado do Pará, e se transformou em um símbolo cultural da *metrópole* da Amazônia, estabelecendo-se também como ponto estratégico para a movimentação econômica da cidade (LIMA, 2008). Proporciona a geração de renda de aproximadamente mil trabalhadores cadastrados pela Prefeitura de Belém e de aproximadamente dois mil trabalhadores informais, segundo dados da SECON, de 2018.

O Ver-o-Peso opera para além das trocas econômicas e transações comerciais. Estabelece-se como aglutinador de formas de socialização e interação, onde os atores que compõem o lugar fazem diferentes movimentos. Para Simmel (2006):

Os indivíduos, em razão de seus interesses sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teologicamente determinados, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. (p. 60).

A compilação de universo laboral tecido pelas mulheres na feira, é, sobretudo, construído com a ajuda da coletividade, que dispõe de projetos semelhantes. Ao procurar compreender a partir “do ponto de vista do nativo” (GEERTZ, 1983) fui direcionada a diálogos com mulheres que realizam trabalho informal na feira para o delineamento da composição de narrativas que são o principal instrumento de conhecimento de suas trajetórias e projetos pessoais.

Entrada no campo e questões metodológicas

Minhas pesquisas na temática de feiras livres iniciaram desde meados do ano de 2013, a partir do meu segundo ano na graduação de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Pará, como bolsista de iniciação científica, sob a orientação da professora Wilma Marques Leitão.

Adentrei-me ao tema de pesquisa de feiras e mercados populares na Amazônia, que até então me eram circuitos despercebidos, em que eu estabelecia contatos efêmeros,

exclusivamente de aspecto consumista, de uma moradora comum da cidade de Belém. A única feira que tinha contato era a feira do entrocamento, próximo da minha casa, localizada no bairro do Castanheira.

Ao resgatar as memórias da minha infância e mocidade sobre o Ver-o-Peso, recordo que era um lugar que não tive muito contato, que passava apenas na frente aos finais de semana, sobretudo aos domingos, quando ia com a minha família para passeios ao fim da tarde no Forte do Castelo, espaço turístico da cidade de Belém, com fortes traços arquitetônicos do período da *Belle Époque* Amazônida.

O processo de inserção à pesquisa no Ver-o-Peso originou-se através de uma chamada pública para duas bolsas de iniciação científica para trabalhar com a temática de feiras e mercados populares em Belém do Pará. Essa experiência me possibilitou o estudo e pesquisa com abordagem etnográfica sobre as formas particulares de medir e pesar, às quais os vendedores que trabalham na feira realizam em suas vendas, chamando atenção para etnomatemática⁸, enquanto maneira de pensar a multiplicidade cultural desenvolvida por aqueles que ali trabalham diariamente, utilizando formas alternativas de pesar, medir e contar, próprias do ambiente específico da feira, que são passadas por gerações anteriores e que são ressignificadas ao longo do tempo.

Após algumas reuniões com a professora Wilma Leitão sobre a pesquisa que iria seguir, houve gentilmente um convite para um passeio aos corredores e setores da feira em uma manhã de sábado, em setembro de 2013, apresentando-me aos feirantes que a professora já tinha conhecimento, devido a pesquisas anteriores. Wilma pesquisava na feira do Ver-o-Peso as relações de trabalho, sobretudo atividades de comercialização de pescado no mercado.

Para as autoras, Marilu Campelo (2002) e Maria Dorotéia Lima (2008) os setores da feira estão divididos em: 1. Setor de industrializados, 2. Ferragens, 3. Importados, 4. Plantas ornamentais, 5. Refeição, 6. Bares, 7. Maniva, 8. Mercearia, 9. Artesanato, 10. Farinha e 11. Camarão seco, 12. Animais vivos, 13. Setor de Peixe, 14. Caranguejo, 15. Mercado de Ferro, 16. Hortifruti, 17. Ervas e plantas medicinais, 18. Mercado da carne. Diante da diversidade das divisões setoriais na feira, Wilma caminhou até o setor de farinha, localizado em frente à avenida Boulevard Castilhos França.

“Seu Irmão”, da barraca N° 48, localizada ao lado do setor de farinhas, que “*vende tudo para sua maniçoba ou feijoada*” (Bacon, Charque, Choriço, Calabresa, Costela, Orelha

⁸ Consiste em valorizar as diferentes formas estabelecidas de pensar, calcular e medir culturalmente, rompendo com os padrões acadêmicos, presentes na habilidade de desenvolver e responder as necessidades do meio. Valorizando a existência e saberes diversos dos grupos sociais.

de porco, pés de porco, toicinho salgado, toicinho defumado), foi o primeiro feirante a quem fui apresentada e conversei. A partir da interação com esse feirante, iniciei meus caminhos de investigação na feira.

A figura do “Irmão” revelou-se como uma das mais essenciais na minha trajetória de pesquisas no Ver-o-Peso. “Irmão”, com a experiência de aproximadamente trinta anos de vendas, conhece “todos” que trabalham nesse lugar.

Imagem 2 e 3: “Seu Irmão” - Feirante do Ver-o-Peso.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Minha entrada em campo, no primeiro momento em 2013, foi guiada pelos aconselhamentos deste feirante, que indicou quais barracas ir e as “pessoas certas” com quem conversar, o que me rendeu redes de contato, imprescindíveis para os dados da pesquisa da iniciação científica, da monografia e posteriormente da dissertação.

Minha rede de interlocutores iniciou com vendedores do setor de farinhas e camarão seco. Fui apresentada às mulheres feirantes do setor de farinha, que fica ao lado da barraca do “seu irmão” e, a partir das conversas informais que tive com essas vendedoras, fui conhecendo mais pessoas envolvidas em diversas atividades de vendas pelos setores da feira; entre eles: amigos, conhecidos, filhas, esposos, primos, primas, fornecedores e etc.

Imagem 4: Setor de Farinhas do Ver-o-Peso.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Identifiquei a participação de familiares no compartilhamento de tarefas referentes ao trabalho na feira, como “uma conduta organizada para atingir finalidades específicas” (VELHO, 2009, p.9). Essas relações me facilitaram o conhecimento mais de perto a vida dos atores sociais.

O espaço da feira sugere uma “temporalidade tangível para a plenitude de projetos de vida” (VELHO, 2009, p.23) que, muitas vezes, beneficiam os componentes familiares que estão dentro desse espaço. Podemos observar elementos de unidade e fragmentação individuais e coletivas, como possíveis possibilidades de geração de renda, criação de redes de sociabilidade, proteção, ajuda e pertencimento no espaço determinado. (SIMMEL, 2006).

Através do filho ou parente próximo de mulheres e homens que trabalham na feira, fui traçando estratégias para alcançar as mulheres que faziam parte do grupo familiar, utilizando como subsídio a aproximação, ora pautada por um interesse de compra, adquirindo, às vezes, um quilo de farinha e, assim, “conquistar” a atenção da vendedora, ou apenas uma aproximação despretensiosa em tons descontraídos.

Concluída a etapa de inserção em campo de 2013 a 2014, em que foram levantados dados para a pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC e, posteriormente, o trabalho de conclusão de curso em 2016, utilizei dos dados obtidos da pesquisa, para orientar, ainda dentro deste universo, novas facetas de investigação.

Em 2018, com a perspectiva da construção do projeto de pesquisa da dissertação à respeito das mulheres trabalhadoras na feira, que realizam vendas sem permissão da SECON para uso do espaço, e que se configuram dentro do comércio informal, procurei pensar como a feira se torna um ambiente de acolhimento a mulheres e homens desempregados na Região Metropolitana e, dessa forma, gera trabalho e renda, inserindo essa análise na linha de pesquisa, “Ética, trabalho e arranjos sociais”, do PPGSA.

Com o decorrer das disciplinas, antropologia e sociologia econômica, sociologia da conflitualidade: violência, literatura e trabalho, feminismos no sul global, no primeiro e segundo semestre de 2018, e as trocas de conhecimentos e debates dentro de sala de aula com professores e colegas de turma, fui delineando os caminhos bibliográficos e empíricos que iria seguir.

A delimitação do meu objeto de pesquisa foi influenciada por pesquisas e levantamentos de trabalhos realizados sobre a temática de feiras, com o auxílio do banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, no qual pesquisei as palavras-chaves: trabalho de mulher ambulante, trabalho feminino na feira, relações de gênero e trabalho, como também, pesquisas realizadas no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, no Curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA, da Universidade Federal do Pará - UFPA, que me instigaram ainda mais à realização de uma pesquisa voltada a pensar formas de trabalho feminino informal em feiras.

Retornei ao campo em março de 2018, acionando os feirantes que já havia entrevistado na pesquisa PIBIC, há anos atrás, para uma nova tarefa de levantamento de dados, que foi iniciada, dessa vez, com o auxílio de interlocutores secundários na pesquisa, Seu João e Mário Lima.

Entrei em contato por ligação com o Diretor do Instituto Ver-o-Peso, Mário Lima, que possui duas bancas de venda de verduras, localizadas atrás do mercado do peixe. Conheci Mário ainda na graduação. No entorno de suas bancas concentram-se várias bancas de mulheres. Mas o número não chega a ser expressivo, em relação aos homens que trabalham nesse lugar.

Mário me indicou nomes de mulheres que trabalham próximo a sua banca e segui para tentativas de contatos. As redes foram sendo ampliadas com algumas mulheres no setor de hortifrutis, posteriormente no setor de refeição, e com vendedoras de castanhas e “miudezas”, próximas a parada de ônibus⁹.

Em um segundo momento de revisita ao Ver-o-Peso, em maio de 2018, (re)conheci o Seu João, que trabalha nas proximidades da feira, guardando carros, denominado de “flanelinha”. Ele conhecia meu pai, que por anos teve loja de folheados e semi jóias na rua Manoel Barata. Seu João conhece muitos trabalhadores desse espaço e me apresentou interlocutoras fundamentais para a construção da pesquisa.

A presença significativa de mulheres no Ver-o-Peso revela uma complexa trama de relações, nos propomos a analisar as lógicas de pertencimento dentro desse espaço, diretamente vinculadas a práticas de trabalho.

Como pesquisadora e moradora da cidade, percebo que o trabalho informal na região é visto como um fenômeno naturalizado pela população, devido à grande presença de homens e mulheres desempenhando tais atividades, sejam ele, dentro de transportes públicos, praças, paradas de ônibus, terminais, mercados e feiras.

Como fundamento metodológico, optei pela realização de uma etnografia, por entender que o trabalho de campo, pautado na observação e na escuta, pode alcançar formas diversas de trajetórias pessoais, bem como, diferentes atividades laborais informais. Exercitando a contemplação e análise de eventos cotidianos na feira. No percurso da pesquisa, foram entrevistadas mulheres na faixa etária entre 16 a 69 anos, no total de 66 mulheres, com diferentes níveis de escolaridade, moradoras de bairros diversos e distantes do centro comercial de Belém. As interlocutoras, apresentaram-se, como “mães”, “chefes de família”, “avós” e etc. Suas trajetórias perpassam a chegada em novos cenários de labor, que para muitas mulheres, representou o primeiro contato de vendas em feiras, entrelaçadas com as próprias modificações estruturais vivenciadas no espaço Ver-o-Peso,

⁹ Refere-se a venda de produtos industrializados de consumo popular, como isqueiro, pente, escova, cortadores de unha, grampo de cabelo, quinquilharias em geral.

além de perceber similitudes em vários aspectos entre elas, como o recorte racial em suas narrativas, por exemplo.

As entrevistas foram realizadas com o suporte do aparelho celular na função gravador e entrevistas via *WhatsApp*¹⁰. A observação em campo foi dividida em três momentos 1- abril a junho de 2018, 2- setembro a dezembro de 2018, 3- maio a agosto de 2019. No início de 2020, no mês de janeiro, houve a última visita em campo para o fechamento do questionário socioeconômico, aplicado juntamente às conversas soltas que mantinha.

Essa etapa, segundo Marconi & Lakatos, “é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de efetuar a coleta de dados previstos”. (2017, p. 180). Ou seja, o levantamento das informações necessárias e cruciais da organização do grupo pesquisado.

Algumas narrativas inter cruzam-se, em determinados momentos, com aspectos semelhantes, convergindo motivações e objetivos que culminaram na inserção no Ver-o-Peso, muitas vezes, através da influência das relações de parentesco, redes de amigabilidades, prestação de serviços, e sobretudo, a partir de “criatividades dispersas, articuladas a táticas do cotidiano em espaço urbano” (DE CERTAU, 1998, p 41).

Utilizando-se, assim, a abordagem etnográfica, registrei minhas observações em caderno de campo, estabeleci conversas informais e entrevistas formais, em que pude acolher depoimentos, narrativas, além de participar do grupo e espaço analisado, quando requisitada, entre os anos de 2018 a 2020.

Organização dos capítulos

Como organização da dissertação, no primeiro capítulo contextualizo o campo a partir de meu itinerário na feira e pontuo observações pautadas nas diferenciações de gênero e nas práticas de trabalho. A partir de breve análise dos aspectos históricos do e no Ver-o-Peso, sinalizo as mudanças no aspecto físico ao longo do tempo, com os projetos de revitalização da feira nas gestões dos prefeitos Edmilson Rodrigues (1997 a 2005.) e Zenaldo Coutinho (2013 a 2020), desta maneira, poderemos alcançar memórias deste lugar e da cidade. Apresento também trabalhos socioantropológicos que têm como objeto de estudo feiras urbanas e

¹⁰ O acesso a entrevistas via WhatsApp contribuíram de forma significativa como complemento das narrativas pessoais dos atores sociais. Buscou-se, a complementação de dados adquiridos em campo.

mercados enquanto lugares importantes para reflexões de práticas e relações sociais, que me auxiliaram na reflexão dos temas: trabalho, trajetórias e projetos de vida.

No segundo capítulo busco trazer ao leitor a experiência etnográfica a partir do encontro com o universo da pesquisa, também salientarei as relações de poder acionadas na feira, sobretudo, entre os agentes da prefeitura e os feirantes, permeadas por determinações e ordens públicas de controle e organização da feira. Também a presença da criminalidade (furtos e assaltos), a partir das narrativas das interlocutoras, e a importância de “redes de vigilância”, (DE CERTEAU, 1998) criadas pelas mulheres que trabalham na feira, como mecanismo de defesa e, ao mesmo tempo, de permanência no espaço.

No terceiro capítulo, apresento as narrativas e projetos de vida construídos a partir do acompanhamento dos trabalhos de mulheres no “calçadão” e em meio aos corredores da feira do Ver-o-Peso, nos setores de industrializados, refeições, polpa de frutas, temperos e hortifrutis. Através de seus relatos, construímos histórias de vida, de mulheres “guerreiras, criativas e determinadas”, que ressignificam as formas de trabalho tradicionais, adaptando-se a novas modalidades laborais no setor informal.

Discurso, sobre as trajetórias de Marcia, Dona Socorro, Patrícia, Ózeia e Fernanda. Em cada narrativa procurei enfatizar suas “artes de fazer” (VEDANA, 2004) do trabalho na feira, suas táticas de venda e compra das mercadorias, suas ferramentas de trabalho, suas finalidades e projetos.

No quarto Capítulo busquei dialogar com as teorias das ciências sociais e estudos feministas a problematização da acumulação capitalista em um cenário ultraneoliberal, que amplia a desigualdade da classe trabalhadora, sobretudo atingindo sem precedentes mulheres pobres e negras, intensificando a exploração e a precarização das atividades laborais no nível produtivo e reprodutivo. Procuo também revelar as dinâmicas do setor informal - SI na cidade de Belém, mostrando a partir de aspectos da vida das interlocutoras, como a feira do Ver-o-Peso acolhe mulheres e homens desempregados, em busca de oportunidades de trabalho alternativo, tornando o espaço da feira como um verdadeiro “almoxarifado do desempregado”.

Figura 1: Mercado do Peixe.



Fonte: A pesquisadora, 2018.

CAPITULO I - VEROPESANDO

Ver-O-Peso

*A canoa traz o homem
a canoa traz o peixe
a canoa tem um nome
no mercado deixa o peixe
no mercado encontra a fome
a balança pesa o peixe
a balança pesa o homem
a balança vende o homem
vende o peixe
vende a fome
vende e come
a fome vem de longe
nas canoas
ver o peso
come o peixe
o peixe come
o homem?
vende o nome
vende o peso
peso de ferro
homem de barro
pese o peixe
pese o homem
o peixe é preso
o homem está preso
presa da fome
ver o peixe
ver o homem
vera morte
vero peso.*

(MAX MARTINS, 1992, p.7)

1.1 (D)ESCREVENDO O CAMPO

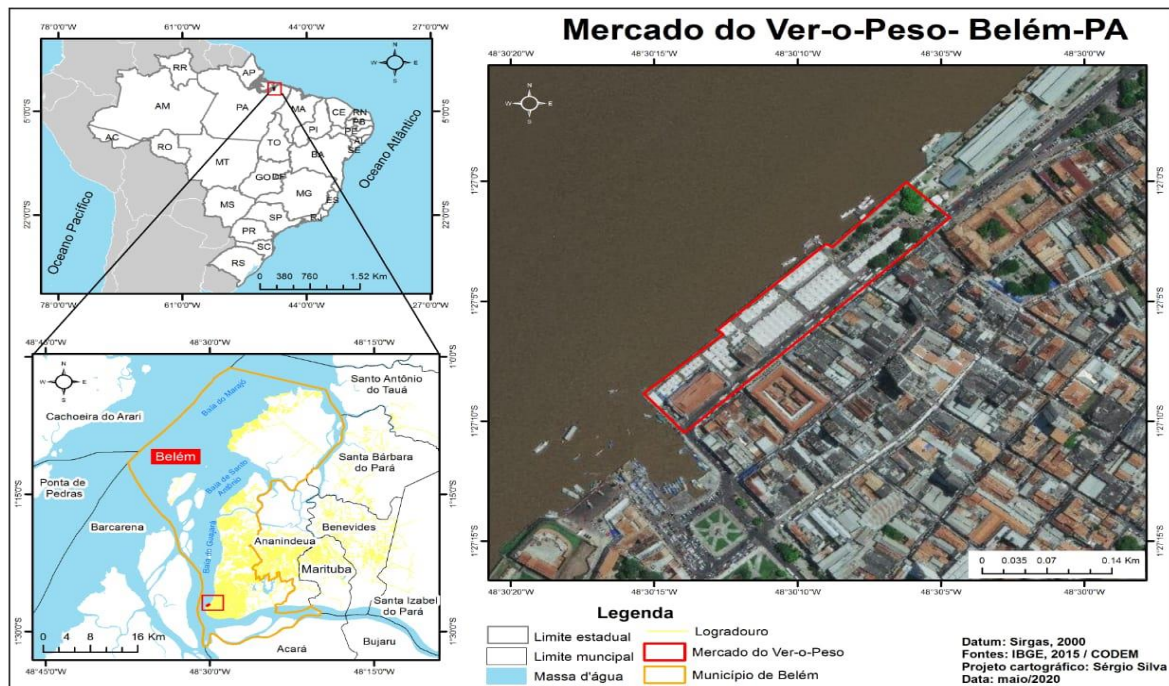
A cidade de Belém do Pará, com a sua fundação em 12 de janeiro de 1616, tem hoje 405 anos de história e memórias junto ao povo belenense. Conta com a estimativa de 1.492.745 milhões de habitantes, com uma área de 1.059,458 km², composta por 8 distritos administrativos, 71 bairros e 39 ilhas, conforme o Anuário Estatístico publicado na Prefeitura Municipal de Belém¹¹, a partir de dados do IBGE de 2019. (COSTA, 2018).

A cidade tem como um dos seus principais cartões postais o Complexo do Ver-o-Peso que, de acordo com Maria Dorotéa Lima (2010, p. 69), é “constituído por duas feiras (Feira

¹¹ Os dados foram obtidos a partir do anuário estatístico, publicados no site da prefeitura de Belém. Ver mais em: < <http://anuario.belem.pa.gov.br/> >. Acesso em: 11.02.2020

do Açaí e Feira do Ver-o-Peso), uma doca de embarcações (Doca do Ver-o-Peso), dois mercados (Mercado da Carne e Mercado do Peixe), duas praças (Praça do Pescador e Praça do Relógio) e o Solar da Beira”. Localizado entre os bairros da Campina e Cidade Velha, o complexo possui aproximadamente 25.000 m² de dimensão, conforme apresentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2015).

Figura 2: Mapa de localização da cidade de Belém e da feira do Ver-o-Peso.



Fonte: Mapa elaborado a partir da base cartográfica do IBGE e da CODEM. Autor: Sérgio Luis Barbosa da Silva, 2020.

O capítulo 1, objetiva apresentar a feira do Ver-o-Peso, através de fontes historiográficas e socioantropológicas e, sobretudo, a partir do caminhar no campo sensível das experiências urbanas que a feira proporciona. Através de autores como Antônio Rocha Penteadó (1986), Dorotéia Lima (2008) e Marilu Campelo (2002), podemos acessar descrições da gênese da cidade, entrelaçando à importância da constituição da “Casa do Haver o Peso”¹², como fundamental entreposto fiscal da Amazônia no século XVII, e que nos dias atuais consiste em um dos lugares mais importantes da vida econômica e turística de Belém.

Os trabalhos etnográficos de Viviane Vedana (2004) e Rosana Pinheiro-Machado (2008) realizados em Porto Alegre/RS e China, também foram fontes valiosas de diálogo e inspiração, sem contar a produção etnográfica regional, com as pesquisas em feiras de Belém

¹² Conforme Marilu Campelo (2002), o mercado foi denominado de “Casa do Haver o Peso” com o intuito de fiscalizar os produtos que chegavam à região, sendo todos destinados ao recolhimento da Coroa Real.

de Wilma Leitão (2010), Carmem Isabel Rodrigues (2011), Marina Castro (2016) e Ana Luiza Ferreira (2012) et.al.

Antônio Penteado (1986), geógrafo e professor da Universidade Federal do Pará, em seu livro *Belém do Pará: Estudo da Geografia Urbana*, apresenta uma contundente análise da *Cidade das mangueiras*, a partir da percepção do *modus vivendi* entre o homem e a terra amazônica, exteriorizou uma cidade que foi articulada a partir de interesses políticos e econômicos dos colonos portugueses, em um sistema de integração cultural, que nem sempre apresentou-se como “pacífico” e em favor dos interesses dos povos tradicionais da região.

Penteado argumenta que a cidade de Belém do Pará assumiu função estratégica de implementação de políticas coloniais portuguesas, “cumprindo seu destino singular onde se faziam as descidas dos Índios e se traziam as drogas do sertão, substitutas das especiarias do Oriente, a partir da abertura dos portos regionais”. (PENTEADO, 1886, p.1).

De acordo com a socióloga e professora da UFPA, Violeta Loureiro (1992, p.9) “formou-se na cidade de Belém um mercado interno que produzia para a população local e uma economia que se voltava para o mercado externo, através das exportações”, de pedras preciosas, ouro, madeiras, cana-de-açúcar, especiarias e etc; favorecendo na região a construção de fortificações objetivando a proteção da região, como o levantamento do Forte do Presépio em Belém, no ano de 1616.

As cidades na Amazônia, das quais Belém era e continua sendo a mais expressiva, estavam situadas às margens dos rios, em pontos estratégicos que serviram como base para a defesa do vasto território à sua volta, além de disporem de um porto que servia à comercialização. (LOUREIRO, 1992, p.11).

Isso explica porque o Ver-o-Peso tornou-se figura tão emblemática no processo de desenvolvimento da cidade de Belém, servindo inicialmente como espaço de exportação, contabilização e registro de todas as mercadorias que chegavam e saíam da região.

De acordo com arquiteta, com ampla experiência em inventários e mestrado em antropologia, Maria Dorotéia Lima (2008), no início do século XVII, em 1625, o mercado do Ver-o-Peso estabeleceu-se como um porto de transações econômicas dos produtos que adentravam na cidade de Belém, devido às “intensas movimentações e comercialização de mercadorias manufaturadas vindas da Europa” (p.39) e posteriormente:

Extinto como posto fiscal, o Ver-o-Peso se tornou um dos principais centros de abastecimento da cidade, além de um de seus pontos turísticos mais visitados. Localizado na área central e mais antiga de Belém, no centro histórico, tornou-se ícone da cidade e elemento identitário do paraense. Pode ser definido como uma

grande feira ou como um grande mercado aberto, cujas atividades giram em torno dos vários elementos que o integram. (LIMA, 2008, p.39).

Como apresentado por Lima (2008), o mercado desenvolveu-se no chamado Centro Histórico de Belém e foi tombado¹³, em 1977, pelo IPHAN¹⁴. A preservação desse patrimônio e o resgate das memórias atribuídas ao Centro Histórico de Belém podem ser localizadas na perpetuação material e imaterial, e na construção de narrativas dos moradores da cidade, transmitidas por gerações. A resistência simbólica e cultural face às mudanças tecnológicas que a modernidade imprime, traz benefícios e nexos para as relações sociais, acarretando questionamentos de que para além de compreender e seguir essas novas mudanças é necessário salvaguardar as memórias em espaços de pertencimentos sociais.

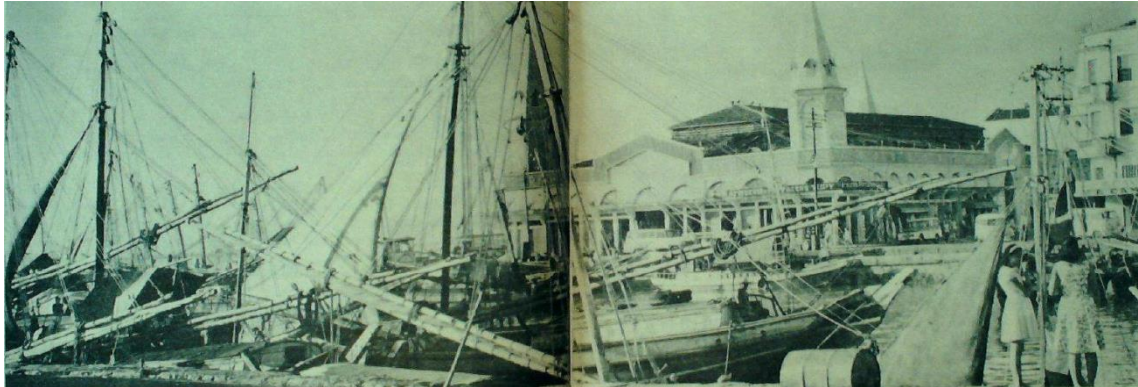
O Ver-o-Peso funciona como espaço de abastecimento comercial, com intenso movimento de trabalhadores e classes sociais onde se formam teias energéticas, resultantes das práticas de comercialização, em torno da qual, podemos perceber condutas cotidianas de trabalho, que são atravessadas por relações sociais multifacetadas e heterogêneas. (LIMA, 2008).

Como podemos encontrar em Lima (2008, p. 40), ao longo dos séculos múltiplas mudanças ocorreram na área no Ver-o-Peso, no aspecto físico e geográfico, como o aterramento do espaço alagadiço, estruturação do porto, alargamento e pavimentação das ruas, assim como, a “criação do mercado Francisco Bolonha (mercado da Carne), ainda no final do século XIX e no início do século XX; também a construção do mercado de ferro (mercado do peixe), em 1901”.

¹³ “O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido. Pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias.” (IPHAN, 2014). Ver mais em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acesso em: 06 de Fev. 2019

¹⁴ Autarquia federal, associado ao Ministério do Turismo, que se refere a proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro”. (IPHAN,2014).

Figura 3: Doca do Ver-o-Peso e Igarapé Piri, recebia barcos em ritmo frequentes



Fonte: Penteado V.2 (1986).

Penteado (1986), ao reconhecer essas mudanças, sinaliza três mercados que formaram este espaço, o Mercado de Ferro, Mercado da Carne e o Mercado da Praia, que atuava como uma grande feira, à céu aberto.

Situado ao ar livre, na faixa de cais limitada pelas águas da baía do Guajará e pelos edifícios do Mercado de Ferro, da recebedoria e do frigorífico, era um espaço urbano ocupado permanentemente por uma feira, na qual as mercadorias, na mais completa desordem, se espalhavam pelo chão: cestas de fibras vegetais, louças e panelas ordinárias, paneiros de carvão, paneiros de farinha de mandioca, cachos de bananas, vasos e potes de cerâmica; em tabuleiros toscos e improvisados, viam-se algumas verduras e legumes, utensílios de uso doméstico e as indefectíveis ervas da Amazônia, usadas como medicamentos e como perfumes, ou, ainda, para atrair a sorte ou, ao contrário, para afugentar o olhado, arranjar namorado, desfazer intrigas, atrair negócios, etc. (PENTEADO, 1986, p.246).

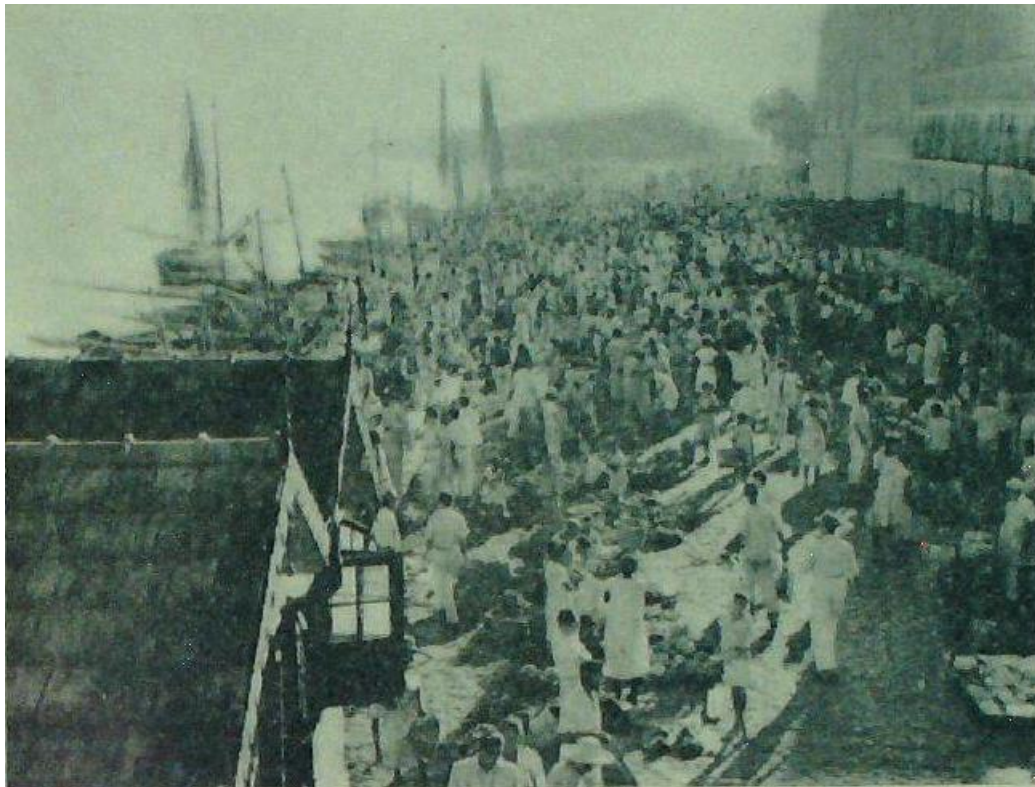
Imagem 5 e 6: Mercado de Ferro/Carne – Ver-o-Peso

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

As paisagens que caracterizam a feira do Ver-o-Peso são ressignificadas ao longo do tempo, mas permanecem como uma continuidade das práticas sociais estabelecidas neste lugar desde a gênese do Mercado da Praia, como pontuado pelo autor.

Ainda conforme Penteadó (1986), o mercado da Praia seria um espaço que o belenense poderia passar o dia inteiro caminhando e de tudo encontrar, para comer e beber, para ver e escutar. Para Wilma Leitão (2010, p. 22) “este lugar pode ser entendido a partir de seus próprios termos, buscando identificar sociabilidades e princípios organizativos reconhecidos por aqueles que ali trabalham e circulam”. Desta forma, segundo a autora, as relações sociais produzidas e reproduzidas nesse ambiente são resultado de misturas e encontros de distintas classes sociais, entre o caboclo (RODRIGUES, 2006), o homem da cidade e os viajantes.

Figura 4 – Mercado da Praia em 1948.



FONTE: Penteadó v.2, (1986).

A concentração de pessoas em grandes praças públicas, objetivadas por interesses particulares, fundamenta o elo entre necessidades pessoais e a busca de concretização de tais atividades. São fatores que se entrecruzam “entre diferentes fluxos mediante a articulação de redes com objetivos semelhantes e em comum” (RIBEIRO, G, 2010, p. 31).

Lima (2008) salienta que a feira centraliza o desenvolvimento econômico da região do comércio de Belém; ramificando-se entre as ruas históricas e estreitas à sua confluência simbólica, econômica e cultural. Nessa mesma direção, pode-se dizer que feiras e mercados “são indissociáveis de práticas sociais e redes de relações articuladas com o espaço e com o tempo, constituem lugares onde são produzidos por significados e memórias sociais”. (p.85-86).

Para Penteadó (1968, p. 215), o desenvolvimento da capital paraense está intimamente ligado ao mercado do Ver-o-Peso, relacionado sobretudo, aos bairros do Centro Comercial de Belém, no qual denomina de “região de Comércio” ou no “coração da cidade”.

Dentro da aglomeração “belemense”, não constitui tarefa difícil distinguir a área central, que corresponde ao “coração da cidade”; toda a população sabe apontá-la, pois é comum se ouvir a expressão “ir ao comércio”, como designativa do centro de Belém, e, nunca, “ir a cidade” ou “ir ao centro”. Nisto o belemista reconhece, prontamente, que o centro da cidade é onde se localiza o comércio que é, sem

dúvida, a mais expressiva de todas as atividades que se desenvolvem na capital do Pará. (PENTEADO, 1968, p. 215).

Desse modo, como apresentado anteriormente, a posição do engenhoso mercado fez com que o crescimento da área comercial central expandisse para outras regiões. A grande demanda em busca de serviços e preços acessíveis de produtos levou moradores a buscarem no centro, que se desenvolveu e constitui como um espaço de oportunidades de trabalho, de ofícios e ocupações. A grande variabilidade de atividades no centro comercial instiga a curiosidade de compreender as relações de trabalho que se potencializam ao longo dos séculos na região.

1.1.1 Itinerários na feira

Ao caminhar pelo calçadão do “Veropa”, termo carinhoso que os paraenses o denominam, podemos perceber a magnitude das relações dentro desse “mundo do trabalho” (LEITÃO, 2010). Ao locomover-se na feira, você se depara com as donas de barracas de ervas, vendendo cheiro do Pará, óleo de copaíba, sabonete de andiroba, sabonete do amor, pomadas milagrosas, perfumes “mágicos” que prometem chamar freguês, fragrâncias denominadas de: “chora nos pés quem não te quer”, “amansa a sogra”, “chama homem”, “chama dinheiro”, banho de arruda, olho de boto, chá para controle do colesterol, “açoita cavalo”, chá do “pau tenente” para curar a moleza na cama, casca de mutamba preta, óleo de mamoa, etc. O que quer que se tenha em mente em termos regionais ou industrializados é encontrado nesse espaço.

Imagem 7 e 8: Setor de ervas – Banca com banhos regionais, fragrâncias e ervas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O movimento frenético da feira mistura-se com ruídos de ônibus e carros, os feirantes atraem fregueses para olhar suas bancas, com promoções diárias dos produtos, “*três por cinco*”, “*eu faço um preço bom para você*”, “*aproveita a promoção*”, “*aqui da minha banca é melhor*”, ao mesmo tempo que carros de som improvisados em bicicletas vendendo Cd’s de músicas regionais, conhecidas como “as marcantes”, (músicas antigas que fazem parte das festas do paraense), com mil a cinco mil músicas por cinco reais, animam o ambiente. (CASTRO, 2018).

Marina Castro (2018) ao dissertar sobre as formas de sociabilidade e sensibilidades na feira do Guamá, na sua tese de doutorado “Socialidades e sensibilidades no cotidiano da Feira do Guamá: uma etnografia das formas sociais do gosto”, feira essa, que também situa-se na cidade de Belém, nos auxiliou, a partir da sua etnografia, a atentarmos a percepções sensoriais que atravessam esses espaços de feiras, como também as suas particularidades, atribuídas aos movimentos internos e externos que conduzem a construção espacial e simbólica partilhada entre os grupos sociais que dão vida a esses espaços.

Dessa forma, portanto, os ritmos e intensidade das relações sociais que se formam, entrelaçadas com essas manifestações coletivas, influenciam os comportamentos dos atores que participam desses espaços. A percepção dessas formas sociais, emaranhadas com o campo sensorial, impulsionam e motivam os sentidos e as experiências na feira. (CASTRO, 2018).

Homens conversam sobre times de futebol e sobre os campeonatos paraenses, escuta-se em meio às conversas gargalhadas e frases, como por exemplo: “*fala sofredor!*”, “*e aquele teu timinho?!?*”, relacionadas às disputas internas entre torcedores de times opostos. Ao seguir caminhando, avistamos pessoas atentas nas paradas de ônibus, aguardando para voltar para casa ou se deslocar para o trabalho. Ao mesmo tempo, pessoas fazem lanches rápidos e devoram os famosos “*completos*” (salgados e suco no valor de 3,00 reais), em carros de lanches ou mesmo almoçando no setor de refeição, saboreando um prato de 15 reais, com direito à tigela de açaí no final. Essas e outras relações sociais tecem o cenário da feira.

As experiências sensoriais a que estamos naturalmente submetidos quando mergulhamos na paisagem de um lugar, no caso, de uma feira, não constituem, por assim dizer, um mero acaso. Não são experiências ocasionais, ou ocorrências, meramente. Na verdade, elas estão disponíveis às pessoas ali presentes na sua vida cotidiana e são parte integrante das estratégias que essas pessoas utilizam na sua pragmática, no uso que fazem do mundo. (CASTRO, 2018, p.31).

Entendo que, por meio da ocupação e apropriação em espaços centrais citadinos, há o desenvolvimento de novas maneiras de apoderamento, que configuram novas formas e dinâmicas de atuação das sujeitas que estão localizados dentro dessas práticas. Em vista disso, as práticas que ocorrem na feira do Ver-o-Peso e em seu entorno, por meio das interações sociais entre os sujeitos, representam a crescente e expressiva atuação de homens e mulheres situados no setor informal, que por sua vez, participam desses campos sensoriais.

A feira é marcada por muitos trabalhadores ambulantes, que ocupam as calçadas e corredores com venda de brinquedos, calculadoras, sandálias, biscoitos, castanhas, etc. Juntamente com as bancas de vendedores de farinha, camarão seco, hortifrutis, polpa de frutas, ervas e etc. Nesse espaço, ocorrem a mistura e o entrelaçamento das atividades comerciais entre feirantes e vendedores ambulantes.

Imagem 9: Feira do Ver-o-Peso com visão ampliada da circulação de pessoas e carros.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

As pessoas se misturam, formando um grande espaço híbrido de relações de compra e vendas, motivados a finalidades próprias de cada indivíduo. Andar na feira exige uma certa estratégia para esquivar-se da grande movimentação. O corpo manifesta todos os sentidos sensoriais, o olhar mais atento sincronizado com a audição percebe sons em todos os graus e

intensidades, a atenção é redobrada para evitar qualquer situação desconfortável em relação a pequenos furtos, corriqueiros nesse espaço. e o próprio deslocamento (CASTRO, 2018).

A antropóloga Wilma Leitão (2010, p. 26) evidencia que “o Ver-o-Peso pode provocar a sensação de bagunça, tamanha a diversidade das atividades observadas em concorrência pelo espaço”. A heterogeneidade da população que frequenta esse espaço é extremamente pertinente para análises sociais. A feira torna-se aglutinadora de rodas de amigos para o almoço na barraca da dona Osvaldina, no setor de refeições, para degustar uma cerveja gelada com um prato de camarão fresco e uma tigela de açaí.

O espaço desfruta de atrativos singulares que encantam turistas, com as belezas particulares encontradas na feira e suas cores vibrantes, com cheiros inconfundíveis, realçados pelos ventos da Baía do Guajará.

Nesse ínterim, foi observado também, a diversidade de instrumentos de trabalhos utilizados por vendedores de rua. Sem dúvida, os mais conhecidos são o “*Boi-sem-rabo*” (carro de madeira, utilizado para descarregamento e transporte de mercadorias, como também para suporte de venda, em que um aluguel é pago ao proprietário), e o “*Bigode*”, (caixas de plástico e papelão que são colocadas no chão da feira, com frutas e legumes em cima).

Pode-se encontrar na feira caixas de isopor, painéis de ferro para a venda de óculos, bonés e relógios, mesas ou tabuleiros de madeira, carrinhos e cestas de supermercado, caixas de papelão, garrafas de plásticos utilizadas para venda de Tucupi, desinfetante e temperos, como: pimenta de cheiro e pimenta do reino; sacos plásticos, etc. Todos os materiais passam por ressignificação de uso e transformam-se em utilidades para o suporte de venda.

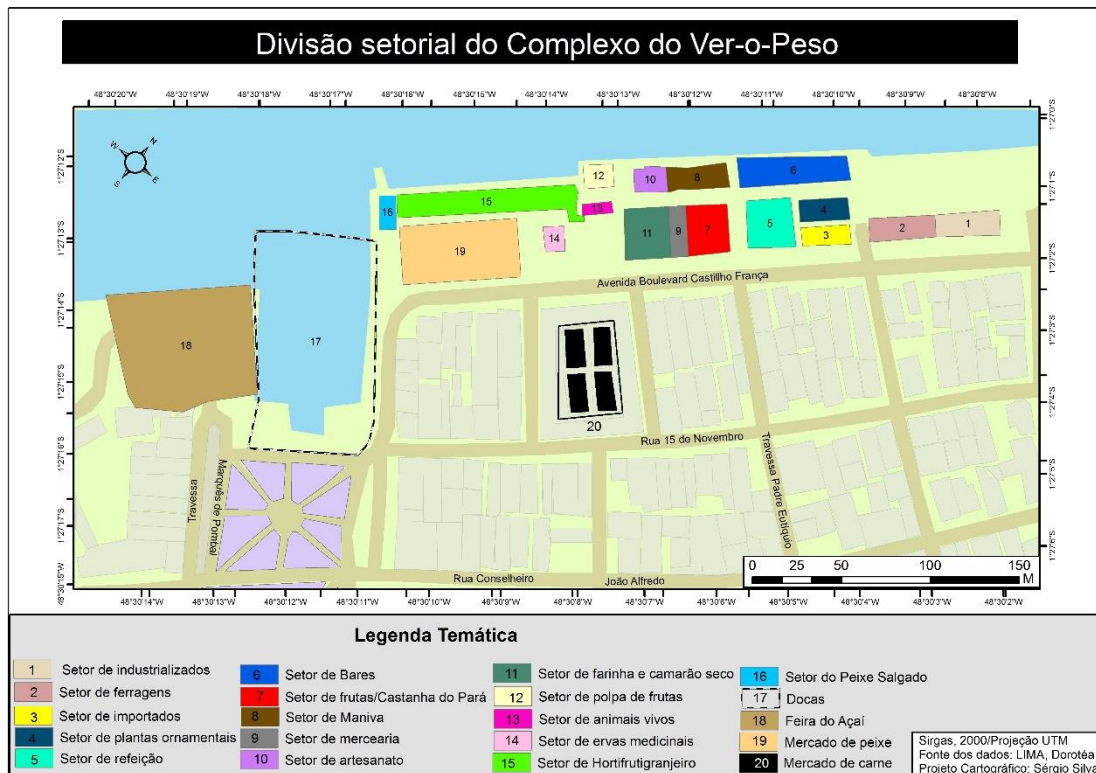
Segundo a antropóloga e professora da UFPA, Marilu Campelo (2002), a feira abriga um total de 873 feirantes cadastrados e aproximadamente entre 1.000 a 1.500 vendedores ambulantes. Para Lima (2008), a feira teria aproximadamente 4 mil trabalhadores entre cadastrados e ambulantes. Durante minhas pesquisas em campo não foram disponibilizados dados oficiais¹⁵ sobre o número de trabalhadores na feira, por ser complexo o acesso total do número de pessoas que circulam pelo lugar.

Conforme se caminha pelos corredores da feira, torna-se maior a possibilidade de se atentar às minuciosidades internas que formam esses labirintos. Campelo (2002) apresenta os

¹⁵ A Secretária Municipal de Economia – SECON, responsável pela administração e controle do Ver-o-Peso, assim como, pelos demais mercados e portos da região, justifica que o número de trabalhadores na feira do Ver-o-Peso varia, sobretudo, por motivos dinâmicos, entre eles, falecimento, gestação e abandono; no qual, mostraram-se fatores, para a não contabilidade oficial da população ativa em serviços ou prestação de serviços no espaço. O número varia entre 850 a 880 permissionários cadastrados, segundo levantamento junto a SECON em 2019.

setores da feira e os classifica em: Setor de Hortifrútiis, Setor de ervas e plantas medicinais, Setor de farinhas, Setor de camarão seco, Setor do Tucupi, Setor de pimentas, Setor de maniva, Setor de Artesanato, Setor de temperos, Setor de Plantas, Setor de animais vivos, Setor de polpas de frutas regionais, Setor de refeições e Setor de industrializados.

Figura 5: Divisão setorial do complexo do Ver-o-Peso.



Fonte: Lima, Dorotéia (2008). Via Sirgas, 2000/ Projeção UTM. Projeto Cartográfico: Sérgio Silva, 2020.

Para a etnografia que se segue, os setores em que realizamos pesquisa de forma mais densa, foram: 01- Industrializados, 03- importados, 05- refeições, 07- frutas/castanha do Pará e por último, 12. o setor de hortifrutigranjeiro. Mas a observação voltou-se fortemente ao “calçadão” em frente da feira.

Diferente de feiras sazonais que possuem suas estruturas formadas todos os dias em meio a ruas públicas e apresentam horários específicos de funcionamento, como a feira de Epatur em Porto Alegre, apresentada por Viviane Vedana (2004), no Ver-o-Peso o movimento tem início ainda na madrugada, por volta das 04 horas da manhã e o seu ápice de vendas, ocorre com o nascer do sol, entre 06 e 07 horas da manhã.

O comércio inicia extremamente cedo, na feira todas as barracas começam por volta das sete horas da manhã, de segunda a sábado e aos domingos há menor fluxo, apenas com os setores de refeição, artesanato, ervas e hortifrutis, cerca de 50% do movimento.

Principalmente durante a semana, podemos encontrar mulheres, homens, fornecedores, compradores, todos em intenso movimento desde a madrugada, organizando suas mercadorias para a venda, quando o dia amanhece.

A feira do Ver-o-Peso é responsável pelo abastecimento de domicílios, restaurantes, lojas e supermercados, direta, referindo-nos aos que vão lá comprar, ou indireta, como ponto central na rede mais extensa de mercados e feiras na cidade e de municípios e localidades vizinhas, considerando-se que boa parte de seus consumidores podem ser, por sua vez, feirantes nos bairros urbanos ou em localidades mais ou menos próximas. Recebe a produção que chega pelo rio, das ilhas ou de outros municípios, e também a que chega de caminhão e redistribui as mercadorias vindas do CEASA (Frutas e Legumes). (LEITÃO, 2010, p. 24).

A estética da feira modifica-se constantemente, especialmente relativa aos trabalhadores ambulantes, que por não terem espaço legitimado pela Prefeitura de Belém, localizam-se em pontos estratégicos da feira. A aparência da feira está em constante movimento, adquirindo formas específicas conforme os horários, durante o dia no calçadão e em meio aos corredores.

Há várias feiras no Ver-o-Peso e a melhor maneira de conhecê-las é percorrendo suas vielas e barracas. Este mercado a céu aberto tem na verdade muitos horários e pequenas feiras dentro dele. Horários e feiras se entrecruzam, opõem-se, entreajudam-se e, ao mesmo tempo, permanecem eles mesmos com seus códigos e normas, sua estética e moralidade. (CAMPELO, 2002, p. 47).

Durante a madrugada a agitação das transações comerciais são concentradas na Pedra do Peixe e na feira do Açaí; por volta de 01 da manhã, já é possível ver a movimentação. Barcos chegam das ilhas ao redor de Belém e de outros estados, como de Macapá, com o carregamento do fruto do açaí, que são transportados e comercializados dentro dos paneiros¹⁶. Seu destino são lojas de venda do açaí em vários bairros na Região Metropolitana e demais municípios do Estado.

De forma parecida, na pedra do peixe, o alvoroço de pescadores, carregadores, fileteiros de peixe, balanceiros e compradores, segue a mesma dinâmica. Segundo Silva (2016, p.148), o pescado é apanhado nos rios e na “costa litorânea paraense”. As embarcações ancoram no cais da feira e o descarregamento do peixe é feito a partir de uma rede organizada pelos que fazem parte desse evento.

¹⁶ “cestos produzidos artesanalmente com “cipó ambé ou barba de surubim, são transportados pelos carregadores por cima das suas cabeças, com extrema habilidade de equilíbrio, normalmente são colocados três cestos, respectivamente para o transporte.” (SILVA E SOUSA, 2011, p. 56)

O desembarque se dá através da prancha que liga a embarcação ao porto, isto é à Pedra; o pescado é retirado do gelo das urnas pelo gelador, que, do corredor do porão, arremessa pela escotilha, rapidamente, cada pescado para o convés, onde imediatamente se forma um amontoado de peixes de determinada espécie, momento em que os pegadores os apanham e os colocam nas basquetas, as quais são arrastadas uma a uma até as pranchas, uma emendada na outra e no final dessas, já em terra, está o virador esperando pra coloca-la na caixa do carregador, que por sua vez posicionou sua caixa na balança para ser pesada, momento em que o balanceiro está comercializando com um comprador, o qual contratou esse carregador para levar o pescado até o transporte que levará esse produto ao seu destino final. (SILVA, L. 2016, p. 103).

Minhas interlocutoras movimentam-se por todos esses espaços e tempos, muitas vezes, também modificando suas atividades, serviços e mercadorias comercializadas no decorrer de suas trajetórias na feira.

1.1.2 Diferenciações de gênero na feira

Nesse universo movimentado, sobretudo, durante a madrugada, repleto de ordenamentos próprios entre os trabalhadores e consumidores, a presença masculina é majoritária, um número pouco expressivo de mulheres é encontrado nesse espaço.

Ana Luiza Ferreira (2009), em sua monografia: “*É trabalho de mulher/ É trabalho de homem: uma discussão sobre gênero no complexo da Feira do Ver-o-Peso*”, aborda as relações de trabalho a partir da perspectiva de gênero (SCOTT, [1989]1995) no mercado do Ver-o-Peso, analisando a predominância das atividades realizadas por homens e mulheres, apresentando os setores da feira onde se localizam com maior frequência, refletindo intensa divisão sexual do trabalho (HIRATA e KÉRGOAT, 2007).

As dinâmicas de trabalho no Ver-o-Peso sofrem uma forte orientação de gênero. De acordo com Ferreira (2009), as atividades nas quais a preponderância é masculina são relacionadas à venda da carne, venda do açaí, desembarque e venda do pescado na *Pedra*, venda de camarão seco e venda de animais. As atividades desenvolvidas por mulheres estão relacionadas à venda de ervas, venda de refeições, venda de polpa de frutas, venda de hortifrutis, venda de artesanato e venda de mingau e café.

Contudo, para além das atividades desempenhadas por mulheres na extensão da feira apresentada por Ferreira (2009), constatamos que outros arranjos laborais são amplamente notórios, tais como o comércio informal, sobretudo, localizado na maior área de movimento da feira, denominado de “calçadão” ou “parada de ônibus”, na Avenida Boulevard Castilhos França, onde interagi com vendedoras de castanhas, água, lanches e etc. A autora contribui para evidenciar as diferenciações de gênero nas práticas e relações de trabalho na feira. Nós

percebemos que além das mencionadas pelas autoras, há outras inúmeras possibilidades de trabalho percebidas e desempenhadas majoritariamente por mulheres.

Enquanto os homens carregam e transportam os frutos do açaí, a presença feminina está localizada nos bares. As mulheres presentes oferecem nas barracas bebidas, refeições, lanches e caldos, e são mulheres na faixa etária de 23 a 47 anos. Foi também observado nesse espaço a venda de “churrasquinho de gato” (típica venda de churrasco em espetos), predominantemente realizada por mulheres. Localizadas na entrada da feira do açaí, as vendedoras ambulantes, estacionam sua banca entre as 19 e 22 horas para as vendas. Ao lado, ficam localizadas pequenas vendas de bebidas, cigarros e cafés, onde também são mulheres que atendem. Nos banheiros localizados na feira, encontramos também mulheres trabalhando no regime de 12 por 36 horas.

Imagem 10: Setor de refeições, Feira do Açaí.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

O carregamento dos paneiros de açaí, que pesam aproximadamente 15 quilos, é somente realizado por homens. Grupo que é composto na faixa etária entre 20 a 60 anos. Os homens trabalham vestindo bermudas, e com grande frequência é observado homens sem camisas, devido ao esforço físico que acarreta em transpiração corporal demasiada. Ao perguntar para um carregador de açaí na feira sobre como é a relação dos homens com as poucas mulheres que frequentam esse setor, ele disse:

[...] A gente tem muito respeito pelas mulheres aqui que trabalham também... Elas sempre atendem a gente bem... Toda hora tem cafezinho, caldo ou cerveja pra gente comprar com elas... Realmente aqui é um setor de homens... Você não vai ver

mulher carregando panela de açaí na cabeça pra lá e pra cá... Não tem como, né... Isso é trabalho pesado mesmo... A gente carrega é de três panelas um em cima do outro... O chão daqui também é cheio de imperfeições... Se você tiver transportando um panela e acabar olhando pra baixo, o panela cai no chão... Você perde a mercadoria e é só prejuízo... Mas as meninas daqui são mulheres muito trabalhadoras mesmo... Todas, sem exceção. (Benedito, carregador de açaí, 2019).

Mayara Lima (2013, p. 75) aponta que “a construção social do feminino em lugares em que os códigos não permitem facilmente a participação da mulher”, realça a divisão sexual do trabalho, como podemos observar nos diferentes setores do Ver-o-Peso.

Para além das mulheres que trabalham de forma regular nesse setor, outras vendedoras, aparecem por volta das 4 e 5 horas da manhã, vendendo cafezinho, tapioca, pão com manteiga, churrasquinho; outras na pedra do peixe, em um número relativamente menor, filetam os peixes, em cima de mesas de madeira cobertas por papelão, trabalhando, em geral, com a participação de algum homem¹⁷.

¹⁷ No decorrer de minhas idas a esse setor, não encontrei mulheres trabalhando sozinhas filetando os peixes na pedra.

Imagem 11 e 12: Feira do Açaí movimentada à noite.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Podemos encontrar também no decorrer dos demais setores na feira essa divisão das atividades, onde mulheres são vinculadas à venda de comidas, polpa de frutas, ajudantes de donos de barraca de hortifrutis, vendas de farinha, venda de churrasquinhos, café, tapioca, mingau e etc.; e os homens ao transporte e carregamento do açaí, à venda e cortes de carne, peixe, camarão, maniva, em acordo com Ferreira (2010).

Leitão (2010) chama atenção para a “concretização de fases” na vida dos trabalhadores que, muitas vezes, iniciam seus primeiros contatos de trabalho a partir de familiares, como

ajudantes, carregadores, vendedores de sacolas, ainda muito jovens. Muitos encontram na feira o lugar primordial de sustento em toda sua trajetória de vida.

1.1.3 Trabalho e memória

Observamos na feira a existência de atividades vinculadas a redes familiares que atravessam gerações, sendo construídas no resgate das memórias de algumas trabalhadoras, como Dona Telma, 49 anos, vendedora de farinha e Tereza, 37 anos, vendedora de hortifrutigranjeiro.

[...] Eu vim pra feira com uns 18 anos, por aí. Minha mãe começou a trabalhar com uma banquinha de café e tapioca com uns 20 anos, trabalhou aqui a vida toda, faleceu em 2008. Minha filha perdeu o emprego e já tá aqui, me ajudando há quase dois anos... O marido dela saiu do emprego também e veio trabalhar aqui. Ele tem uma banquinha de relógio, capa de celular essas coisas, sabe... Tem um primo dele também, que eu nem conhecia, que trabalhava lá pra pedra do peixe. (Dona Telma, 2019).

[...] Tudo começou quando meu marido, através de um primo de segundo grau dele, veio trabalhar aqui na feira... Esse primo do meu marido já conhecia um pessoal daqui da feira e uns que trabalhavam na João Alfredo também... Meu marido montou uma banca lá na João Alfredo, ficou lá uns três meses, mais não se adaptou com os outros vendedores de lá, que não tratavam muito bem ele, aquele negócio de rixa sabe... Aí ele conseguiu um ponto pra ele na feira, foi na Prefeitura, tudo certo... Mas acabou que ele tinha que pagar muita coisa, teve alguns problemas e não conseguiu manter o ponto dele... Como eu já tinha vindo com ele algumas vezes, eu decidi vim trabalhar no lugar dele, porque ele teve que se afastar por problema de saúde... Foi assim que eu comecei aqui no veropa. (Tereza, 37 anos, 2019).

A construção da memória, no presente, realça componentes particulares e subjetivos nas construções das lembranças em meio social (BARROS, 1989). Cada indivíduo narra, em sua biografia, trilhas próprias, que objetivaram uma realização pessoal, em um determinado tempo e espaço.

A memória simboliza um episódio social, no ato de recordar nos servimos de campos de significados, que originam quadros sociais que nos servem como ponto de parâmetros. A memória coletiva pressupõe a inserção dentro das formas de consciência coletiva. Assim, por memória coletiva, podemos afirmar, que seria o passado que se propagou e ainda vive nesta consciência, em um tempo corrente que carrega a própria vivência do grupo. (BARROS, 1989, p. 30-31).

Myriam Barros (1989, p. 33) sugere que os “quadros sociais no qual fazem parte, possibilitam os indivíduos à integração ao conjunto”. O sentimento de pertencimento ao meio

social é fortalecido ao recordar essas memórias entrelaçadas como “elos vivos entre as gerações”, como sugere as falas de Dona Telma e Tereza.

Ao dialogar com essas categorias, as construções de vínculos no interior do grupo social com quem pesquiso, manifestam as trajetórias que são desencadeadas na formação de identidades no espaço da feira, enquanto um “campo de possibilidades” (VELHO, 2003) a ser vivido, através de formas alternativas de trabalho.

É um a fusão de componentes que fazem com que nesse universo as realizações sociais, coletivas e individuais, aconteçam para além da ótica economicista. É possível encontrar na literatura¹⁸, em crônicas¹⁹, na poesia²⁰, em músicas²¹, no teatro²², enredo de escolas de samba²³, documentários²⁴, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, etc. uma vasta compilação de produções que evocam a diversidade e magnitude cultural do Ver-o-Peso. (LIMA, 2008).

Assim sendo, o Ver-o-Peso está presente em inúmeros imaginários; da cientificidade produzida em espaços acadêmicos, tal como, no conhecimento popular, dos moradores da cidade e ilhas ao redor de Belém. Artistas paraenses reproduzem em forma de canções a vida animada que a feira proporciona. Passar pela feira e encontrar cantores gravando clipes, tornou-se corriqueiro. São artistas que encontraram formas de homenagear o Ver-o-Peso, assim como, reproduzir o cartão postal belenense.

Em síntese, a representação do Ver-o-Peso como principal articulador de relações e práticas sociais na cidade, ressignifica os sentidos e formas de pensar esse lugar, através de compreensões de olhares distintos que se entrecruzam entre desejos múltiplos.

¹⁸ Bruno de Menezes, (1959), João de Jesus Paes Loureiro (1983), Max Martins (1992);

¹⁹ Campos Ribeiro, (1996), Eneida de Moraes,(1962);

²⁰ Manoel Bandeira, (1927), Mario de Andrade, (1927); Dalcídio Jurandir,(1960);

²¹ “Ver-o-Peso e Preamar”, música do compositor paraense Albery Albuquerque; Pinduca – “A feira do Ver-o-Peso” (2007), “As boeiras do Ver-o-Peso” (2016), Dona Onete – “No meio do pitiú” (2016), Sampleados “Especial do Ver-o-Peso” (2017), “Ver-o-Peso” – Leno Rocha (2017), Banda Marmenino “Dona coló mandou avisar” (2018); “Ver-o-Peso” – Graciliano Ramos (2012); “Carimbó do Ver-o-Peso” – Mestre Verequete (2008), entre outras;

²² Grupo Experiência – Companhia de Teatro paraense;

²³ Mocidade Olariense – Vem Ver o Peso Também – 1982, Escola de samba “Deixa eu falar” – “Ervas da floresta, cheiros do Pará são magia na deixa falar” (2009), Academia de samba jurenense – “Belém, vem Ver-o-Peso de nossa arte” (2007), Embaixada do samba Império Pedreirense – “Ver-o-Peso, ver o tempo, portal de encantos e magia, cenário vivo da cultura popular” (2004).

²⁴ Todo dia é dia de feira: trabalhadores na feira de alimentação do Ver-o-Peso", - Rosa Rocha (2015).

1.1.4 Mudanças na estrutura da feira

Apresentar um recorte de práticas sociais vivenciadas no Ver-o-Peso, é ressaltar que estamos falando de um lugar não marcado pelo aspecto estático. Através da observação, podemos verificar múltiplas articulações e interpretações do espaço social, manifestadas em performances dinâmicas.

Com o passar do tempo, ocorreram mudanças no Ver-o-Peso, mas sua importância resiste à concorrência de grandes centros de abastecimento que proliferam em Belém²⁵. As reformas estruturais ocorridas na feira privilegiam seu resgate enquanto patrimônio material e cultural amazônico. (LIMA, 2008).

O projeto de revitalização da feira apresentado em 2016, segundo dados da Prefeitura municipal de Belém, em conjunto com a Secretária municipal de economia - SECON e a Secretária Municipal de urbanismo – SEURB, estava sob cumprimento da empresa contratada, DPJ Arquitetura e Engenharia Ltda. Esse projeto de mudanças, foi apresentado no mesmo ano ao IPHAN, mas os feirantes, na época, não haviam sido informados sobre a reforma, sendo o projeto aprovado, sem a participação dos trabalhadores da feira. Assim, feirantes e vendedores informais, contestaram junto à prefeitura as mudanças que seriam impostas à feira. Diante disso, o IPHAN constatou diversos itens que precisavam ser modificados para a reforma acontecer, tanto para a adequação dos trabalhadores, como para a preservação do patrimônio cultural.

[...] Eu lembro que nesse período tava acontecendo aqui um maior alvoroço por parte das autoridades, em relação ao projeto de reforma... Desde o final de 2015 a gente já tava ouvindo falar disso... Acontece que o projeto enviado da Prefeitura para o IPHAN foi baseado na fiscalização de pessoas que não trabalham todos os dias aqui... Tinha coisa que não se adequava pra gente que vive quase o dia todo aqui... Nós, trabalhadores, fomos atrás da SECON, do Prefeito, das secretarias... Pra acontecer algo de mudança aqui é necessário que ouça quem trabalha aqui e não fazer baseado na fiscalização... Eles não podem afirmar o que é melhor pra gente, sem antes nos ouvir e ver o que precisamos aqui. (vendedor de lanches, 2019).

Campelo (2002, p. 59) apresenta que “o complexo passou por um projeto de revitalização da Prefeitura Municipal de Belém para atender as necessidades estruturais, com o intuito da restauração física do espaço, ocorrendo, dessa forma, o primeiro grande projeto de

²⁵ A cidade acompanha a instalação de grandes redes varejistas e atacadistas, presentes em quase toda região metropolitana. Esses grandes empreendimentos, de certa forma, provocam uma certa instabilidade econômica em relação a mercados populares e feiras livres (CAMPELO, 2002).

transformação, em 1999, na gestão do ex prefeito Edmilson Rodrigues”²⁶. Segundo a autora, a feira encontrava-se em condições deploráveis de funcionamento, afastando turistas devido à falta de ordenamento e outras mazelas sociais ao redor, que comprometiam o patrimônio cultural paraense. A reforma foi concluída somente em 2004.

A primeira reforma ocorreu em 1968, no governo Alacid Nunes; Em 1980, na gestão Almir Gabriel, com a padronização das barracas, a ampliação e reordenamento da feira, a reconfiguração da Feira do Açai e a desobstrução da Ladeira do Castelo. Em 1999, na administração do prefeito Edmilson Rodrigues, com a contratação através de concurso público, de um projeto de reforma de toda a feira. Esta reforma foi iniciada em 1999 e concluída em 2004, após 4 etapas de construção. (IPHAN, 2015).

Lima (2008, p. 56) aponta que na gestão do prefeito Edmilson Rodrigues, o projeto de revitalização da feira entre 1999 a 2004, ocorreu com a cooperação dos feirantes “com foco na valorização das práticas cotidianas e da cultura local, mas também visando promover o Ver-o-Peso em nível nacional e internacional com fins turísticos”.

Na gestão do prefeito Zenaldo Coutinho²⁷ (2013-2020), várias reuniões públicas aconteceram no auditório do Mercado de Carne Francisco Bolonha, sob a solicitação dos feirantes, para a demanda de mudanças urgentes no espaço. Em 2016, após o anúncio do projeto de reforma básica da feira, ao fim da audiência pública promovida pelo Ministério Público Federal, a Prefeitura se comprometeu com as mudanças urgentes que a feira necessitava.

A última reforma ocorreu aproximadamente 16 anos atrás e o cenário do maior cartão postal do Estado do Pará sofre atualmente com o descaso público e do abandono. De acordo com Maria Tereza, 63 anos, que trabalha na feira, no setor de farinha, desde os 17 anos de idade:

[...] Os governos foram passando e na tentativa de organizar a feira, falo da feira em si, porque é onde trabalho desde nova aqui na farinha, sempre desejei que essas intervenções melhorassem o espaço pra trabalhar, ficando menos bagunçado, cada feirante com a sua barraca... Que as coisas, na verdade, ficassem tudo direitinho. O governo do Edmilson foi pra mim o melhor, demorou, mas gostei demais do que ele fez por nós, daqui. Veja só, faz muitos anos que não mexem em nada por aqui, quando mexem é uma coisinha ali... A gente trabalha diferente do supermercado, a gente tem nossas balanças que é velha, mas funciona bem, a gente tem o nosso jeito de trabalhar e vender aqui, não saberia hoje trabalhar com a mudança, sei lá... Essas coisas modernas chegando aqui. Penso também que essas mudanças que

²⁶ Atuou como Prefeito da cidade de Belém nos períodos de 1 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2004, assumindo a gestão do município durante dois mandatos sucessivos, pelo partido dos trabalhadores (PT). Mais recentemente, foi vitorioso nas eleições de 2020 e acaba de iniciar novo mandato enquanto prefeito. Câmara dos Deputados. Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/deputados/134812?ano=2015>>. Acesso em: 09.05.2020

²⁷ Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB.

querem fazer hoje em dia aqui, pra transformar nosso mercado, não vai ser bom pra todo mundo. Eles chamam a gente pra ir pra reunião, a gente vai, participa, espera acontecer e vai aguardando um dia de cada vez essas mudanças. (Maria Tereza, 2018).

Vários são os relatos de feirantes que falam sobre a necessidade de uma nova reforma, uma vez que o espaço físico se encontra com graves problemas, tais como: a má conservação de equipamentos, infiltrações, pavimentação degradante da área, cobertura das lonas com vazamentos, falta de abastecimento de água regular, organização das barracas, falta de sinalização de setores, violência e etc. Demonstrando a extrema necessidade de adequação do espaço.

Dona Conceição, 57 anos, do setor de refeições, lembra de intervenções passadas e destaca a necessidade de nova reforma:

[...] Eu trabalho aqui na feira desde 1979, quando iniciei meu trabalho aqui, a feira tinha passado recentemente por uma intervenção, que foi em 77, de lá pra cá a gente foi vendo mudanças acontecendo por aqui, pra quem ta acostumado com esse jeito da feira, com esse novo projeto de revitalizar, possa ser que as coisas fiquem melhor, até a gente se acostumar com o novo espaço pode levar um pouco de tempo, mas pra qualquer pessoa que chega aqui, passa de ônibus ou carro, vê que a feira tá abandonada, as barracas tudo indo de mal a pior, o chão feio, as infiltrações, quando chove, o período das chuvas aqui em Belém é caótico, a gente tem que ser rápido pra cobrir as mercadorias, o pessoal da prefeitura, da Secon, estão toda semana na feira, eles vistoriam, limpam, tem a coleta do lixo, tentam fazer o trabalho deles. Mas o poder público deveria olhar com mais cuidado e zelo por nós, pela nossa associação de trabalhadores feirantes...daqui da feira que tiramos nosso sustento, a gente cuida dela e queria que eles cuidassem melhor da gente também. (Dona Conceição, 57 anos, 2019).

Ana Júlia, 36 anos, do setor de hortifrutis, trabalha no Ver-o-Peso há seis anos, corrobora com a necessidade:

[...] a mamãe já trabalha aqui desde 1993, já tem quase 27 anos dela, só de Ver-o-Peso, através dela e do meu falecido pai que me criaram, através dos trabalhos aqui, que acabei, após terminar o ensino médio e ter passado por algumas lojas, que vim com meu esposo pra feira... A gente sente a necessidade, assim como qualquer feirante ou pessoa que trabalha aqui, de uma reforma, já está tudo sucateado, a gente deixa de receber pessoas aqui e até mesmo turista, porque a feira tá feia, suja, sem dizer que a segurança do local tem que melhorar e muito... A gente vê e sabe que ao redor da feira tem muito morador de rua e vagabundo, já não basta você estar em meio a seu lugar de trabalho com condições ruins e ainda tem outros fatores aqui. Esperamos que a reforma seja positiva para todos, com aumento dos boxes, pavimentação, ordenamento das vias aqui e aumento da segurança, eles enrolam que só a gente e demora muito pra ver o andamento dessa proposta, tem as reuniões no instituto Ver-o-Peso que convida os feirantes, junto com a Associação dos Feirantes e outros representantes daqui que se articulam nas reuniões pra cobrar da prefeitura uma resposta urgente. (Ana Júlia, 36 anos, 2019).

A prefeitura de Belém, em razão da necessidade urgente de realizar mudanças, que estavam em processo desde 2016, apresentou, em abril de 2019, o projeto básico de reforma da feira, que iniciou em março de 2020; entretanto, foi embargado pelo IPHAN, devido as obras iniciadas não estarem em acordo com o projeto original. Os feirantes, por intermédio do Ministério Público Federal, solicitaram o não cumprimento das obras, uma vez que a realização da obra não estava de acordo com o que foi apresentando nas reuniões entre a categoria e a prefeitura.

No estacionamento da feira para onde seriam temporariamente transferidos os feirantes, as instalações negociadas e aprovadas deveriam ser de madeira, entretanto a empresa responsável iniciou a construção de barracas de alvenaria e em tamanhos relativamente inacessíveis para a realização das atividades.

[...] Desde o fim da gestão do Edmilson rodrigues, há aproximadamente 18 anos, a gente vê que a feira precisa muito de mudanças físicas. O prefeito da atual gestão se comprometeu com a reforma emergencial, iniciou em março de 2020, só que o trabalho que eles estão fazendo é ruim, de péssima qualidade, eles estão trocando parte do piso, nas barracas do setor de refeições que estão em grande parte rachadas, tem uns 8 setores com barraca de madeira e estão tudo podre em péssimo estado, nós estamos tentando negociar com a prefeitura a reforma pra ver se eles adiantam grande parte dessa reforma, nesse momento que estamos passando de pandemia, 90% das atividades aqui estão paradas, seria uma ótima oportunidade pra adiantar esses serviços... Eles estão trocando a lona do setor de industrializados, colocaram uma lona de má qualidade que rasgou com os ventos da chuva forte... A empresa e os materiais são de péssima qualidade. (Marcus, 2020).

A expectativa dos feirantes é que as mudanças possam trazer melhores condições de trabalho, adequadas às normas da vigilância sanitária, e parâmetros de organização em todos os setores, propiciando um ambiente agradável, limpo e com segurança para atrair fregueses e turistas. Os trabalhadores informais serão/seriam remanejados para um espaço específico de vendas. De acordo com o projeto, durante a reforma, a Prefeitura e a SECON possibilitariam aos vendedores sem registro, se matricular e obter a permissão para atuação dentro da feira, contando com segurança e ambiente de trabalho com maior conforto.

Porém o que foi constatado, através das narrativas dos trabalhadores, é que extensos diálogos entre a categoria de feirantes e trabalhadores autônomos, juntos à Prefeitura Municipal de Belém, referentes ao andamento da reforma e melhoria da qualidade de trabalho, continuarão nos próximos anos, entrelaçados por tensões, antagonismos e resistência entre os sujeitos envolvidos.

Imagem 13 e 14: Visão interna da Feira com a cobertura atual.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Imagem 15: Cobertura aplicada nos setores da feira, realizada na reforma básica urgente em 2020.



Fonte: Captada por feirantes locais, 2020.

1.2 Notas socioantropológicas sobre feiras e mercados

A contribuição teórica produzida em diversas áreas, sobretudo na antropologia e na sociologia, sobre a pertinência de estudos em mercados e feiras, ao longo do tempo, auxiliou nosso estudo, uma vez que feiras e mercados são lugares que evocam infinitas possibilidades de observação e análise.

Ao longo do tempo, sobretudo, a partir do século XIV e XV, como apresenta Fernand Braudel (1996) e Max Weber (1921: 1964), as feiras constituíram-se como lugares marcados pela relação direta entre produtores e consumidores dentro das cidades, que além do caráter economicista, são compostas por identidades, sociabilidades, afetos, resistências e memórias.

Para Fernand Braudel (1996, p.16), historiador francês, as feiras são “mercados elementares entre o campo e a cidade, consideradas como o centro natural da vida social por excelência”. Para Marina Castro (2018, p.15), a feira pode também ser vista como “espaço de troca, de interações, e ser pensada como uma forma social viva e pulsante, que se conforma continuamente a partir das múltiplas interações ocorridas em seus espaços e temporalidades”.

Nessas conformações, espaços de aglomeração de pessoas, com objetivo de consumo e redes de negociação, surgem cenários ricos de possíveis interpretações para os estudos socioantropológicos, devido às diversas formas sociais de interação presentes. São espaços

onde se “tecem a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, (...) a troca de informações (...) serviços, a presença de inevitáveis conflitos e a participação em atividades vicinais”. (MAGNANI, 1996, p.13).

Para além de importantes centros de abastecimento de pequenas cidades e metrópoles, assumem posição essencial na vida social, econômica e cultural, uma vez que esses locais reúnem conhecimentos tradicionais, perpetuados através de gerações, presentes em modos particulares de medir, pesar, negociar, vender e contribuem para a aquisição de novos conhecimentos, como também, espaços marcados por trocas efetivamente, econômicas de bens e serviços (WEBER, 1966).

O fenômeno das feiras e sua importância histórica desperta o olhar para o nível de complexidade estabelecida no espaço físico das cidades. Braudel (1996, p.2) apresenta a ideia de que “não há história simples e linear do desenvolvimento dos mercados” na expansão das cidades, no contexto da Europa do século XIV e XV. A partir das transformações econômicas e estruturais, marcadas pelo mercantilismo, as feiras desfrutaram da ampliação citadina, ligadas ao desenvolvimento dos burgos nascentes.

Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem. Pelo menos vão sobrevivendo e, em dias fixos, ante nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros. Antigamente eram quase iguais: algumas bancas, um toldo contra a chuva, um lugar numerado para cada vendedor, fixado de antemão, devidamente registrado e que é necessário pagar conforme as exigências das autoridades ou dos proprietários; uma multidão de compradores e uma profusão de biscateiros, proletariado difuso e ativo: debulhadoras de ervilhas que têm fama de mexeriqueiras inveteradas, esfoladores de rãs (que chegam a Genebra e a Paris em carretos inteiros, de mula), carregadores, varredores, carroceiros, vendedores e vendedoras ambulantes [...] (BRAUDEL, 1996, p.15).

Braudel (1996, p.18) apresenta a ideia de que entre os séculos XV e XVIII, especialmente a partir de meados do século XV, o ocidente progrediu com “ênfase, no papel articulador dos mercados urbanos”. Referenciados, ainda segundo o autor pelo caráter de deslocamento de comerciantes, com âmbito comercial, escoamento de trocas e consumo de especiarias, as feiras deram lugar a continuidades ininterruptas de trocas e transações econômicas em espaços públicos, que estão presentes nas sociedades até os dias atuais.

Os mercados e feiras possuem trajetórias específicas, relacionadas à caracterização da economia base de cada sociedade. Braudel procurou evidenciar o lugar dos mercados, como espaços históricos, sociais e culturais, presentes em quase todas as sociedades e sua

permanência como mercados elementares, reguladores e fiscalizadores que movimentam a economia das cidades.

Compreendemos que os mercados públicos e feiras livres pertencem a um fenômeno histórico da economia mundial, como lugar de produção, escoamento, permutas, negociações e empreendedorismo que resistem ao tempo, com novas dinâmicas entrelaçadas à alma dos que neles resistem e sobrevivem em meio citadino. (BRAUDEL, 1996).

Para Weber (1964, p.67), uma das características primordiais ao se tratar do termo cidade, diz respeito “a existência de um intercâmbio regular e não ocasional de mercadorias na localidade, como elemento essencial da atividade lucrativa e do abastecimento de seus habitantes”. A presença de redes de fornecimento, distribuição e trocas, entre o urbano e o que é produzido em meio rural, juntamente com o alcance de bens de consumo produzidos por comerciantes de outras regiões, definem a cidade como um “local de mercado”.

Toda cidade no sentido que aqui damos a essa palavra é um “local de mercado”, quer dizer, conta como centro econômico do estabelecimento com um mercado local e no qual em virtude de uma especialização permanente da produção econômica, também a população não-urbana se abastece de produtos industriais ou de artigos de comércio ou de ambos e, como é natural, os habitantes da cidade trocam os produtos especiais de suas economias respectivas e satisfazem desse modo suas necessidades. (WEBER, 1921: 1964, p. 68).

Para Weber, a associação ao termo cidade, instaura-se como elo fundamental entre o abastecimento econômico das necessidades locais de consumidores e produtores. Nesse sentido, ao analisar o grupo heterogêneo de trabalhadores no Ver-o-Peso (feirantes, ambulantes, carregadores de pescado e açai e etc.), esses, assumem a posição central, sobre o deslocamento das mercadorias na feira e na cidade, por se tratar de espaços centrais de rotas comerciais da região, que possibilitam transações comerciais ativas com demais localidades, sobretudo, as ilhas próximas a Belém e cidades do interior.

A aglutinação marcada pelo tempo e espaço, desperta a curiosidade de distintos olhares dos atores fora e/ou dentro das dinâmicas do “fazer” dentro das feiras. Onde são desempenhadas atividades de caráter basilar na economia da cidade, composta por uma rede heterogênea de funções interligadas.

Frequentada em dias fixos, a feira é um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam das ameaças às vias de fato, é nela que nascem alguns incidentes, depois processos reveladores de cumplicidades, é nela que ocorrem as pouco frequentes intervenções da ronda, espetaculares, é certo, mas também prudentes. (BRAUDEL, 1996. p.16).

As redes de ajuda criadas e ressignificadas pelos atores sociais em meio urbano fornecem subsídios de orientação sobre a permanência em meio público, com intrínsecas relações de trocas e sentidos. Nesse sentido, observar as teias de organização social e física no espaço da feira, requer observar arranjos sociais em meio à coletividade, como elos de experiências vividas e partilhadas.

Geertz (1978; 2003), a partir de sua abordagem interpretativista e simbólica, elaborou um estudo etnográfico sobre a “economia de bazar” em Sefrou, cidade localizada no norte de Marrocos, em que o autor revela redes econômicas e tramas entre clientelismo, informações e negociação, que delineiam as transações econômicas e culturais dentro do que ele denomina de “bazar”.

Em termos geertzianos, o bazar ou mercado fundamenta-se em uma “divisão extrema de mão-de-obra, devido a heterogeneidade de produtos, com intensivas negociações de preços, fracionamento de transações e vínculos estáveis de clientes, entre compradores e vendedores junto ao comércio itinerante” (GEERTZ, 1978, p.29).

A relação de definição de nomenclatura entre bazar e mercado são relativos, no sentido de ambos, na visão de Geertz, desempenharem funções centrais nas atividades de uma cidade, enquanto instituições, em que atividades formais e informais movimentam o comércio local.

O bazar apresenta grande número de relações heterogêneas e estabelece-se como uma ferramenta de cunho social, onde reúne multidões com interesses particulares “centrado na produção e consumo de bens e serviços” (GEERTZ, 1978, p. 29). A existência dos mercados cria, ressignifica, molda e inaugura parâmetros para além do econômico, sobre as relações entre os atores envolvidos.

Dessa forma, a proximidade entre os termos bazar e mercado auxilia-nos a pensar as manifestações culturais e sociais na feira do Ver-o-Peso, sobretudo, a partir da ampla sistematização de relações e misturas dentro da ordenação social do mercado (LEITÃO, 2010).

Gilberto Velho (1986, p.50) apresenta a importância dos campos de possibilidades ambientados na cidade que se transforma, “é vista como um processo social básico, onde os atores interagem reproduzindo e reinventando a vida social”. A partir dessa ótica, referenciada por relações urbanas, a pertinência de nossa pesquisa recai, sobretudo, na ênfase das experiências subjetivas, a partir de narrativas e trajetórias sociais dentro da feira.

São espaços que geram símbolos, que para a compreensão é necessário participar das enunciações que eles propiciam. Inúmeras são as categorias de pesquisa que esses espaços

possibilitam pensar, como: trabalho, redes sociais, memórias, geração, parentesco, patrimônio cultural e imaterial, sentidos, trajetórias, corpo, criminalidade, rituais e etc.

Trabalhos etnográficos realizados dentro e fora do Brasil²⁸, contribuem com olhares distintos que propõem problematizações de “territórios sociais bem demarcados”, com relações sociais particulares, que fundamentam esses espaços. (LIMA, 2008, p. 86),

A antropóloga Viviane Vedana realizou intensas pesquisas etnográficas em mercados e feiras. Seu trabalho contribui para o conhecimento das práticas cotidianas de rua e maneiras de “fazer”, ações e gestos, engendrados por feirantes, em uma feira na cidade de Porto Alegre/RS. Com trabalhos acadêmicos realizados da graduação ao doutorado, a compilação de suas análises permite o aprofundamento dos estudos referentes à temática.

Na sua dissertação *“Fazer a feira”: estudo etnográfico sobre as “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre de Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. (2004), a autora oferece fragmentos a partir de microeventos nos cenários de “esquinas e encontros”, dos “convites”, da “manipulação do alimento, “do dinheiro e do riso”, sobre os gestos de escolha dos alimentos e das interações entre fregueses e a clientela, como eventos engendrados e manipulados à obtenção de graus diferentes de desejos.

A antropóloga Rosana Pinheiro-Machado, por meio do artigo *“China-Paraguai-Brasil: Uma rota para pensar a economia informal”* (2008). Também muito contribuiu para os olhares e percepções que foram acompanhando minha entrada no campo, sobre o setor informal, interessada nas dinâmicas sociais estruturadas na feira. Partilho com a autora o interesse em compreender as disputas de territórios e circuitos econômicos, frente aos regimes de flexibilização e reinvenções das novas formas de trabalho na contemporaneidade. Ao apresentar no artigo “um universo empírico complexo e multifacetado”, a autora amplia os horizontes das discussões, considerando os regimes formais e informais em cadeias produtivas de translocalização. O que, de certa forma, também observei, ainda que em escala bem menor, nos fluxos de pessoas e mercadorias, entre rios, ilhas e cidades vizinhas de Belém/PA.

No artigo *A rua como estilo de vida: práticas cotidianas na ocupação do centro de Porto Alegre por camelôs* (2003), também de Pinheiro-Machado, ela reflete sobre os comportamentos e “fazeres” de camelôs, no centro de Porto Alegre, que para além do

²⁸ 1- Obras publicadas dentro do Brasil, pelo ano de publicação dos trabalhos, em escala temporal, do mais antigo para o mais recente: Campelo (2000; 2002), Vedana (2004; 2008), Silva (2007), Lima (2008), Medeiros (2008), Ferreira (2009), Leitão (2010), Rodrigues (2014). 2- Obras publicadas fora do Brasil: Malinowski (1957), Belshaw (1968), Verger & Bastide (1992).

trabalho, relacionado, sobretudo, ao desemprego e falta de oportunidades de acesso ao regime de CLT, o “ser camelô” representa um estilo de vida, com suas teias de encontros, amizades, histórias, que fazem com que a rua pública torne-se elemento vital de localização das estratégias do ofício.

Continuando com algumas referências de autoras e trabalhos que auxiliaram a construção de minha pesquisa, para a antropóloga Wilma Leitão (2010), as pesquisas na cidade de Belém no âmbito de feiras livres “têm sido discretas”. Contudo, nos últimos anos, houve crescimento, com trabalhos localizados nas áreas da geografia, arquitetura, linguística e, sobretudo, nas ciências sociais, a partir de projetos de iniciação científica, monografias, dissertações e teses de doutorado.

A antropóloga Carmem Izabel Rodrigues (2007) contribui fortemente para as pesquisas e estudos etnográficos relacionados ao trabalho informal, trabalho feminino, circulação de bens, de artesanato, sociabilidades em mercados populares, paisagens sonora, redes de circulação do pescado etc. Sendo uma das organizadoras do livro *Mercados Populares em Belém: Produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano* (2007), juntamente com o arquiteto e urbanista, Luiz dias silva e a professora Voyner Ravena-Cañete, os trabalhos publicados na obra congregam contribuições importantes, de discentes e docentes, da área das ciências sociais.

Neles, podemos estudar novas percepções de relações instauradas em nível regional sobre feiras, assinalam diferentes formas de observar as relações de consumo e venda, marcadas por redes de clientelismo, sociabilidades, transações comerciais e circulação, no que Gustavo Lins Ribeiro (2010, p. 21) denomina de [...] “globalização econômica não hegemônica, formada por mercados populares e fluxos de comércio que são, em grande medida, animados por gente do povo e não por representantes das elites”.

A perspectiva que é amplamente veiculada sobre espaços de feiras públicas é relacionada à venda de hortifrutigranjeiros e demais itens voltados à suplementação alimentar dos lares, contudo, o fornecimento de outros produtos e atividades na economia informal, estão relacionadas as atividades ou formas que não são regulados pelo Estado e que podem ser “(i)licito ou (i)legais” (RIBEIRO, L. 2010).

Julierme dos santos (2016), na sua dissertação *Pirateiro é quem vende: um estudo socioantropológico sobre os vendedores de cds e dvds da feira do Guamá (Belém-PA)*, apresenta a categoria “pirateiro”, cujos representantes vendem mídias de CDs e DVDs na feira do Guamá e são vistos ou confundidos com vendedores ambulantes, “camelôs”; porém, para o autor, existe uma minuciosidade na representação desses vendedores, ao fornecerem

produtos de mídias falsos e cópias que representam atividades sob a lógica do (i)lícito ou (i)legal, apresentam grande variação e, ao mesmo tempo, proximidade com os outros vendedores em contexto de informalidade.

Pensar em estudos sobre feiras, mercados e portos na cidade de Belém do Pará, é rever inúmeras contribuições em artigos e livros da professora Wilma Marques Leitão, já mencionada. Organizadora do livro “*Ver-o-Peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém*” (2010), lançado pela editora do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia – NAEA, a obra compila trabalhos de monografia, dissertações, teses e artigos de pesquisadores das ciências sociais.

O livro incorpora publicações que versam etnograficamente sobre relações raciais (SILVA, 2007), catolicismo popular (NASCIMENTO, 2010), conflitos e espacialidades (CAMPELO, 2002), conhecimentos tradicionais (SOARES, 2016) e práticas sociais no mundo do trabalho. Os recortes das pesquisas apresentadas refletem distintos olhares de pesquisadores em torno das relações perpetuadas no Ver-o-Peso, com ênfase ao mundo do trabalho.

Maria Dorotéa Lima (2008), em sua brilhante dissertação de mestrado, *Ver-o-Peso, Patrimônio(s) e práticas sociais : uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará* (2008), nos brinda com uma interpretação etnográfica das práticas sociais, apresentando o lugar, para além de patrimônio tombado pelo IPHAN, mas um lugar que mediante à sua completude e importância, legitima a força da história e identidade cidadina paraense. A autora nos auxilia a pensar o espaço do mercado enquanto um lugar que cria e ressignifica o sentimento de pertencimento e importância para aqueles que o habitam e participam.

Marilu Campelo (2002), juntamente com profissionais de áreas distintas, realizaram “amplo diagnóstico das condições e da organização social da feira” (LEITÃO, 2010, p. 23), publicando um inventário realizado pela Fundação Cultural do Município de Belém - FUMBEL. A autora observou o mercado do Ver-o-Peso como patrimônio cultural e revelou conflitos e espacialidades dentro desse complexo, como as dinâmicas temporais e sociais que transformam o cotidiano da feira; observou também as configurações dos setores, dialogando com os projetos de revitalização e as estratégias de trabalho dos feirantes.

O relatório final dessa pesquisa, bem como artigos publicados sobre esse trabalho, propõem uma série de reflexões relativas ao reconhecimento pretendido pelo município, inclusive quanto aos possíveis interesses políticos subjacentes a essa proposição e ainda, sugere formas mais participativas para os procedimentos de tombamentos. Esse trabalho reconhece o Ver-o-Peso como símbolo da identidade

paraense e parte da 'alma de Belém', como um patrimônio cultural democratizado, independentemente daqueles valores e significados que lhe foram conferidos pelo tombamento, pertencente a todos aqueles que o desejem. (LIMA, 2008, p.18).

A contribuição de produções científicas direcionadas a temática de feiras é e foi fundamental para a realização de minha dissertação, que busca captar e compreender formas de organização de trabalhos realizados por mulheres ambulantes na feira.

CAPITULO II - O PERFIL DO GRUPO DA PESQUISA

Este capítulo objetiva apresentar dados produzidos na pesquisa, através da minha imersão e percursos na feira do Ver-o-Peso, localizando atores sociais e seus respectivos postos de trabalho. Também apresento tabelas para melhor visualização dos leitores e sistematização de importantes informações a respeito da escolaridade, faixa etária, bairros, renda, entre outras características das vendedoras. Apresento de forma breve as personagens femininas da e na feira e alguns personagens masculinos.

2.1 ETNOGRAFIA NA FEIRA

Seguindo o rigor metodológico científico na elaboração e construção dos elementos que guiam nossa discussão, busquei atentar para trabalhos que, de alguma forma, dialogam com a temática escolhida. Assim, a delimitação da pesquisa partiu de ampla análise e pesquisa de trabalhos referentes ao assunto pretendido, a partir de recortes de gênero, trabalho, setor informal e feiras.

A utilização de plataformas de pesquisa como a da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, como também acesso a sites de programas de pós graduação²⁹, leituras de monografias, dissertações e teses, do próprio programa de pós graduação na UFPA e demais instituições, auxiliaram os primeiros cruzamentos de ideias para a delimitação do problema.

É válido pontuar que ao longo das disciplinas do mestrado e diversas conversas com professores e orientadoras, o percurso do tema escolhido foi passando por transformações em relação a escolha do objeto da pesquisa, havendo a necessidade constante de revisitá-lo. “O trabalho de definir adequadamente um tema pode perdurar toda pesquisa”. (MARCONI & LAKATOS, 2017, p. 172). Nesse caso, houve frequentemente a necessidade de rever os materiais colhidos.

O exame do material a cada etapa da pesquisa foi amplamente verificado empiricamente, juntamente com a construção da escrita do texto, o alcance da organização das informações coletadas formava um emaranhado grau de ações possíveis decorridas entre as vendedoras, cujo caráter de constatação tornou-se ferramenta precisa na dinâmica do espaço.

²⁹ Houve intenso levantamento bibliográfico nos portais on-line e bancos de dados dos programas de pós graduação: Programa de pós graduação em sociologia e antropologia – PPGSA, Programa de pós graduação em antropologia - PPGA e no núcleo de altos estudos amazônicos – NAEA.

Com a compilação de dados levantados, a partir da revisão bibliográfica, pude iniciar a entrada em campo e a interpretação de diferentes dados e de diferentes fontes, contribuíram para novas formas de se pensar o problema de pesquisa.

Decidi, em maio de 2018, iniciar observações de como a movimentação do comércio, desde antes da feira, poderia relacionar essas proximidades. Desci do ônibus no cruzamento da Av. Presidente Vargas com a Boulevard Castilhos França; essa região do comércio tem intensa movimentação, notamos a presença de muitos vendedores ambulantes e camelôs pela redondeza. Meu objetivo era ver como essa região vai, aos poucos, se misturando com o espaço da feira.

A intenção era observar o comércio ambulante a partir da avenida Presidente Vargas, ramificando-se para as estreitas ruas que se cruzam. Entretanto, decidi seguir pela Castilhos França, caminhando em frente à Estação das Docas ³⁰e mais adiante, subir as ruas 15 de Novembro, 13 de Maio, Tv. Campos Sales, Tv. São Pedro e etc.

Em frente à Estação, há alguns homens que guardam carros, os chamados “flanelinhas”, por coincidência, um dos senhores, o seu João, que trabalhava guardando e “reparando” os carros, conhecia meu pai de longa data. Meu pai, comerciante com loja na Manuel Barata por muitos anos, fez desse espaço de comércio seu fundamental sustento.

Enquanto estava caminhando rápido, por volta das 10 horas da manhã de uma quarta-feira, seu João me reconheceu: *Ei, tu não é filha do Moacir?* Surpresa com essa coincidência repentina, vi nesse reconhecimento por seu João a oportunidade de obtenção de informações preciosas sobre as dinâmicas de trabalho daquele espaço.

³⁰ A estação das docas é considerada um dos mais famosos pontos turísticos na cidade de Belém do Pará. Dentro dos galpões que compõem o espaço pode-se encontrar: a gastronomia da região, juntamente com a exposição de artesanato regional, restaurantes e bares, localizado ao lado da feira do Ver-o-Peso, na avenida Boulevard Castilhos França.

Imagem 16: Calçada em frente à estação das docas.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

O seu João conhecia as mulheres que trabalham na esquina da estação das docas, ele me contou que conhecia umas cinco senhoras que todos os dias estavam por ali. *“Eu conheço algumas mulheres que vendem ali no canto, tem a Socorro, a Josi, a Cristina...tem a Francisca, que vez ou outra ela tá também por lá”*.

Segui caminhando, dessa vez com a presença de seu João, em frente à estação das docas, quando ele avistou de longe e me apresentou Josi, vendedora de água de coco, biscoitos de polvilho e castanha. A presença do seu João foi importante, porque ao ser apresentada por um interlocutor com conhecimento dos atores sociais que se procura conhecer, me ajudou a ter maior credibilidade no ato das conversas, sem que necessariamente, as interlocutoras ficassem constrangidas ou recuadas por falarem de suas vidas, a alguém antes ou quase desconhecida.

Após seu João me apresentar Josi, não demorou muito tempo nos deixou para voltar ao seu trabalho, ao lado. Ao iniciar uma conversa com Josi em tons despreziosos, no decorrer das suas falas e respostas, encaminhei perguntas objetivadas à compreensão da dinâmica do trabalho e os motivos que a levaram escolher a feira para seu trabalho cotidiano.

Eu: *Josi, me conta como você veio parar aqui no Ver-o-Peso, onde você já trabalhou e o que você fazia antes de vir pra cá?*

Josi: *Eu trabalhei em uma sapataria na presidente Vargas, em 2003 eu fui mandada pra rua, na época meu ex-marido falou pra mim vender algumas coisas por aqui, eu*

até tentei vender sandálias de couro perto da presidente Vargas, mas não saia muito, aí no mesmo ano, em novembro de 2003, eu vi pra cá, eu tinha uns conhecidos por aqui. Eu vi aqui na feira uma oportunidade boa de ganhar dinheiro, eu tinha que sustentar a casa, né, meus filhos eram pequenos, aí eu fui ficando e trabalhando aqui, consegui comprar até uma moto hoje pro meu filho, mais nada aqui caiu do céu, as coisas são difíceis sim e eu sei o trabalho árduo que eu faço aqui. A gente tem que chegar super cedo, trabalha o dia todo, ora em pé, ora sentada, ora encostada em alguma coisa... Quando dá vontade de ir no banheiro, eu peço pra algum amigo meu daqui dar uma olhada...eles são de confiança...Sabe...E aí eu vou rápido e tá tudo aqui... E assim a gente vai levando por aqui. (Maio, 2018).

Os momentos de intimidade e confiança realçados na fala de Josi, como ir ao banheiro, deixar sua banca sob a observação de algum amigo ou vizinho da feira, pedir dinheiro para facilitar troco, que ao fim do dia é repassado à pessoa que emprestou, refletem agenciamentos e negociações baseadas em graus diferentes de amizade e “camaradagem”, ficando o sujeito que pediu “o favor”, voltado ao cumprimento ou a “obrigatoriedade” de retribuir algum favor posteriormente (MAUSS, 1923).

A multiplicidade desses acontecimentos rotineiros apresenta traços do que Marcel Mauss, em “*O ensaio sobre a dádiva*” (1923), define como “fenômenos sociais totais”, devido acionarem aspectos múltiplos simultaneamente, isto é, econômicos, de parentesco, algumas vezes, religiosos, morais e simbólicos, os quais revelam a presença de redes de contratos, valores e sociabilidade.

Josi conhecia muitas pessoas que trabalhavam na região do comércio em Belém e através do ex marido iniciou seu trabalho na feira. Ela se reconhece como mulher negra, mãe solo, que educou seus filhos através do seu trabalho na feira. Em sua fala, percebemos o entrelaçamento das condições raciais e o desemprego, acarretando nas desigualdades entre Josi e suas primas, de acordo com ela, devido a localização privilegiada da cor das primas e o acesso a condições de inserção ao mercado de trabalho, os caminhos de vida de Josi, foram marcados por marcadores específicos, como relata:

[...] Eu me considero uma mulher preta, que suou e sua até hoje pra sustentar minha casa, eu nunca levei desaforo pra dentro de casa por causa de nada, eu acordo cedo, levanto, arrumo minha casa, faço o que dá logo pra fazer cedo, eu te de disse isso de ser mulher preta, porque a gente sabe muito bem, pelo menos pra mim sempre ficou muito claro que branco aqui, querendo ou não, sempre tá melhor do que a gente... Por parte do meu pai, tem os branco da família, inclusive tenho primas com a minha idade, que praticamente fomos criadas juntas, hoje elas estão bem de vida, tão casadas, tão bem mesmo, com emprego bom... Eu já não tive tantas oportunidades que elas tiveram... Eu era a patinho feio da casa e da família... Mas tu acha que baixei cabeça pra dificuldade?!... Eu, desempregada não ia ficar não... Nossa são tantas histórias até eu chegar hoje em dia na feira.

Após conversar com Josi, segui na mesma direção do “calçadão” e me deparei com algumas outras mulheres com bancas, em baixo de árvores, vendendo cigarro e guloseimas; ao lado, outras mulheres vendendo castanhas do Pará e biscoitos; um pouco mais adiante, na parada de ônibus, outras mulheres foram avistadas vendendo água mineral em garrafas de plástico de 500 ml, refrigerantes e lanches. O chamado “calçadão” representa o espaço mais visível das atividades informais desempenhadas por mulheres.

No percurso da Estação das Docas³¹ até o final do calçadão, considero aqui o término em frente ao mercado da carne. A temporalidade espacial observada revela a movimentação, durante o dia, de circuitos comerciais específicos de vários atores sociais. Podemos caracterizar esse espaço, referente à distribuição de trabalhadoras, como as do início: a) vendedoras de castanhas e biscoitos regionais; no meio: b) vendedoras de miudezas (cigarros, bombons, pentes, isqueiros, pilhas etc.), águas, cervejas e lanches; e por último: c) vendedoras de hortifrutis, tucupi, temperos e jogos localizadas entre os setores de camarão fresco, hortifrutis e ervas.

Não obstante, a presença de mulheres praticantes de formas de trabalho diversificadas não se restringe unicamente à frente da feira, ou melhor, na Avenida Boulevard Castilhos França, elas também estão presentes em meio aos corredores que atravessam os setores. É nítido mulheres trabalhando com suas bancas nas proximidades de barracas de permissionários (feirantes).

Após caminhar do início ao fim do calçadão, acessei o corredor ao lado do setor de camarão seco, setor de atividades majoritariamente masculino, onde também avistei vendedoras com carrinhos de supermercados, servindo de suporte de vendas. Algumas mulheres vendem nesses carrinhos sacos contendo tomate, cebola e batata, outros, contém apenas cebola, cenoura e pimentão verde.

Nesse mesmo espaço, podemos observar algumas moças na faixa etária de 19 a 30 anos, que usam em geral, camisas amarelas e carregam em suas mãos pequenas cadernetas, vendendo números de “jogos do bicho”,³² os valores dos jogos ditos aqui, não são exatos, variam entre 5 a 10 reais. Essas mulheres fazem parte de uma empresa colombiana, em que por cada rifa vendida, a vendedora ganha aproximadamente 20% do valor total sorteado.

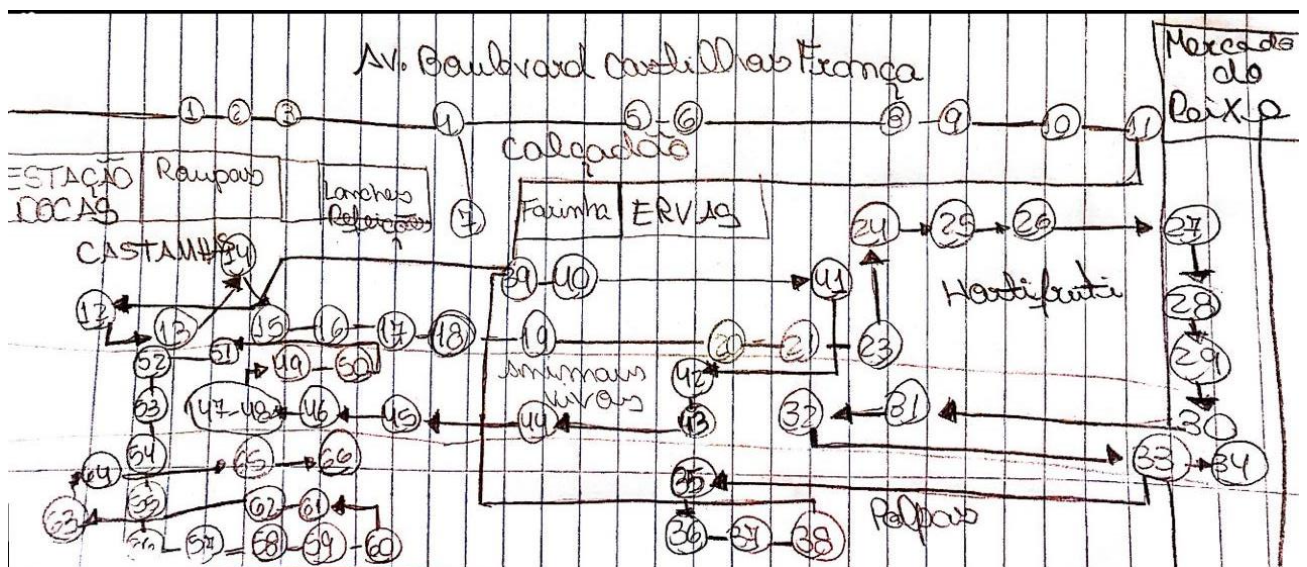
³¹ O artigo de Tainara Pinheiro e Carmem Rodrigues (2020) propõe uma análise importante sobre representações e práticas racistas na Estação de Docas e no Ver-o-Peso.

³² O jogo do bicho é popularmente conhecido como “jogos de azar” em que através da compra de um ou mais números sorteados, podem levar ao premiado a prêmios de valores monetários diversos e é muito comum à sua prática na feira do Ver-o-Peso. No decorrer do dia, vários prêmios são sorteados e em horários definidos. Durante a realização da pesquisa não obtive informações mais íntimas da realização desses jogos.

Entre todos os setores percorridos, o espaço com maior aglomeração de mulheres trabalhadoras informais concentra-se próximo ao setor de roupas e refeições, nas atividades de vendas de castanha do Pará e biscoitos regionais, como apresentado na construção do mapa de centralização de mulheres na feira (**Figura 6**).

A aglomeração de atividades majoritariamente femininas no espaço da feira pode ser observada facilmente por qualquer um que percorra essa extensão do Ver-o-Peso. Pude constatar que a suposta organização desse setor obedece a alguns critérios e há uma série de ambições pela disputa do espaço de venda. Sobretudo, relacionadas a mecanismos de fuga, caso ocorra uma “batida” da SECON. Assim, a busca pela centralidade de pontos com maior visibilidade e movimento, bem como estratégias para fuga em casos da presença de fiscalizadores da prefeitura, são aspectos primordiais entre as mulheres para suposta “fixação”.

Figura 6: Circuito reproduzido pela autora na feira do Ver-o-Peso durante pesquisas.



Fonte: A pesquisadora, 2020.

A imagem acima, mostra como o meu percurso na feira foi sendo traçado, a partir da estação das docas, passando pelos setores de roupas e lanches, até os setores de venda de tucupi e hortifruti, localizados atrás do mercado de peixe. Esse encontro e envolvimento no decorrer da minha inserção, resultou várias vezes, em um sentimento, ora pautados por um estranhamento nas composições que cada setor possui como característica própria, ora era voltado a insegurança e receio da falta de segurança que o espaço proporciona. Em conversa com uma vendedora de castanhas, ela discorreu:

[...] ficar aqui aonde eu trabalho é estratégico, porque como a maioria que tá aqui não tem permissão de atuação no espaço público, a gente fica a mercê dos fiscais da prefeitura vim recolher nosso material. Assim, a gente tem até uns conhecidos que trabalham lá dentro, que vez ou outra passam a informação, mas caso eles apareçam de supetão, aqui fica mais fácil pegar nossa banca e sair.

Numa das andanças pelo setor de hortifrutis, parei para comprar água e nesse momento uma vendedora, próxima a mim, exclamou: “*Égua, hoje tá quente demais!*”. Nesse momento iniciei uma conversa despretensiosa com ela, referente à sensação térmica e do clima de Belém, logo após, perguntei como é trabalhar na feira sem uma cobertura para proteção durante o trabalho. A interlocutora contou que aproveitava a sombra do mercado do peixe, mas como trabalhava até as 14 horas, se preocupava com as chuvas fortes da tarde. Em Belém do Pará, há presença quase diária de chuvas fortes, principalmente durante o período de dezembro a abril.

Gostaria de ressaltar que obtive relatos informais de outras mulheres que vendiam na feira, porém, sem oportunidade de conhecê-las mais profundamente. Algumas prestavam serviços como ajudantes de outras vendedoras ou feirantes, no setor de refeições. Seus serviços na feira podem ser considerados como “bicos” e variam entre 50,00 a 70,00 reais a diária. O contato com várias trabalhadoras, ainda que com algumas pontualmente, auxiliou a compreensão desse universo laboral.

Saindo do setor de hortifrutis, passamos em frente ao setor de farinhas, mas no sentido do setor de artesanato e polpas de frutas regionais, podemos avistar mais mulheres vendendo garrafas de tucupi ³³ de 2 litros, ao mesmo tempo que outras vendiam garrafas de desinfetante, na sequência, percebemos mulheres com os carros “boi-sem-rabo” vendendo castanhas descascadas e biscoitos de farinha, entre o setor de refeições e lanches, há a presença de outras mulheres, vendendo óculos, brinquedos e réplicas de sandálias havaianas.

Entretanto, é válido salientar que essas localizações são dinâmicas conforme o decorrer do dia. Pode-se iniciar a venda em um setor pela manhã e terminar o dia em outra parte na feira. Algumas vendedoras, especialmente as mais idosas, mantem-se durante todo o turno na mesma posição que iniciaram suas vendas, outras, localizam-se em diversos pontos, como uma espécie de rotatividade das mercadorias.

As relações observadas entre os atores sociais, em todos os momentos da pesquisa, foram evidenciadas por respeito e ajuda mútua; há grande rede de colaboração interna e

³³ O tucupi é um líquido de cor amarela, extraído da raiz da mandioca (nome popularmente conhecido na região Norte do Brasil) e após sua extração passa por etapas de cozimento, por ser considerado venenoso, devido a presença do ácido cianídrico em sua composição. O tucupi é um ingrediente famoso na utilização de pratos típicos na região amazônica e conhecido mundialmente na culinária.

articulada entre os que trabalham na feira. Conforme apresenta George Simmel (2006), as relações engendradas em determinado contexto, são fundamentadas em “busca de certas finalidades, interesses e objetivos”, aonde estabelece aos indivíduos um “estado de correlação com os outros”, gerando a “sociação coletiva dos integrantes”. (p. 59-60).

Nesse sentido, a sociação manifesta na feira é conduzida através das relações contínuas e diversas, alicerçadas em muitos momentos por nichos de sociabilidade e ajuda, incorporando interesses e ideias, como nos aponta Castro (2018).

Ao término de cada visita ao campo e horas de caminhada pela feira, retornava à minha residência, cerca de cinquenta minutos de ônibus entre o centro comercial de Belém e meu bairro, Castanheira. Carregando comigo, apenas o meu diário de campo, com todos os rabiscos dos setores e milhares de vozes ecoando em minha memória.

Essa pesquisa segue uma abordagem etnográfica. Partindo da teoria clássica de Bronislaw Malinowski (1884-1942), a partir da sua obra *Argonautas do Pacífico ocidental* (1922), em que o autor apresenta o método, pautado pela observação participante, que favorece a partilha de vivências, sob um olhar disciplinado, proporcionado pela formação antropológica. A proposta etnográfica conferida por Malinowski manifesta que os dados coletados “devem ser apresentados de maneira absolutamente franca e aberta” (p.18).

Nesta abordagem, segundo Violeta Loureiro (2018, p.207), “o pesquisador sai em busca de significados e simbolismos embutidos nos atos de um grupo social estudado”. Dessa forma, cabe ao pesquisador descortinar atos “invisíveis” em meio ao grupo, espaço, região analisada, conferindo seus sentidos, conhecimentos e normas.

Nas considerações que Malinowski traz em sua empreitada nas Ilhas Trombriand, lista que o objetivo do trabalho enográfico inicial é, sobretudo, executado pela organização do esboço instrumental da pesquisa, selecionando os métodos e técnicas de coleta dos dados, para compreender “o ponto de vista do nativo” (p. 37).

É imprescindível esclarecer que todas as informações colhidas em campo, através da observação sistemática e participante, juntamente com entrevistas estruturadas, assim como, aplicação de questionário padronizado com perguntas abertas ou livres, e conversas informais e abertas, foram em acordo com a disponibilidade das interlocutoras, para a colaboração com a pesquisa.

Segundo as autoras Marina Marconi e Eva Lakatos (2017, p. 208), “a observação participante é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os

sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Dessa forma, para além de presenciar e perceber sentidos presentes, procura-se inspecionar os acontecimentos a que se procura pesquisar.

A busca pelos “imponderáveis da vida real” seguidos das ideias de Malinowski, conduziram as investigações no ambiente da feira, sobretudo a partir da minha própria vivência, em termos práticos, tecidos a partir das relações de amigabilidade desenvolvidas com as vendedoras.

Acredito que a vida ordinária, a partir das práticas e rotinas de trabalho presenciadas, assim como, partilhadas, em diversos momentos com inúmeras vendedoras, foram cruciais para a minha inserção ou “mergulho” ao mundo do trabalho, que me fizeram conhecer o real sentido do “fazer trabalho” realizado por mulheres na feira. Como apresentado na teoria de Malinowski, a ideia do “corpo e sangue”, está relacionada a ir além dos julgamentos superficiais, sendo necessária a observação e vivência com densidade. (p.56).

Nesse sentido, minha participação e ajuda em vendas, na montagem de barracas, na compra de refeição, a pedido das vendedoras, contribuiu para vivências importantes com mulheres trabalhadoras ambulantes no Ver-o-Peso.

Utilizando-se, assim, do registro em caderno de campo, de depoimentos, da construção de narrativas e participação dentro do grupo e espaço analisado, apresento, a sistematização dos dados obtidos da pesquisa de campo, entre os anos de 2018 a 2020 e as táticas de circulação dentro da feira.

2. 1. 1. **Redes de vigilância**

Ser mulher e pesquisadora na feira do Ver-o-Peso exige criar estratégias de entrada e circulação. Aos que perpassam contornando seus corredores é imprescindível a atenção à criminalidade que está arraigada nos arredores e na própria feira; percebe-se muitos moradores de rua, jovens, mulheres, homens, como também usuários de drogas ilícitas (maconha, cocaína, oxi, crack etc.), além de homens que esteticamente apresentam-se “bem vestidos”³⁴, longe de qualquer suspeita de perigo, mas que praticam pequenos furtos nessa região.

Devido à movimentação ininterrupta por 24 horas, à fartura de alimentos e também a facilidade de ganhar algum trocado, no Ver-o-Peso se concentram muitas pessoas na condição de moradores de rua, desempregados, dependentes químicos, inclusive menores de idade. Esse fato acaba gerando muitas vezes relações tensas e

³⁴ Segundo feirantes e trabalhadores locais, existe na feira uma espécie de grupo de homens, entre a faixa etária de 18 a 45 anos, que praticam furtos nas paradas de ônibus da feira, trajando roupas “longe de qualquer suspeita”. Usam, às vezes, ternos e calças jeans, e utilizam, bolsas ou pastas para suporte aos delitos.

conflituosas entre esses grupos de pessoas marginalizadas socialmente e os trabalhadores da feira, pois estes consideram que aqueles são responsáveis por muitas brigas e confusões que acontecem ali, bem como pelos pequenos furtos que afastam a freguesia e estigmatizam o Ver-o-Peso como um lugar perigoso. (LIMA, 2008, p. 64).

A cada vendedora que parava para conversar³⁵, passavam homens e ficavam por perto querendo escutar o teor do assunto; simultaneamente ao exercício de contemplação das suas narrativas, eu tinha que ficar atenta, olhando para os lados, com o receio de a qualquer momento ser furtada ou sofrer algum ato de desrespeito.

Algumas mulheres, de forma discreta, sinalizavam no ato da conversa a aproximação dos sujeitos que praticavam os furtos. Com alguns trejeitos externalizados em seus rostos, percebia que havia algo errado por perto. Por inúmeras vezes, me senti com medo de pegar o celular para fotografar seus atos de fazer e vender na feira. Em alguns momentos, entregava meu celular na mão de uma das mulheres e dizia para fotografar sua banca ou as próprias mulheres pediam a alguma amiga próxima para registrar aquele momento, como táticas de não sofrer a perda do aparelho.

“Mana, tu quer tirar foto é?!, Pera, não puxa agora, aqui perto tem uns dois que sempre puxam celular das pessoas”.

Essa “rede de vigilância” (DE CERTEAU, 1998, p.11) que permeia as relações sociais de trabalho, onde os participantes que praticam delitos e furtos são naturalizados por aqueles que trabalham no espaço, desperta o interesse para pensar novas relações que implicam sobrevivência e códigos de posturas e poder que são necessários ao convívio nas mediações do espaço da feira. Como é apresentado na fala de uma interlocutora³⁶:

[...] “a gente precisa fazer vista grossa com esses ladrões, tem gente que acha que nós somos condizentes com a atuação deles na feira, com o tempo a gente conhece quem é quem aqui, a gente sabe como eles agem, eu já vi muito desses ladrões puxar celular, cordão, abrir bolsa no meu lado, mas a gente aqui não pode falar nada, a gente até tenta alertar de fininho os clientes ou pessoas que estão próximas para não dá bobeira por aqui, eles puxam celular da janela do ônibus, usam uma pasta para se aproximar perto de alguém quando tá subindo nos ônibus, eles esperam o momento que tá todo mundo no aglomerado para abrir bolsa e puxar celular. A gente, mulher, que trabalha aqui na feira, se sente vulnerável as essas situações de perigo que enfrentamos diariamente, eles não mexem com a gente, mas a gente sabe quem é quem e se a gente denunciar eles, a gente pode sofrer retaliação depois nas nossas bancas, tenho medo que aconteça algo, por isso tem muita gente por aí que pensa que a gente faz parte também da criminalidade aqui”.

³⁵ Por vezes, durante a realização das entrevistas, sofri algumas pequenas ações indesejáveis por parte de homens, como passar a mão na minha cintura, tocar no meu cabelo o ouvir algum gracejo obsceno, libidinoso. Com o apoio das mulheres entrevistadas que já me conheciam ali, sempre houve por parte delas, minha “proteção”, enquanto estava ao lado.

³⁶Por se tratar de um tema delicado, sua identidade foi preservada.

Constatando uma espécie de código interno dos próprios vendedores da feira, que são traduzidos como condutas de respeito e ordenamento próprio para o trabalho de cada homem e mulher que compõe o espaço, percebi, a partir das falas das interlocutoras, que um dos maiores desafios que se faz presente nesse cenário é a presença da criminalidade. Compreendi que as próprias vendedoras se sentem “vulneráveis” aos “ladrões” que circulam nesse ambiente.

Bruno Lautier (1997, p. 27) aponta que “a ilegalidade cria uma situação de precariedade, gerando dependência e individualização dos comportamentos propícios à perpetuação das formas clientelistas ou paternalistas de poder”. Essas relações reproduzem uma lógica de submissão a regimes criminosos e ilícitos, que ao ser revelado, reproduz um complexo sistema que envolve subemprego e criminalidade, todos presentes no mesmo espaço.

2.1.2 Nossos dados

No percurso da pesquisa foram entrevistadas mulheres na faixa etária entre 16 a 69 anos, no total de 66 mulheres, com diferentes níveis de escolaridade, moradoras de bairros diversos de Belém do Pará e com distintas atividades de venda na feira do Ver-o-Peso.

As entrevistas foram realizadas, com o suporte do aparelho celular na função gravador e entrevistas via WhatsApp³⁷. A observação em campo foi dividida em quatro momentos: 1º momento: abril a junho de 2018, 2º momento: setembro a dezembro de 2018 e 3º momento: maio a agosto de 2019. No início de 2020, no mês de janeiro, houve a última visita em campo.

TABELA 1: RELAÇÃO DE ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE OS PERÍODOS DE PESQUISA EM CAMPO.

Pesquisa em Campo	Quantitativo de entrevistadas (N)
1º momento: abril a junho de 2018	6
2º momento: setembro a dezembro de 2018	18
3º momento: maio a agosto de 2019	21
4º momento: Janeiro de 2020	21
Total	66

Fonte: Autora, 2019.

Essa etapa da coleta e produção de dados, segundo Marconi & Lakatos “é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas

³⁷ O acesso as entrevistas via WhatsApp, contribuíram de forma significativa para a construção das narrativas biográficas das trabalhadoras. Buscou-se, a complementação de dados adquiridos em campo.

selecionadas, a fim de efetuar a coleta de dados previstos”. (2017, p.180). Ou seja, o levantamento das informações necessárias e cruciais da organização do grupo pesquisado.

A observação direta extensiva, segundo Marconi & Lakatos (p. 219), pode ser alcançada pela “aplicação de questionários e/ou guias padronizadas de perguntas como instrumento técnico para acuidade dos dados que se procura abordar”.

O questionário aplicado às interlocutoras seguiu o compromisso da compilação de dados quantitativos referentes à idade, escolaridade, cor/raça, número de filhos, estado civil, bairro, renda, assim como suas trajetórias pessoais e profissionais até a feira.

Em média, cada questionário tinha em torno de 25 a 30 perguntas, contendo interpelações abertas ou livres e perguntas fechadas com linguagem acessível, para não causar difícil acesso à assimilação às respostas.

Com a elaboração das tabelas que criei, apresentadas mais adiante, constatamos qualitativamente importantes informações referentes ao grupo de mulheres aqui apresentadas e seus diferentes conjuntos intersubjetivos que atravessam a finalidade final da pesquisa.

No início do contato com cada interlocutora, após minutos de observação do cenário, disponibilizei impresso um termo de compromisso com dados e o objetivo da pesquisa, para que assinassem e após pudessemos iniciar as entrevistas.

Respeitamos o anonimato de algumas vendedoras, em virtude de considerar que algumas informações relatadas pudessem gerar algum transtorno moral a elas. Sinalizo os nomes “fictícios” com o símbolo (*), para compreensão do leitor.

Algumas interlocutoras não assinaram o documento, devido a desconfiança do que se tratava minha aproximação e conversa com as mesmas. Dessa forma, houve apenas conversas soltas, perguntas referentes ao trabalho informal na feira, registradas em caderno de campo.

No primeiro momento de entrada em campo, de abril a junho de 2018, apliquei o questionário a seis mulheres, como pré teste e direcionamento da tabulação das questões pertinentes. “Depois de redigido, o questionário precisa ser testado antes da sua utilização definitiva, aplicando-se alguns exemplares em uma pequena população escolhida”. (MARCONI & LAKATOS, 2017, p. 221).

Após esse primeiro passo, identifiquei algumas resistências em respostas por ser tratar de um assunto que exige o resgate das memórias pelas trajetórias pessoais, até o determinado momento. Reformulei, a partir desse pré teste, algumas perguntas, ampliando a liberdade das respostas.

Por se tratar de um grupo extenso e com características diversas, apresento alguns dados compilados:

TABELA 2: APRESENTAÇÃO DA FAIXA ETÁRIA

Idade	Quantitativo de mulheres entrevistadas (N)	%
16-27	14	21,2
28-39	17	25,7
40-53	23	34,8
54-69	12	18,1
Total	66	100

Fonte: Autora, 2019.

A faixa etária das mulheres entrevistadas se estende entre 16 a 69 anos, o maior grupo de mulheres que trabalham na feira, com vendas ambulantes, acessado por mim, estão localizadas entre a faixa etária de 40 a 53 anos de idade, que corresponde a 34,8%. Logo após, o grupo com maior destaque, concentram-se mulheres entre 28 a 39 anos, 25,7%, seguidos da presença de mulheres mais jovens entre 16 a 27 anos, 21,2% e por último, o grupo de mulheres mais velhas entre 53 a 69 anos, 18,1%.

A faixa etária é diversa e observa-se que os dois grupos com maior presença na feira, são de mulheres que representam uma força de trabalho potencial ativa entre 28 a 53 anos de idade, somando 60,5% do total de trabalhadoras.

Outra consideração a ser destacada, é a relação com o corpo, elemento fundamental do “fazer trabalho” na feira. As vendedoras localizadas no grupo acima de 50 anos estão na feira há mais de quatro décadas e muitas apresentam problemas de saúde, em grande medida relacionados a exposição ao sol, problemas de coluna, por ficarem muitas horas sentadas e em posição errada, estresses e fatores socioeconômicos e psicossociais, que agregam precariedade ao trabalho.

TABELA 3: RELAÇÃO DE TEMPO DE TRABALHADO NA FEIRA

Tempo de Trabalho (Anos)	Quantitativo (N)	%
3 meses a 1 ano	21	31,8
1 ano a 4 anos	14	21,2
5 anos a 9 anos	16	24,2
10 anos a 20 anos	13	19,6
Acima de 20 anos	2	3,0
Total	66	100

Fonte: Autora, 2019.

A partir da constatação da tabela acima, verificou-se que o grupo com maior proporção em atividades de venda na feira é marcado por um curto período de tempo de inserção ao espaço, representando aproximadamente por 31,8%. Através da constatação das narrativas das próprias vendedoras, observou-se que o elevado índice de desemprego no país nos últimos anos, sobretudo, nos últimos meses de 2018 a meados de 2019, colaborou para a inserção em trabalhos autônomos, ambulantes, no setor informal da economia.

Conforme dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no quarto trimestre de 2019³⁸, a taxa de pessoas na força de trabalho desocupada, foi de 10,6%, atingindo 11 milhões de pessoas. Dessa forma, com maior demanda por alternativas de subsistência e renda, as atividades no setor informal expandem em diferentes setores da economia e tornam-se progressivamente presentes em lugares marcados pela dificuldade de acesso ao trabalho formal.

Dessa forma, é válido pontuar em demonstrativo a renda média diária na feira. Algumas vendedoras não souberam informar ou não quiseram revelar o valor de seus rendimentos, uma vez que, segundo as próprias interlocutoras é difícil contabilizar, pois há muitos gastos com compra de mercadoria, compra de refeições, pagamento de dívidas com outros vendedores e etc. Portanto, pretende-se mostrar uma especulação dos valores diários de renda líquida.

TABELA 4: RENDA MÉDIA DIÁRIA

Renda média diária	Quantitativo (N)	%
50 a 100	34	51,5
100 a 200	18	27,2
200 a 300	9	13,6
400 a 500	0	0
Acima de 500	0	0
Não souberam informar	5	7,5
Total	66	100

Fonte: Autora, 2020.

As rendas diárias variam entre 50 a 200 reais, somando 78,7% das trabalhadoras. Entretanto, são valores aproximados. Inúmeras vezes, foi constatado a partir de falas de vendedoras, que havia dias em que as vendas eram poucas e o dinheiro que entrava supria

³⁸ Ver mais em: < <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>. Acesso em 30.04.2020.

somente o valor para uma refeição diária, portanto valores menores do que 50 reais. Entende-se que houve também omissão de valores ganhos durante o dia de trabalho por algumas vendedoras, ou pela falta de racionalização dos valores recebidos, que correspondeu a 7,5%.

Importante ressaltar que o Ver-o-Peso é um dos principais cartões postais do Estado do Pará, então as relações de venda desenvolvidas nesse espaço são intensificadas pelos turistas. Dessa forma, é fundamental evidenciar que em períodos de férias, como nos meses de julho e dezembro, assim como no mês de junho, marcado pelas festividades de São João, como também no mês de outubro, em que ocorre o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, a cidade de Belém recebe um elevado número de turistas e, por se tratar de vendas localizadas em um espaço central de comércio na região, esse espaço é tomado pela alta demanda e fluxo de pessoas.

A renda diária nesses períodos pode chegar até 200 a 300% de lucro, segundo as vendedoras. Considerados os melhores períodos de venda, com ganhos elevados e com carga horária triplicada.

TABELA 5: CARGA HORÁRIA DESEMPENHADA NA FEIRA

Horários de trabalho	Quantitativo (N)	%
De manhã: 07:00 às 12:00	10	15,1
De tarde: 13:00 às 18:00	10	15,1
Manhã e tarde 07:00 às 18:00	38	57,5
À noite: 19:00 às 22:00	0	0
De madrugada: 03:00 às 06:00	8	12,1
Total	66	100

Fonte: Autora, 2019.

As atividades de vendas com maior presença feminina, foram localizadas nos períodos de 07:00 às 18:00, representando 57,5% de mulheres, que trabalham entre 10 a 11 horas diárias. Nos horários da manhã ou tarde encontram-se conjuntos de mulheres que escolhem preferencialmente o horário de maior fluxo para vendas. Nesses casos, são mulheres que desenvolvem outras atividades secundárias ou exercem a responsabilidade de “chefe da família”, separando o tempo entre trabalho e funções domésticas.

TABELA 6: RELAÇÃO DE OUTRAS ATIVIDADES DE TRABALHO

Vendas/ Bicos fora da Feira	Quantitativo (N)	%
Segunda Jornada	9	13,6

Tripla Jornada	6	9
Às vezes	10	15,1
Trabalham somente na feira	41	62,1
Total	66	100

Fonte: Autora, 2019.

Constatou-se, dessa forma, que mais da metade do total de entrevistadas 62,1%, correspondente a 41 mulheres, desempenham apenas vendas na feira do Ver-o-Peso, outras dez mulheres, 15,1%, desenvolvem algumas vendas ou realizam bicos, como faxineiras, boleiras, babás e cuidadoras de idosos.

O grupo de vendedoras que exercem uma segunda ou tripla jornada de trabalho, soma-se o total de 22,6%, realizam serviços pela manhã, antes de ir a feira, como costureira, vendas de cosméticos e catálogos, vendas de lingerie. Agregando-se essas atividades, com as tarefas domésticas.

As vendedoras com maior idade na feira, que correspondem a 18,1%, estão em grande parte, em companhia de algum filho (a), amigo/conhecido ou familiar ajudando nas vendas, onde foi verificado que suas rotinas de trabalho são menores, uma vez que o próprio corpo já não permite grandes jornadas de trabalho, comparado com as horas médias de trabalho de outras vendedoras mais jovens.

Mulheres mais novas, entre 28 a 39 anos, 25,7%, apresentam-se como as que exercem maior carga horária de trabalho, estima-se entre 9 a 13 horas de permanência diária no Ver-o-Peso, acrescenta-se mais o deslocamento entre o ir e vir das suas localidades, pode-se chegar à conclusão que são aproximadamente entre 10 a 14 horas diárias de serviços realizados no Ver-o-Peso.

Ressaltando a questão do deslocamento, constatou-se que grande parte, são moradoras de bairros periféricos da cidade, alguns sendo distantes do Ver-o-Peso, tais como os bairros do Benguí, Icoaraci, Tapanã e Ananindeua, mas também constatou-se a presença de moradoras de bairros localizados no centro, como nos bairros da campina, cremação, jurunas, cidade velha e Guamá.

TABELA 7: APRESENTAÇÃO DOS BAIRROS ONDE RESIDEM AS TRABALHADORAS

Bairros	Quantitativo de mulheres que residem nos bairros (N)	%
Ananindeua	9	13,6

Benguí	11	16,6
Campina	16	24,2
Icoaraci	7	10,6
Tapanã	10	15,1
Outros	13	19,6
Total	66	100

Fonte: Autora, 2019.

A composição de vários bairros se entrecruza nessa pesquisa, assim, a caracterização da diversidade geográfica é fortemente trazida ao encontro na feira.

A curiosidade mostrou-se a respeito de que, mesmo estando localizadas a quilômetros do centro de Belém, a feira do Ver-o-Peso desperta o interesse de deslocamento e os motivos a partir do que foi captado em suas falas são vários:

[...]“é a maior feira de Belém e ponto turístico onde tem movimento de muita gente”;

[...]“eu cresci vendo as pessoas falarem do veropa e pra mim pra vender em feira, só se for aqui, tem todos os públicos, o comércio é aqui do lado, dá pra vender bem aqui”

[...]“a feira do Ver-o-Peso pra mim representa meu sustento, aqui você consegue tirar o seu, eu amo esse lugar, representa uma casa onde tiro meu ganha pão e faço daqui meu lugar de trabalho”.

Diante disso, pode-se constatar também quais são os meios mais utilizados para o deslocamento e chegada até o Ver-o-Peso.

TABELA 8: TRANSPORTES E MEIOS UTILIZADOS PARA CHEGAR A FEIRA

Meios utilizados para chegar até a feira	Quantitativo (N)	%
À pé	14	9,2
Bicicleta	2	1,3
Ônibus	22	14,5
Carro/Moto (carona)	2	1,3
Van	17	11,2
Total	66	100

Fonte: Autora, 2019.

As mais variadas formas de deslocamento foram relatadas pelas interlocutoras, desde a ida a pé, como também a locomoção através de transporte público (ônibus e van) e até mesmo a ida de bicicleta para as mulheres que moram em bairros próximos ao Ver-o-Peso.

De acordo com nossa pesquisa, as atividades em que a presença das mulheres é maior são as vendas de castanhas do Pará e biscoitos regionais, logo após as vendas de “miudezas” e/ou produtos “piratas”, réplicas de bolsas, sandálias e demais produtos industrializados. Vendas de hortifrutis e lanches são visíveis também e os serviços de manicure e venda de jogos do bicho em menor escala.

TABELA 9: ATIVIDADES E PRODUTOS COMERCIALIZADOS

Atividades e Produtos	Quantitativo (N)	%
Venda de Castanhas, biscoitos regionais e Amendoim	18	27,2
Venda de Capa de celular, Película de vidro, pomada, tesoura, naftalina, chaveiro, pente, grampo de cabelo e etc.	14	21,2
Venda de lanches, comida e sucos	10	15,1
Venda de Hortifrutis	15	22,7
Venda do “jogo do bicho”	4	6
Manicure	5	7,5
Total	66	100

Fonte: Autora, 2019.

As vendas de hortifrutigranjeiro e castanhas correspondem às atividades mais significativas no comércio informal da feira, compondo 49,9% do total das atividades, juntas; posteriormente, segue-se as atividades de venda de produtos industrializados (réplicas, “piratas”, cópias de marcas famosas), 21,2%, os serviços de manicure, 7,5% e venda de jogos do bicho, 6%.

A necessidade de obtenção de renda, assim como, a falta de oportunidade no mercado de trabalho formal, juntamente com falta de tempo e recursos financeiros para realização de cursos profissionalizantes e/ou andamento do nível de escolaridade, marcam significativamente a vida dessas mulheres.

Percebemos que mais da metade das mulheres, 54,5% possuem o Ensino Médio completo (**TABELA 10**), porém afirmaram que fatores estruturais impossibilitaram ao avanço da escolaridade, destacando em suas falas que “*a necessidade de se dedicar ao trabalho*”, seja ele formal ou informal, mostrou-se a única alternativa de sustento.

Outras mulheres deixam a entender que o “*cansaço da vida*” fizeram com que não se movimentassem para almejar outros caminhos, tais como a ambição ou desejo de entrar em um curso superior. Porém, nesse mesmo ambiente encontramos mulheres com Ensino Superior completo, compondo 6%, outras com Ensino Superior em andamento 9%, e 15,1% somando-se mulheres com o ensino fundamental completo e incompleto.

TABELA 10: NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Nível de escolaridade	Quantitativo (N)	%
Ensino Fundamental Incompleto	3	4,5
Ensino Fundamental Completo	7	10,6
Ensino Médio Incompleto	10	15,1
Ensino Médio Completo	36	54,5
Ensino Superior Completo	4	6
Ensino Superior Incompleto	6	9
Total	66	100

FONTE: Autora, 2019.

As vendedoras informais da feira se auto identificam como vendedoras autônomas e/ou ambulantes. Evidenciam o encontro na feira do Ver-o-Peso da oportunidade de renda e sobrevivência frente às demandas da formalidade empregatícia, uma vez que esses são espaços institucionalizados que exigem níveis de qualificação e experiência, para se inserir sob a lógica de contratação de serviços (CLT)³⁹.

³⁹ Consolidação das leis trabalhistas, ver em: Decreto-Lei N° 5.452, de 1° de Maio de 1943.

São mulheres que criam estratégias de readequação à falta de oportunidades de trabalho, buscam o provento diário em trabalhos, ainda que “invisíveis” e precários, como instrumentos de sobrevivência. Ser a “própria patroa”, por mais que seja em situações de precarização e subemprego, torna-se a válvula de escape da miséria.

A migração para o trabalho informal assume-se não necessariamente como fator positivo, a partir do que foi constatado nas práticas de trabalho e narrativas das trabalhadoras. A lógica do empreendedorismo não representa um sentimento de independência financeira por muitas vendedoras, identificamos poucas com esta percepção; entretanto, fatores como dificuldade de acesso à um emprego formal, níveis de escolaridade baixos, necessidade de sustento de filhos com menos de 18 anos, a chefia do lar, sentimentos de incapacidade, desleixo e cansaço, marcam em grande parte suas trajetórias pessoais.

2.2 MULHERES

À primeira vista, a impressão que se tem do Ver-o-Peso é de um ambiente excêntrico, de encontro de inúmeras dinâmicas laborais, espaço de construção de redes de contatos, negociações, potencializando elementos ricos de observação, que na tarefa do pesquisador em campo, ainda que pareçam ser familiares, necessitam de esforço e tempo para a compreensão.

Segundo Velho (1978), as interpretações das relações precisam ser relativizadas pelo pesquisador. O tempo de pesquisa no Ver-o-Peso levou-me ao conhecimento de muitos que trabalham na feira, inclusive, por meio da participação de reuniões do sindicato dos feirantes, sobre assuntos relativos ao projeto de revitalização, festas em comemoração do aniversário da feira, convites para participar de rifas de produtos de beleza e convites para almoço na casa de algumas trabalhadoras. As inúmeras horas de observação e participação no mundo da feira, fizeram com que mulheres e homens da feira ficassem habituados com a minha presença.

As vivências, práticas, regras, estilos de vida, são complexas e seguem hierarquizações muito bem definidas e postuladas na organização dos grupos sociais, como é o caso das mulheres trabalhadoras informais. No Ver-o-Peso, as mulheres pertencentes ao setor informal, sobretudo, ao comércio ambulante, diferenciam-se uma das outras pela diversidade da ocupação do trabalho e das suas vendas, formando redes próprias, mas que se inter cruzam, no desenvolver das ações realizadas.

Em campo, passei a perceber a movimentação na feira do Ver-o-Peso através das imagens que se formavam em minha frente. Os diálogos que aconteciam nas cenas cotidianas

conformavam modelos alternativos de vida, carregados de experiências, valores, histórias, interações, onde a sensação que se tinha era que tudo acontecia ao mesmo tempo.

Por tratar-se do processo de escuta das suas histórias, os sentimentos atravessados às memórias, produziam pausas momentâneas das falas, que emergiam junto com lágrimas e momentos de silêncio. Respeitando os momentos que, por vezes, se repetiram com diferentes mulheres, permanecia a observar os desdobramentos entrelaçados com as emoções que acompanhavam suas vozes.

De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (1996, p. 15), através da “domesticação do olhar”, é necessário dividir a atenção com a disposição da escuta e escrita das suas histórias, uma vez que ambos recursos não são independentes.

O olhar longínquo e o tom de voz trêmulo de algumas mulheres, expressavam distanciamentos, entre um passado marcado pela gravidez, nascimento de filhos, separação, mudança de cidades, saída de empregos, ao mesmo tempo em que relatavam também um presente instável, em meio à precarização e vulnerabilidade no trabalho e uma ampla incerteza dos dias futuros. Como Júlia*, nos conta

[...] Olha...minha história é muito complicada, hoje eu to mais madura, com meus 38 anos, e já não falo mais com tanto sofrimento...eu conto para pessoas, com orgulho de quem eu sou hoje, eu engravidei muito cedo...com quatorze anos eu tive minha primeira filha...naquela época tudo era mais difícil...eu era muito nova...meu pai me expulsou de casa e eu fui morar com a minha avó...vivia eu e mais três primos...então era super difícil, eu sai de Belém e fui pra Breves, morar com eles...logo depois engravidei da minha segunda filha...nossa!...[PAUSA]...às vezes vem umas lágrimas, porque, mana, minha vida nunca veio nada fácil...

São várias vozes que conversam, se interrompem, se distraem e que ficavam gravadas em mim por dias ao retornar à minha casa, que martelavam na minha mente sobre a particularidade de diversas vidas e que, através do convívio exaustivo em campo, me fizeram conhecer intimidades familiares, relatos de agressões, fofocas, dívidas, traições, que acabavam sendo constantes nas falas femininas (FONSECA, 2004).

Um dos casos que acompanhei em entrevista, foi o da Dona Maria Teresa, que contava que a ex cunhada dela tinha se envolvido com um feirante casado, que morava próximo, há décadas. Sem contar os casos de fofoca que, por vezes, aconteciam entre as próprias vendedoras, as que davam “calote” em comerciantes e/ou eram más pagadoras, as que pediam dinheiro emprestado e demoravam muito a pagar o valor emprestado.

Para Fonseca (2004, p. 23), “a fofoca envolve, pois, o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio”. Essa dimensão dos acontecimentos reais com as

especulações imaginativas criadas pelos atores sociais envolvidos torna-se valiosas ferramentas narrativas envolvendo assuntos de cunho íntimo a até mais gerais.

Procurei experimentar a realidade das mulheres através da imersão ao campo, sendo necessário *estar lá* (GEERTZ, 1978), vivenciar as rotinas de trabalho, como instrumento de análise para a construção da etnografia. Desde as primeiras visitas a campo, reparei que as mulheres apresentam marcas do tempo, cicatrizes e sinais que carregam em seus corpos, construídos pelos afazeres árduos da vida.

É válido pontuar que ao carregar sinais de cansaço físico e desgaste, a questão estética é notada nas vendedoras. As marcas de expressão em seus rostos e corpos revelam diárias de trabalho expostas ao sol quente, ao esforço físico atribuído ao manuseio dos seus equipamentos alugados para as suas vendas, ao carregamento dos carros onde são vendidos seus produtos e a exposição às condições climáticas da região. A fragilidade da saúde entre essas trabalhadoras é constante em suas falas.

Os corpos emitem sinais de exaustão através das dores musculares frequentes na região da coluna e dores de cabeça, a busca por assistência médica é acionada apenas em situações graves de vida ou morte, junto a isso, a má alimentação, longas jornadas de trabalho na feira, (mais de dez horas por dia), falta de intervalo para descanso, levam com que os corpos reajam de forma enfraquecida, como revela Dona Maria:

[...] Independente de qualquer situação eu to aqui na feira...de manhã quando o sol começa a esquentar, o guarda sol que já tá bem velho não protege contra o sol, aí a gente pega essa quentura na cara e todo dia é isso...e de tarde quando vem a chuva forte...a gente tem que deixar uma lona plástica pra cobrir as coisas aqui...com essa mudança de clima doido...hora ou outra a gente tá baquiada, com dor de cabeça e na costa...eu sinto muitas dores na costa...eu descasco a castanha em pé por muito tempo...coloco força na faca pra cortar elas e descascar...aí depois eu sento pra colocar nos saquinhos...tem dia que tô estourada aqui. (2019).

Imagem 17 e 18: Dona Maria, 64 anos, vendedora de castanhas e coco.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

2.3 HOMENS

Os espaços da feira ainda são marcados majoritariamente pela presença masculina, em “atividades diretas ou primárias”, que segundo Ferreira (2010), são vendedores que possuem barracas cadastradas na SECON e também, ainda conforme a autora há os trabalhadores dentro do que ela define de “atividades secundárias ou indiretas”, homens que não possuem espaço concedido pela prefeitura para a ocupação pública para fins comerciais. (p. 155).

Considero pertinente mostrar ao leitor que a figura masculina nos trabalhos na feira é de extrema importância para se pensar as redes sociais (BOTT, 1976) construídas entre as vendedoras mulheres e os homens. Em grande medida, podemos observar, através de depoimentos de trabalhadoras, que a entrada na feira ocorreu devido a algum grau de relação com determinado vendedor ambulante ou feirante. [...] *Eu só comecei a trabalhar aqui, porque meu vizinho já trabalhava vendendo hortifrutis...e quando fiquei desempregada ele me chamou pra trabalhar e eu vim.*

A figura masculina mostra-se, então, como importante componente no conjunto das atividades informais na feira; homens e mulheres dividem os mesmos espaços, onde cada grupo exerce e recebe a influência do outro, estabelecendo laços dentro de uma coletividade.

Ao caminhar pelo calçadão, encontramos diversos vendedores ambulantes, aparentemente entre a faixa etária de 20 a 60 anos. O público é diverso, características relacionadas ao perfil socioeconômico não foram levantadas como no caso feminino. Entretanto, a partir de dados secundários, na voz das mulheres, pode constatar-se que são trabalhadores informais (ambulantes), que residem em bairros periféricos de Belém, alguns homens residem próximo a algumas vendedoras, [...] *O Beto mora perto de casa, no Benguí, às vezes, a gente vem juntos de lá até aqui... Meu vizinho. (Lucilene, 2019).*

A diversidade de produtos oferecidos por vendedores homens concorre com as vendas femininas. Encontram-se vendedores no calçadão com bancas de águas, refrigerantes, lanches, castanhas, amendoins, guloseimas, cigarros, produtos piratas e etc. No decorrer da pesquisa, houve algumas entrevistas abertas com vendedores ambulantes encontrados no calçadão e, mediante informações colhidas com os interlocutores, compreendeu-se que existem mais homens que mulheres também no comércio ambulante no Ver-o-Peso.

[...] Aqui tem mais homem com certeza...mais a mulherada tá na mesma proporção...a minha mulher, por exemplo, já trabalhou aqui comigo, só que ela arrumou trabalho numa empresa e largou aqui...pela minha idade não tenho mais saco pra fazer serviço pra ninguém não...eu prefiro fazer meu dinheiro aqui, porque sou eu que comando as coisas, sei quando entra, sei quando sai...faço da minha

banca minha empresa...é muita humilhação pra fim do mês receber um salário miserável e morrer de trabalhar para os outros. (Francisco, 49 anos, vendedor de água).

As dinâmicas de trabalho, assim como, as cargas horárias desempenhadas por homens são iguais ou superiores ao trabalho feminino. O desemprego, como também, a falta de motivação para trabalhar para terceiros, são um dos fatores que incidem nas decisões de realizar vendas por conta própria e administrar o seu próprio tempo de trabalho.

Compreendeu-se que homens e mulheres, estão inseridos na feira do Ver-o-Peso por representar um espaço de absorção de trabalhadores, com fluxo intenso de pessoas e que possibilita a geração de renda. Existe uma divisão sexual do trabalho presente na feira. A presença masculina continua sendo majoritária e fundamental na estruturação das relações de trabalho no setor informal.

Imagem 19: Francisco, 49 anos, vendedor ambulante.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Imagem 20,21 e 22: Josué, vendedor de sacolas, Antônio, vendedor de CD's e vendedor não identificado vendendo hortifrutis.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

CAPÍTULO III - Narrativas biográficas e “artes de dizer”

Este capítulo busca apresentar uma tradução das experiências intersubjetivas vividas em campo, por meio de narrativas biográficas das interlocutoras na feira do Ver-o-Peso: Marcia, Dona Socorro, Patrícia, Ózeia e Fernanda, que possibilitam “instrumentos heurísticos” valiosos para a contribuição etnográfica (ECKERT & ROCHA, 2013, p. 108). A pesquisa também procurou abordar os planos para o futuro dessas mulheres, entretanto, “o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades” (VELHO, 1981, p. 27).

Gilberto Velho (1994, p. 26) argumenta que “os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas”. Nesse sentido, leva-se em conta a dimensão subjetiva dos fatos experienciados em uma sucessão de eventos (re)significados pelos atores sociais.

Ao conhecermos trajetórias específicas individuais, entrelaçadas com os fatores de inserção na feira, percebemos a multiplicidade de rotas precedentes trilhadas até o momento da chegada no *Veropa*. As performances praticadas em outros ambientes de trabalho ou em outros momentos de vida contribuíram para a construção de novas estratégias e dinâmicas laborais.

Seguindo as contribuições fenomenológicas de Alfred Schutz (1979, p. 138), a noção de projeto, é a condição de “antecipação de eventos futuros”, que são originados através da “ação” das sujeitas. Em vista disso, os próximos subitens serão voltados à compreensão, através de narrativas produzidas em diálogo com as interlocutoras, em que também questionei sobre projetos individuais.

No ato da vivência compartilhada com as mulheres na feira e na escuta com cautela de seus relatos, percebi um gigantesco leque de caminhos, através de trajetórias e histórias específicas de vida de cada mulher. Diferentes “mundos”⁴⁰ foram revelados nas falas, as que vieram do interior do Estado do Pará e que por motivos financeiros não tiveram acesso à escola, a que trabalhou na construção civil em Belém e após o desemprego migrou para Santa Catarina em busca de novas oportunidades de trabalho, e a que formou-se em Pedagogia, atuava na área profissional, mas após a redução de quadros da empresa, foi demitida.

⁴⁰ Schutz (1979) apresenta, a partir da concepção de Husserl, que ao tratarmos sobre “mundos da vida”, estamos nos referindo a “esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos” (p. 16).

Para Pierre Bourdieu (1986, p. 184), a noção de trajetória pode ser entendida como “um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva”, no curso de uma dinâmica de tentativas reais ou hipotéticas que orientam as disposições da organização. As trajetórias são formadas por fragmentos experienciados do cotidiano.

A conjuntura do mercado de trabalho brasileiro nos últimos anos, atravessado pelo elevado número de pessoas entrando para as estatísticas do desemprego, segundo as informações do IBGE, é um potencial gerador de inserção da população ao setor informal, como formas alternativas de subsistência, em meio à escassez de postos de trabalho.

A sinalização de biografias marcadas por eventos particulares, descreve um “mundo de projetos, essencialmente dinâmico, na medida em que os atores tem uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade [...] sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas”. (VELHO, 1994, p. 27). Para além das particularidades, existe uma condição de compartilhamento que atravessa a vida dessas mulheres, devido tomarem o mesmo espaço, enquanto “sujeitas marginais”⁴¹.

Howard Becker (1993) argumenta que a história de vida não constitui uma “autobiografia convencional”, tampouco uma quimera encontrada em textos literários, embora compartilhe características de ambas. Mas sim, é uma técnica de investigação onde existem autobiografias definidas como vidas narradas por quem as vivencia, onde os micro eventos experienciados são resgatados na memória e transformados em pontes para a compreensão atual do contexto na qual se pretende investigar, auxiliando perceber as relações existentes entre o individual e o coletivo.

Becker (1993, p. 104) define ainda, que “diferentes fragmentos contribuem diferentemente para a nossa compreensão”, indicando que os estudos direcionados à individualidade dos sujeitos, dito aqui na transcrição (auto)biográfica, remetem à ideia de “mosaico”, a partir de diferentes e variados elementos, aonde cada qual dentro de suas especificidades, auxiliam na compreensão do todo.

Dessa forma, pensar as múltiplas experiências narradas contribui para a compreensão das relações individuais e coletivas, tais como as trajetórias das mulheres até a feira, as disposições e estratégias de “permanência” no espaço, as relações entre clientela e “vizinhos”, advertindo a ideia de que nenhuma dessas micro experiências tem papel de maior importância do que outras.

⁴¹Patrícia Hill Collins (2016) discute formas singulares de lidar com a existência, observando “tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora” (HOOKS, 1984, p. 100).

Em uma narrativa da história de um sujeito, podemos ter a apresentação de muitos outros atores, que não estando presencialmente no momento da entrevista, são lembrados e incorporados no discurso. Assim, a amplitude das narrativas insere elementos que auxiliam na compilação das informações que são externalizadas. A pertinência desses elementos, proporciona certa experiência de polifonia, permitindo ao sujeito que narra compreensões heterogêneas da sua própria perspectiva.

O movimento entre a narrativa subjetiva e as vivências dentro da coletividade, fornecem movimentos na construção das histórias narradas. “O relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável [...] uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis. (BORDIEU, 1986, p. 184).

O desafio de manter no texto a externalização das emoções, sentimentos, pausas, ênfases etc, constituiu o desafio da mediação da ética na representação de vivências e histórias, sem deixamos de levar em consideração autoridade etnográfica em jogo.

A poética da oralidade não desaparece na transcrição, enquanto o autor externaliza durante horas com cuidado as narrativas, eu revivi as experiências, os dramas, as angústias, os medos, o cansaço, o afeto e demais componentes presentes no horizonte de muitas histórias ouvidas.

Todo momento da vida de um homem é a situação biográfica determinada em que ele se encontra, isto é, o ambiente físico e sócio-cultural conforme definido por ele, dentro do qual ele toma sua posição, não apenas em termos de espaço físico e tempo exterior, ou de seu status e papel dentro do sistema social [...]. Dizer que essa definição da situação é determinada em termos biográficos significa dizer que ela tem a sua história. (SCHUTZ, 1979, p. 73).

Em vista do que Schutz (1979) apresenta, a história constitui a acumulação de experiências passadas e futuras dispostas sistematicamente, enquanto conhecimento manuseável e utilizável como “códigos de interpretações de suas experiências passadas e futuras” (p. 74). Assim como, “um sistema de tipificações e relevâncias”, aonde reiteram as biografias dos sujeitos individualmente. (p. 82).

A apresentação das sujeitas através da escrita, revelam suas lutas sociais, diversidades étnicas, culturais, morais, a partir do que ele próprio enuncia, em um discurso entrelaçado entre teoria e prática. Como o autor nos diz, a linguagem, como sua própria prática, na

construção dos discursos entre as “artes de dizer” e as artes de “fazer”⁴². (DE CERTEAU, 1984).

Nesse sentido, decifrar em falas, acontecimentos para além do que ocorre na feira, como também dentro dos arranjos familiares, dentro das residências e as relações com a comunidade em torno, sugerem as redes que se entrecruzam, compondo a multiplicidade cotidiana da história desses atores sociais. (DE CERTEAU, 1984).

A história de vida rearranja as narrativas a partir de trajetórias existenciais individuais. Nesse sentido, as experiências enunciadas e transcritas foram direcionadas à interpretação dos acontecimentos ao longo das vivências de cada interlocutora. Ao ir ao encontro com o outro, o pesquisador precisa estabelecer de forma clara a sua intencionalidade e objetivos na relação que irá construir com seus interlocutores. O pesquisador:

mantém o sujeito orientado para os temas nos quais [...] está interessado, questiona-se sobre os acontecimentos que exigem aprofundamento, tenta fazer com que a história contada acompanhe os assuntos dos registros oficiais e os materiais fornecidos por outras pessoas familiarizadas com os indivíduos, acontecimentos ou lugares descritos. Ele garante para nós o cumprimento das regras do jogo. (BECKER, 1993, p. 102).

Com o desenvolvimento da história oral, democratizamos a possibilidade de outros atores sociais relatarem seus próprios enredos de vida, diferentemente de análises que não levavam em consideração a presença das vozes dos interlocutores. “O Antropólogo em campo toma as narrativas como produções verbais da temporalidade pensada ou das maneiras diversas de os sujeitos atribuírem significações às próprias vivências”. (ECKERT & ROCHA, 2013, p. 112).

No caso desta pesquisa, essa narratividade apresenta um desafio ético e sensível, que tenciona a reverberação de um sistema estrutural capitalista que deprecia e ao mesmo tempo encoraja a vida dessas mulheres.

Assim, as vidas de nossas interlocutoras são marcadas por cruzamentos entre falta de condições financeiras, instabilidade e desregulamentação no mercado de trabalho, ausência de oportunidades de ascensão, baixo nível de escolaridade, administração do lar, como “chefes de família” e dupla jornada de trabalho.

⁴² Michel De Certeau (1984, p. 152), ao apresentar as diferentes formas que compõem a estruturação das atividades, destaca que dentro das “táticas”, existe um “campo de operações”, que se desenvolve conjuntamente com a construção teórica. Nessa perspectiva, teoria e prática oferecem a possibilidade, a partir do que o autor denomina de “discurso em histórias”. Apresentar as práticas, a partir das narrativas, pode ser encarado como “maneiras de fazer”, possuindo valor científico ao enunciado, restituído como o “saber-fazer”. Assim, as “artes do fazer” e as “artes do dizer”, compartilham partes das “histórias vividas e histórias narradas”.

Para além desses fatores infra estruturais, entendo que dores emocionais, angústias e tristeza engendram similarmente esse conjunto de relatos, como a perda dos filhos de Dona Socorro, a saudade da família, quando Marcia foi morar em Santa Catarina, a dificuldade de socialização e problemas familiares que marcaram a construção da identidade de Patrícia e a perda do emprego vivenciado por Ózeia, onde tinha vínculos emocionais com as crianças da escola.

A seguir você conhecerá, a partir de meu encontro etnográfico, cinco mulheres distintas, trabalhadoras informais, com percursos e trajetórias de inserção específicas, que lutam cotidianamente, através de horas incessáveis de trabalho precário, na feira do Ver-o-Peso.

3. 1. MARCIA

Marcia, 44 anos, paraense, dois filhos, negra, mãe, solteira, moradora do bairro do Benguí,⁴³ Região Metropolitana de Belém, trabalha como vendedora de hortifrutigranjeiro na feira do Ver-o-Peso, há aproximadamente três anos. Iniciou suas vendas na feira, no ano de 2016, no mês de setembro.

Sua rotina de trabalho começa cedo, por volta das 05:30 da manhã, e conforme o movimento, pode terminar suas vendas até às 18 horas da noite. O deslocamento de Marcia até a feira é através do transporte público, utilizando diariamente a rota Benguí – Ver-o-Peso.

Marcia, em nosso primeiro contato, se apresentou de forma tímida e desconfiada, em meio aos corredores da feira do Ver-o-Peso. O encontro com Marcia foi marcado pela disponibilidade e curiosidade dela sobre o que eu queria conversar e neste dia, ela estava próxima ao setor de farinhas, entre a escadaria de acesso ao setor de artesanato e o setor de tucupi, situado logo após de quem passa o setor de refeições.

Em nosso primeiro contato, ela estava vendendo hortifrúti, com um carro repleto de cores e variedades de verduras. Me aproximei olhando para as mercadorias e, em seguida, me apresentei como aluna de mestrado da Universidade Federal do Pará e que gostaria de conhecer a história de vida dela e de outras mulheres vendedoras autônomas na feira, para a realização da minha dissertação de mestrado.

⁴³ O bairro do Benguí, fica localizado próximo a rodovia Augusto Montenegro, considerado um bairro periférico na região metropolitana de Belém do Pará. Ver mais em: < <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Bengui.htm>>. Acesso em: 13.09.2020.

Marcia sempre foi muito cordial e acessível ao responder perguntas sobre sua trajetória de vida profissional, familiar etc. Sempre com um sorriso no rosto, me recebia para nossas conversas de forma alegre. Inicialmente, visitava Márcia duas vezes na semana, pela manhã. Os dias eram aleatórios, às vezes, nas quartas e sextas, outras nas terças e sábados.

A localização dos encontros variava conforme os lugares em que ela se localizava, não havia espaço determinado ou “próprio” para trabalhar. Dessa forma, podia encontra-la no “calçadão”, entre os setores de farinha e artesanato, ou próxima do setor de ervas. Quando eu chegava na feira, procurava Marcia a partir do último lugar de encontro e através desse trajeto, caminhava entre os corredores, atenta para descobrir o próximo lugar em que Marcia se encontrava.

Em alguns desencontros, aproveitava para caminhar mais lentamente entre os setores e utilizava como estratégia a indagação, sobre aonde poderia encontrar Marcia, com outras vendedoras, as quais se localizavam próximo ou exerciam o mesmo tipo de venda. *“Bom dia, você conhece a Marcia do hortifruti?”*, através dessa pergunta, percebia que algumas mulheres, até mesmo homens que trabalhavam próximo do setor de hortifrúti, mostravam-se acessíveis a responder, por considerar alguém conhecido.

O fato de perguntar sobre outro sujeito, levou-me a ampliar as possibilidades de conhecimento dos atores sociais que compartilham relações de trabalho. Assim, essas redes de conversas paralelas, tecidas enquanto não encontrava Marcia, renderam-me uma vasta compilação de “fazeres”⁴⁴ praticados na feira.

Após alguns minutos caminhando, observando, “jogando” conversas com outros vendedores, encontrava com Marcia em outro espaço de vendas, mas não tão longe do setor mais específico de vendas de hortifrúti. Às vezes um pouco mais próximo do calçadão, outras ao lado do mercado do peixe ou atrás do setor de farinhas.

Ao encontrá-la, percebia em Marcia o quanto ela gostava de usar roupas coladas em seu corpo, demonstrando um ar sensual para os “padrões” de outras mulheres na feira, que sempre estavam de calça jeans, bermuda, camiseta, sandália etc. Marcia era diferente, valorizava sua beleza e trazia junto às atividades na feira com descrição e ousadia, a sensualidade que atravessa seus sentidos, da valorização de certa estética feminina.

⁴⁴ Ao observar diferentes fazeres laborais na feira, percebi que cada vendedor utiliza-se de técnicas e/ou estratégias específicas para pesar, dividir e expor suas mercadorias. Placas de papelão, escritas com canetas de tinta forte, são utilizadas para colocar os preços, que são variáveis, conforme valor repassado pelo fornecedor, que transporta as mercadorias e facilita a relação dos vendedores de hortifrutigranjeiro com a central de abastecimento do estado do Pará – CEASA. Outros dispõem, em cima de carros de madeira, placas de isopor, escritas as promoções de água mineral, água de coco, refrigerante e cervejas, assim como também é utilizado o recorte de garrafas pets, para a venda do tucupi, desinfetante, cachaças e temperos.

Eu: Como é sua relação com os homens da feira, falo sobre trabalho, afeto, respeito.

Marcia: Nunca me trataram com falta de respeito não, pelo contrário eles me ajudam caso eu peça pra eles, por exemplo, carregar o carro ou me ajudar com troco quando eu não tenho, a gente brinca, descontraí, ri de muita coisa, eu, graças a Deus, nunca tive problema, com aquele cara enxerido, que fica fazendo brincadeiras aqui e ali, se eles fazem eu não ligo, porque não dou a devida atenção, mais é tudo saber lidar com as situações, eu dou respeito, então, me dê também.

Imagem 23 e 24: Marcia, em um dia comum de trabalho na feira.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Não observei desrespeito ou assédio desferido à Marcia, apenas alguns gracejos de colegas de bancas próximas da sua, misturados com gestos de brincadeiras e elogios. Observava o modo como Márcia atendia os fregueses, enquanto vendia os hortifrutis. Enquanto realizava uma venda ou outra, contava-me seus desejos de vida, seus projetos longe da feira, contava-me sobre seus relacionamentos, sobre seus filhos e coisas corriqueiras do próprio trabalho.

Após certo tempo, eu já me encontrava tão inserida ao cotidiano, que acabava “quebrando o galho” na venda, como uma forma de ajudar Márcia, quando ela precisava

resolver algo fora da feira. O desafio que se instaurava era, ao mesmo tempo, atravessado pela curiosidade de vivenciar algo diferente da minha realidade.

Ao observar em Márcia e outras vendedoras táticas de venda, pude observar estratégias que as mesmas utilizavam para atrair os fregueses. Os modos de chamar atenção eram sempre marcados por palavras de agrado e gentileza com o público, como “rainha”, “princesa”, “freguesa”, “amor”, “querida”, etc. Então, em minhas investidas, encarei a banca como fosse minha:

Eu: Bora freguesa, levar essa mistura, uma é dois reais, três por cinco!

Freguesa: Me dá uma mistura e um saco de cebola pra eu levar”

Eu: Pode escolher amor, fica à vontade!

Experenciar, na prática, as formas de venda e negociação com os compradores, exigiram um conhecimento de cálculos matemáticos que nunca representaram uma forte característica minha. As formas alternativas de calcular, permutar e vender é uma característica de Márcia. Ao mesmo tempo em que atendia um freguês, outros se aproximavam, olhando e perguntando sobre valores. A atenção é redobrada para não perder nenhuma venda.

Assumi o lugar de Márcia três vezes, em dias e meses distintos. Todas as vezes por solicitação dela, devido, por exemplo, ela precisar se deslocar até alguma agência da caixa econômica ou lotérica, ou, simplesmente, para comprar algum utensílio que apenas poderia ser encontrado no comércio de Belém.

Conforme nossos encontros foram sendo realizados com maior frequência, Márcia me indicava outras mulheres que também trabalhavam de forma autônoma na feira, me apresentou Dona Maria, que vendia castanhas, que, por sua vez, me apresentou Juciléia, que vendia Hortifrútiis.

Quando Marcia não estava presente no seu carro de vendas, Johny, seu filho mais novo, assumia seu posto. Johny não era de conversar muito, sempre estava com fone de ouvido, sem camisa, e vestia apenas uma bermuda em todos os encontros. No início da minha aproximação com Márcia, não conheci seu filho, somente após sete meses do nosso contato inicial, tive meu primeiro contato com seu filho.

Em nossas conversas, Márcia contava que desde que ficou desempregada, em 2012, não conseguiu mais voltar a trabalhar de carteira assinada. Seu último serviço de carteira assinada foi como agente de serviços gerais em um hospital da cidade; depois foi trabalhar na construção civil, porém sem registro. Relata que fazia alguns bicos, limpando a casa de

alguém ou vendendo produtos através de catálogos. Relata que o dinheiro que entrava era pouco e, devido a isto, procurava complementar a renda.

Quando perguntada sobre como é o seu trabalho na feira cotidianamente, Márcia respondeu que precisa de muita força de vontade para estar na feira e “resistência” é sua palavra de ordem.

Eu sei que é difícil, sabe...a gente até tenta uma oportunidade de emprego, as empresas não colaboram também, eu sou pobre sabe... sempre quis estudar, dá o melhor pros meus filhos, mas tudo a gente tem que ter dinheiro pra fazer, um curso, uma faculdade... eu até dei uma desanimada pra colocar currículo por ai, aqui no veropa eu tô conseguindo tirar o meu sustento, graças a Deus, minha casa é própria, aí eu não tenho que gastar dinheiro com aluguel, meus filhos moram ainda comigo, por mais que eles sejam de maior, mais eu sou mãe, sinto que se eles precisam de algo, eu tenho que ajudar eles de alguma forma, os dois também estão desempregados, o Johny acabou vindo me ajudar aqui na feira, ele vendia bombons de chocolate antes, perto do mangueirão, acabou que ele vendo eu aqui, e vendo que o trabalho é pesado, veio me ajudar, mas isso, no fundo, não era o que eu queria pra mim nem pra ele. Eu queria tá trabalhando 40 horas semanais, com carteira de trabalho assinada e tudo que tenho direito, esse é meu sonho, voltar pro mercado.

[...]

A minha carteira foi assinada em 2005, no hospital que eu trabalhei, eu pegava lá de domingo a domingo, tinha folga uma vez por semana, era salário mínimo que eu pegava, eu tinha vale transporte e recebia vale alimentação...eu fiquei prestando serviço durante quatro anos...esse período foi bom porque eu tinha dinheiro certo todo inicio de mês...nesse tempo, eu consegui terminar minha casa, eu comprava meus móveis, tinha comida em casa todo dia, a gente não passava sufoco...as coisas fluíam sabe...quando eu saí da empresa, fiquei recebendo o auxílio desemprego por um certo tempo, nesse período eu fazia também bicos nas casas de outras mulheres...eu cuidava de tudo, minha diária, eu cobrava oitenta reais...passava, lavava, fazia comida...deixava tudo brilhando...aí nesse período um conhecido meu me disse que lá aonde ele trabalhava tinha mulheres na obra e me disse pra ir procurar o responsável...a construção civil pra mim foi um grande desafio...comecei auxiliando outras mulheres no setor de descarregamento de canos...depois eu comecei a bater cimento...era desafiador demais...foi uma situação que me fez ter mais força de vontade de vencer na vida... era trabalho mesmo, não fiquei nem seis meses, devido ser puxado demais pra mim.

Várias foram as ocupações e/ou atividades desempenhadas por Márcia em Belém, projetadas sempre ao alcance de um estilo de vida com dignidade e trabalho árduo, para o melhor para sua família. Entretanto, após o episódio de demissão na primeira empresa em que trabalhou e sua saída da construção civil, através de uma amiga, teve o convite de ir trabalhar em Florianópolis, em uma rede de restaurante, como atendente e auxiliar de cozinha.

Márcia, dessa forma, se planejou e foi morar em 2014, em Florianópolis, em busca de novas oportunidades de emprego, que “pagasse melhor”. Passou dois anos em Santa Catarina, conta que conseguiu pagar as contas, porém em virtude dos valores de alugueis serem demasiadamente altos na cidade e por sua amiga ter ido embora, não teve possibilidade de permanecer na cidade.

Quando cheguei em Floripa, já estava tudo certo para iniciar o trabalho em um restaurante, como ajudante de cozinha, a Cris, a minha amiga, que era daqui de Belém, também já tinha ido há alguns meses pra lá...ela sempre me chamava pra ir trabalhar, porém eu sempre pensava demais e acabava que no final não ia...só que as coisas não estavam tão bem por aqui...teve um dia que decidi ligar pra ela e falei que era pra ela me esperar que eu ia...arrumei dinheiro com meus irmãos, amigos...parcelei a passagem e fui...aí eu trabalhei lá por um ano como ajudante de cozinha, a gente dividia um kitnet, pagávamos de aluguel mil reais...morávamos perto da beira mar...a cidade era incrível, fiz amigos por lá e rápido passou um ano...a Cris se mudou para uma outra cidade em São Paulo...eu não fui com ela porque tinha ido para ficar em Santa Catarina...acabei voltando pra Belém e quando cheguei aqui foi que a minha história iniciou no Ver-o-Peso.

Márcia retornou para Belém em 2016 e seguia sem estabilidade financeira, o dinheiro que conseguiu juntar na sua experiência em Santa Catarina foi utilizado nos dois primeiros meses após seu retorno. Em Belém, produzia currículos e deixava em lojas no centro comercial, em lojas próximas da sua casa, restaurantes e hospitais. Entretanto, os gastos referentes a produção de currículos em *lan houses* e o deslocamento até os pontos comerciais, onde entregava os mesmos, não estavam sendo proveitosos.

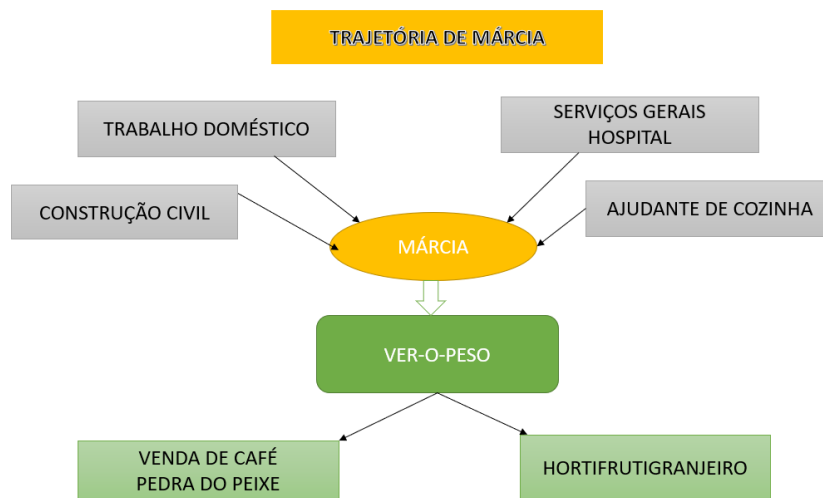
Eu acho tão difícil e triste saber que com meus 44 anos eu tenho tanta dificuldade em conseguir um emprego de carteira assinada, as empresas não dão mais chances pra mulher com minha idade, sem um monte de curso, eu tenho só o ensino médio mesmo, eu queria muito pagar um curso de informática ou de algum idioma, alguma coisa que me capacitasse, mais nunca tenho tempo, parece que nunca dá certo pra mim fazer, eu falo para os meus filhos darem valor na vida deles e procurar fazer alguma coisa, se tu não se capacita, o mercado não quer saber, aí tu fica sem emprego e acaba procurando alternativas pra ganhar o pão de cada dia, aí vai vender na rua, vai vender na feira.

Foi através de uma conhecida de Márcia, que vendia café no Ver-o-Peso, que surgiu seu interesse em ir “arrumar algo”, na tentativa de auferir rendimentos para ajudar na sua casa. Em 2017, foi junto com a sua amiga trabalhar na feira. Márcia iniciou vendendo café próximo da pedra do peixe, realizando esse serviço por dois meses. Logo após, devido ao seu conhecimento com outros vendedores, procurou pessoas que vendiam hortifrúteis e começou a vender, deixando a venda de café para trabalhar com verduras, próximo do setor das ervas.

Depois que comecei com o café lá na pedra do peixe, eu queria era vender hortifrúteis, porque pra mim era algo que aqui na feira, ia me dá mais dinheiro, porque veja só, pra está aqui é preciso ir na prefeitura, fazer uma matrícula e ter que pagar um carnê por mês, eu nunca fui lá, mas é o que as feirantes daqui me falam, então, eu, depois do café, conheci umas pessoas daqui que me informaram como eu podia alugar um carrinho ou uma carroça e com quem eu poderia comprar os legumes lá da CEASA, quando chegasse aqui. Foi tudo dando certo pra mim, logo depois que cheguei aqui no veropa consegui um carinho, sabe esses de supermercado, com o mesmo homem que me vende as batatas, ele me pedia só cinco

reais como valor da diária do carrinho, eu tinha que ver todas essas questões, aí eu compro a saca grande do que eu quero vender, mas, às vezes, o tomate, por exemplo, ele vem caro, então tento negociar pra mim pagar depois, às vezes eu pago à vista, logo quando eu compro, mas quando tô sem dinheiro, eu falo pro dono me vender, ele anota no caderno dele e depois ele passa comigo, tipo no final da tarde, aí eu do o dinheiro pra ele.

Figura 6: Trajetória de Marcia



Fonte: A pesquisadora, 2020.

Após a apresentação da trajetória de Márcia até sua inserção no Ver-o-Peso, apresentamos suas relações de trabalho e sociabilidade com os demais vendedores e clientes. Márcia vende na feira pimentão, cenoura, batata, pimentinha, repolho, limão, tomate, cebola, limão, etc. Cada saquinho de verdura que vende, sai em torno de dois reais para a revenda. Como ela adquire sacos grandes, de aproximadamente doze quilos, das verduras que irá vender posteriormente, é interessante ressaltar os valores de venda ⁴⁵dos fornecedores da CEASA. Pimentão: 30 reais (varia), Cebola: 60 reais (varia), Cenoura: 40 reais (varia), Batata: 120 reais (varia), Pimentinha: 30 reais (varia), Repolho: 60 reais (varia), Limão: 35 reais (varia). Mostrei interesse diversas vezes para entender como Marcia fazia os cálculos de rendimento e venda.

⁴⁵ Valores estimados no ano de 2019, nos meses de abril a junho.

Imagem 25 e 26: Comercialização de verduras ao lado do mercado do peixe.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Quando Márcia chega à feira, todos os dias, ela se dirige até os fornecedores de hortifrutis⁴⁶, conta que o descarregamento das verduras começa ainda pela madrugada. O próprio fornecedor vende também os saquinhos de hortifrutis, tradicionalmente encontrados em quase todas as barracas.

Produzido com um material sintético e não tão resistente, não medi as dimensões dos saquinhos, porém percebi que cada saco era composto por uma variedade de verduras, alguns misturados, outros contendo apenas um tipo de hortifrutí. Perguntei como Márcia estipulava os preços das mercadorias e ela respondeu que variava conforme o preço inicial de compra.

Tipo, depende de vários fatores, sabe, se eu tiver com dinheiro eu compro uma quantidade X pra obter um valor Y, tudo vai depender do quanto eu tenho inicialmente pra prever se vai ser melhor comprar mais isso, ou mais aquilo e ver meu lucro, eu faço algumas contas pessoais da própria venda, por exemplo, às vezes, eu venho pra feira trabalhar e só tenho o da passagem, durante o dia aqui, eu tenho que almoçar, comprar uma água e assim vai, às vezes pago alguém que tô devendo, compro mais alguma coisa e me pergunto cadê o dinheiro? Mas graças a Deus, poucas vezes eu sai da feira devendo alguém e se saio é através da camaradagem, que negocio para pagar depois.

Sua relação com os demais vendedores é marcada por muitas brincadeiras, piadas, como:

⁴⁶ Segundo Márcia e conforme observação, os fornecedores de hortifrutigranjeiro, localizam-se no setor atrás do Mercado do Peixe. Durante a madrugada a movimentação se inicia, por volta das três horas. Há intenso fluxo de trabalhadores realizando descarga e transporte dos sacos armazenados de verduras, os caminhões que chegam na feira são oriundos da CEASA-PA. Dentre as mercadorias transportadas, diversos são os consumidores/vendedores que aguardam para adquirir os itens.

“Ei negona, bora lá mais tarde tomar essa gelada?!”

“Marcia, me da uma chance?!”

“Égua da morena linda, meu Deus!”

Percebi em todos os momentos muita descontração entre os vendedores ao seu redor, o público é majoritariamente masculino próximo de onde Marcia trabalha. Homens e mulheres se respeitam internamente, chamando a atenção para os laços tecidos entre os vendedores, configurando uma grande “família” na feira, com laços de amigabilidade.

Márcia confia sua banca a alguns vendedores próximos a ela, como o Tito, a Lúcia e o Antônio, vendedores respectivamente de hortifrutis, tucupi e água. Ao observar e participar do cotidiano na feira, verifiquei que há uma comunhão de ajuda e auxílio entre vendedores.

Esses laços tecidos entre eles pareciam de fácil observação, porém percebi sutilmente que a amizade estabelecida durante as rotinas de trabalho são fundamentadas em trocas de favores e, talvez, são um pouco mais complexas do que aparentam. Essas trocas de gentileza são arraigadas em contratos informais, mas “obrigatórios”, isto é, perpassados por expectativas recíprocas entre os vendedores.

Quando Márcia pedia a algum vizinho para cuidar da sua banca enquanto saía para ir ao banheiro ou trocar dinheiro com algum vendedor conhecido em outro setor, as frases sempre estavam pontuadas em tom de “camaradagem” e prestação futura de algum favor, *“Tito, olha aqui pra mim enquanto eu vou lá com o José pegar um dinheiro, depois quebro teu galho”*.

O termo utilizado “quebrar o galho”, “eu tô te devendo essa”, “depois a gente acerta”, é costumeiro entre os vendedores da feira. Assim, a prestação de favores e contra-prestações são fundamentadas através de laços de confiabilidade dos que participam dessas relações, pautadas, sobretudo no contrato informal.

Após sua rotina de trabalho, finalizada ao final da tarde, aproximadamente às 18 horas, Márcia devolve o carro alugado que utiliza nas vendas, com ajuda de Johny (filho) ou algum amigo, recolhe o que sobrou de mercadoria, negocia a venda com algum vendedor que ainda persiste até o horário de saída da feira e dirige-se para parada de ônibus no calçadão, chegando à sua residência por volta das 20 horas.

Márcia, atualmente, deposita seus sonhos em seus filhos. Separada, tem dois filhos homens, um com 26 anos e outro com 23 anos. Tudo o que ela não quer é que seus filhos sigam a mesma atividade. Para ela, o Ver-o-Peso, ao mesmo tempo que a possibilita ganhar dinheiro, é o mesmo lugar que não deseja para seus filhos ficarem e trabalharem. O

sentimento é contraditório, mas percebemos que o espaço, apesar de constante, é representado enquanto momentâneo, como uma válvula de escape ao desemprego.

Eu não quero isso para os meus filhos, você entendeu? Eu não quero isso para os meus filhos de jeito nenhum... Eu quero que o meu filho tenha estudo, eu queria ver os meus filhos formados e com emprego registrado, com a carteira registrada, não fazer o que eu faço. Veja só, não é uma desvalorização dessa atividade, de ambulante, camelô, autônoma e etc. É um trabalho justo, porque a gente compra as mercadorias com nosso dinheiro e vende, pra ganhar em cima de um investimento que a gente fez, eu penso que o estado poderia olhar com mais cuidado para nós, trabalhadores, gerar mais emprego, possibilitar que a gente faça cursos profissionalizantes, pra gente poder ir atrás de emprego e realmente estar no mesmo patamar que outras pessoas. Eu realmente tenho um sonho de ter um emprego e ter tudo o que tenho direito, eu penso mais pra frente, quando eu envelhecer, sobre a minha aposentadoria e etc. porque eu não pago ela, isso me preocupa.

O desejo de Márcia, após momentos de crises financeiras e desemprego, sempre foi conseguir voltar ao trabalho formal em alguma empresa, recebendo seu salário, conforme a venda da sua mão de obra; desfrutando da disponibilidade e acesso a aposentadoria, seguro desemprego, plano de saúde, assistências vinculadas dentro da legislação de um emprego formal.

Imagem 27,28 e 29: Registro de uma dia de trabalho em vários ângulos de Márcia.





Fonte: A pesquisadora, Setembro 2019.

3. 2. DONA SOCORRO

Socorro, 59 anos, vendedora de castanhas e amendoim na feira do Ver-o-Peso, há aproximadamente 16 anos. Socorro fica com sua carroça localizada entre a calçada do Ver-o-Peso e a Estação das Docas, na Avenida Boulevard Castilhos França. Socorro é moradora do bairro do Tapanã⁴⁷, solteira, estudou até a 8ª série e trabalhou por muitos anos em uma fábrica de castanhas, em Benevides, até a década de 1990.

Usei como estratégia a aproximação da carroça como demonstração de interesse em comprar as castanhas, era uma manhã de quarta-feira, do mês de janeiro de 2019, por volta das 10h30 da manhã. O movimento da feira estava normal para os padrões semanais de intenso movimento, fluxo moderado e a presença de vários ambulantes em meio aos corredores e na calçada da feira, que dá acesso à via principal.

⁴⁷ O bairro do Tapanã fica localizado próximo à rodovia Augusto Montenegro, considerado um bairro periférico na cidade de Belém. Ver mais em: < <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Tapana.htm>>. Acesso em 05.08.2020.

Imagem 30 e 31: Dona Socorro em um dia normal de vendas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

No primeiro contato, avistei de longe uma senhora com mais ou menos 55 a 60 anos, sentada em uma carroça com castanhas dispostas para venda. Me aproximei, perguntei quanto custava e comprei um pacote de castanhas descascadas por quinze reais. Em tom de brincadeira, falei que era caro demais um pacote de aproximadamente 400 gramas de castanhas.

Enquanto abria o pacote e saboreava as castanhas, comecei a fazer algumas perguntas sobre a feira, fui interrompida por outros fregueses que compravam castanhas. Logo em seguida, continuei a mostrar curiosidade sobre o seu trabalho, sobre o público que mais comprava e quanto tempo ela trabalhava na feira.

Dona Socorro, mostrando um pouco de desconfiança nas perguntas, indagou o porquê do meu interesse e se eu era turista. Respondi que estava realizando uma pesquisa, no qual tinha como interesse conhecer o trabalho feminino na feira, de mulheres autônomas, que vendem seus produtos na feira sem terem permissão para estar ocupando o espaço público.

Me apresentei como estudante de mestrado da UFPA, assim como realizei com Marcia e demais interlocutoras, e que gostaria, se possível, de conversar sobre a sua vida e trajetória até a feira. Socorro se disponibilizou a participar, inicialmente as conversas foram direcionadas aos seus trabalhos anteriores. Desde o primeiro encontro com Dona Socorro, pude observar que além dela, havia outras pessoas trabalhando junto no seu carro de vendas.

Imagem 32: Dona Socorro localizada no meio da imagem e o carro improvisado de venda de castanhas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Ao longo das conversas, apliquei um questionário com perguntas fechadas, aonde constava: Nome, idade, telefone, profissão/ocupação, estado civil, cor, filhos, bairro etc. E enquanto fazia as perguntas do questionário, tentava anotar no meu caderno de campo todas as informações que socorro narrava da sua vida.

Socorro teve dois filhos homens, porém foram vítimas de assalto e acidente de moto, com falecimento de ambos. Contou-me que sentia-se triste e sozinha porque não tinha mais ninguém da sua família e quando perguntei se já foi casada, disse que nunca casou no civil, mas teve um companheiro por muitos anos, que havia falecido também.

Socorro, desde que saiu da fábrica de castanhas na década de 1990, trabalhou com outros serviços⁴⁸, porém nenhum deles registrado em carteira, nunca teve carteira de trabalho assinada e já vendeu de tudo um pouco na vida.

Socorro contou que foi através de um vizinho que trabalhava no Ver-o-Peso que surgiu o interesse de ir buscar trabalho na feira. Seu primeiro serviço na feira foi a venda de café no “calçadão”, depois passou a vender lanches, trabalhou durante alguns meses com venda de hortifrúteis e depois conseguiu, através de amigos na feira, uma carroça, conhecida

⁴⁸ Dona Socorro, após sair da fábrica de castanhas, iniciou vendas por encomenda de bolos para festas de aniversários dos vizinhos, vendia chopp de frutas em casa e, aos finais de semana vendia comidas típicas na praça próxima da casa que residia.

como “boi-sem-rabo”, passando a vender castanhas do Pará e amendoim. Socorro não revelou de onde compra essas oleaginosas do Pará para revenda.

[...]

Pego chuva, pego sol, mas tô aqui! O Ver-o-Peso é minha casa, desde às 6 da manhã já estou vendendo aqui, fico aqui até as 7 horas da noite, antes deu vim pra cá, eu trabalhava numa fábrica de castanha, não tenho marido, tive dois filhos, mais todos os dois morreram, o mais velho vítima de assalto e o outro mais novo, sofreu um acidente de moto... eu não tenho mais marido, é só eu... Tem dia que dá e tem dia que não dá com as vendas, mas não desanimo. Me sinto sozinha por não ter mais meus filhos comigo, eu tenho meus colegas daqui da feira, que são como filho e filha pra mim. Às vezes, quando não dá pra vim trabalhar, eu deixo com algum conhecido de confiança meu, ele vende pra mim, tira o dele e tira o meu. Sabe... o veropa, pra mim, ele tem uma importância muito grande, trabalho aqui mais de 16 anos, eu vi essa feira mudar todinha, vi reformas, vi gente prometendo melhorar aqui e que nunca fizeram o que prometeram. Eu vou levando a vida por aqui, tem dia que consigo só o do almoço, porque passo o dia aqui e tem que ter dinheiro pra comer alguma coisa.

Figura 7: Trajetória de Dona Socorro.



Fonte: A pesquisadora, 2020.

Dona Socorro, quando questionada sobre o porquê ter escolhido o Ver-o-Peso para trabalhar por mais de uma década, nos diz que foi o lugar que a acolheu. Diz também que nunca quis ir na Prefeitura se cadastrar e ter uma barraca na feira, segundo Socorro “é muita burocracia, não teria paciência para fazer o meu cadastro”. Percebe-se que assim como as demais mulheres entrevistadas, Socorro, por opção e desinteresse, não se matricula na SECON para trabalhar como permissionária, se sente “bem” da forma que leva seu trabalho.

Olha... a secon tá sempre por aqui, fazendo o trabalho deles, eles implicam com a gente aqui, eles vem, a gente fica esperta, sai, mais não demora muito a gente volta de novo e vai vivendo dessa maneira...de mim particularmente, eles nunca

recolheram nada que eu vendo, e olha que já tô aqui faz muito tempo...uma vez ou outra fico sabendo que eles passam com os feirantes e falam de reuniões, pra ter que ir lá na prefeitura, pra ter o cadastro pra poder trabalhar na feira...acho muita burocracia essas coisas...até porque se eu tivesse uma banca aí dentro da feira, eu ia ficar lá pro meio e ninguém ia vim comprar comigo...porque o que eu vendo é estratégico...tem muito turista que compra as minhas castanhas do Pará...eu fico aqui no ladinho da Doca porque eu tenho maior visão deles e eles de mim...eles passam na frente da minha banca, eu chamo logo do meu jeitinho pra minha banca...sabe...Peraí...

Pois é...aqui não temos lugares reservados ou fixos pra trabalhar, como eu já trabalho há muitos anos na feira, já rodei essa feira toda trabalhando, mas a gente é esperta e temos que ficar em um lugar que a visibilidade é maior...olha...eu trabalhava lá pras bandas do mercado de peixe, no lado quase da farinha, já trabalhei perto de onde vendem refeições lá pra cima, já fiquei perto do hortifrúti também, cada dia de trabalho na feira é uma coisa nova, não tem como determinar o que vai acontecer, aonde a gente vai ficar, porque, na verdade, aqui pra gente que vende na rua, a gente tem que se adaptar ao ritmo da feira...eu conheço muita gente mesmo aqui...já passei por algumas situações bem escrotas como outras mulheres na feira, por causa de espaço...mas isso já faz muito tempo também...o pessoal que chega hoje em dia aqui na feira, a grande parte é porque já conhece alguém aqui ou tem parente trabalhando ou que indica...então é mais fácil pra essa pessoa ficar por aqui, porque vou te contar, olha, não é tão fácil tu chegar aqui e sair por aí vendendo as coisas, porque aqui na feira tem muito bandido também, gente ruim...tem muita pessoa boa, que te ajuda, se te conhece, quebra um galho pra ti quando tu precisa...mas mana, eu sei de cada história por aqui de gente que já quebrou a cara aqui mesmo, que não aguentou as coisas por aqui, é difícil mana...pra ficar tanto tempo aqui como eu, sendo mulher e trabalhando aqui pela calçada, tu tens que engolir muitas coisas e aprender a se virar por aqui...como eu não tenho mais meus filhos e moro sozinha, eu chego na feira cedo e saio daqui só no final da tarde...então, por passar os últimos anos trabalhando o dia todo praticamente, eu só não venho dia de domingo porque eu tiro pra descansar em casa e cuidar das minhas coisas...mas o resto dos dias eu tô aqui, com certeza...se por algum motivo, até mesmo de saúde eu não vim trabalhar, eu peço pra algum conhecido meu que às vezes precisar tirar um dinheiro também, vim no meu lugar...mas eles já trabalham em alguma venda também na feira ou quebra galho de algum dono de barraca quando precisa, aí eles vem no meu lugar...como é o caso do Jailson e Antônio que me ajudam as vezes...ou a Patrícia que me ajuda se eu precisar também.

Depois do meu primeiro contato com Dona Socorro, a encontrei depois de dois meses no mesmo ponto, dessa vez a venda de Dona Socorro estava composta por diferentes pessoas conversando, por conta de não querer incomodar, caminhei pela frente da feira e fiz uma pausa para um pequeno lanche, em uma posição que poderia enxergar Dona Socorro. Demorei em torno de trinta minutos e as pessoas continuavam ao lado da venda de Dona Socorro, eram outros vendedores de artesanatos, na porta de saída do estacionamento da Estação das Docas.

Caminhei até ela e perguntei se estava tudo bem, de início, Socorro não lembrou de mim, mas logo após alguns segundos: “Ah, a moça lá da Universidade, né?”, respondi que sim e se poderia conversar novamente, Dona Socorro me respondeu que não estava em um dia bom e que não queria conversar. Dessa forma, respeitando a sua inacessibilidade para uma nova conversa, me retirei e falei que em outro momento voltaria.

Passada uma semana, retornei ao local que Socorro vendia castanhas e a encontrei, dessa vez sozinha, me aproximei e disse: “Bom dia”, Socorro sorriu e disse: “*Égua, tu vive aqui na feira, é?!’*”. Iniciamos uma conversa sobre seu interesse em minha pesquisa: “*Mas me diz...a universidade te paga pra ti tá aqui fazendo pesquisa... Tu vem pra cá todo dia... Quando é que tu termina lá?’*”. Gentilmente atendendo a sua curiosidade sobre meu ofício, expliquei que se tratava de uma pesquisa acadêmica, que, sobretudo, objetivava conhecer a história de vida de mulheres que trabalham, iguais Dona Socorro, no Ver-o-Peso.

Percebi que Dona Socorro, ora recebia bem as conversas, ora sinalizava pressa em finalizar a conversa informal comigo. Em todos os encontros comprava castanhas de sua venda, ao degustá-las, sentava ao lado de Dona Socorro e, respeitando o fluxo de clientes, via suas “artes de fazer” e negociar. (DE CERTEAU, 1984). De fala mansa e olhar profundo, fixava seu olhar treinado ao seu público alvo, os “turistas”.

Trabalhando aqui eu vi que era mais vantagem pra mim, tá trabalhando com as castanhas, faz muitos anos que trabalho ao lado da estação...os turistas amam...e nunca eles compram apenas um pacote, sempre levam dois, três...para suas cidades...eu sei disso, porque eles pedem para embrulhar pra viagem e dá pra ganhar dinheiro, sabe...mas é aquela coisa, tem época boa de venda...os meses das férias e final de ano é quando tem mais turista em Belém...nesses meses da pra fazer dinheiro.

Os meses de maior produtividade e renda são julho e dezembro, quando a cidade de Belém recebe uma demanda maior de turistas. Os demais meses do ano, são marcados também com venda para os turistas em menor escala. Dona Socorro designa como “alvo” pessoas de outros estados, devido a sua localização na feira, porém observei que muitos paraenses adquirem castanhas e biscoitos regionais na sua banca.

Em nosso terceiro contato, em setembro de 2019, Dona Socorro iniciou sua fala trazendo informações importantes da sua vida pessoal e relações de trabalho. Quando perguntei como se sentia trabalhando no setor informal e como reconhecia seu trabalho na feira, disse:

Mayara...como te falei naquela vez, na década de 90 eu trabalhava numa fábrica que vendíamos castanha, lá pra Santa Izabel, porque eu morava pra lá com meu marido, passei bastante tempo lá, acho que uns sete anos, não era carteira assinada não...eles pagavam a gente de quinze em quinze dias...tirava, na época, uns duzentos reais quinzenalmente...era um dinheiro que ajudava em casa, meus filhos eram pequenos ainda e aí eu deixava com a minha mãe na época, e quando chegava em casa, cuidava deles, meu marido trabalhava numa oficina mecânica...só que eu saí da fábrica e meu marido faleceu, eu vim pra Belém com meus filhos e aqui só tinha conhecidos, não tinha parente pra cuidar deles, eu deixava eles em casa e saía pra uma feira que tinha perto de casa, lá no Jurunas...tava desempregada, sem

estudo e com dois filhos pra criar...eu fui procurar o que fazer na feira, porque sabia que ia encontrar alguma coisa lá pra ganhar um dinheiro e foi assim que comecei meus trabalhos em feira...eu comecei vendendo tapioca e café na feira do Jurunas...aí quando me mudei pro Tapanã, conheci dois vizinhos que já trabalhavam há muito tempo aqui no Ver-o-Peso...hoje em dia eles não estão mais aqui...aí eu vi a oportunidade de vim trabalhar e cheguei na feira que trabalho até hoje...sobre como é meu trabalho aqui...é um trabalho árduo, a gente se sacrifica que só aqui... às vezes saio de casa sem tomar café, chego na feira, vou atrás do menino da carroça, aí eu deixo logo a carroça na posição que eu fico e vou pegar as castanhas com os fornecedores que trazem pra mim da CEASA...eu começo a descascar as castanhas...coloco elas em saco...aí tem as castanhas com casca e sem casca...sem casca é mais cara...vendo por gramas também...mas assim, o que eu posso te falar é que o trabalho da mulher na feira não é pra qualquer uma, cada qual tem seus motivos de virem pra cá... às vezes não conseguem mais emprego, precisam ter dinheiro pra viver, tem filhos pequenos e precisa sustentar, conhece alguém aqui que já ajuda a vender alguma coisa, e assim vai indo. (Dona Socorro, 2020).

Como descrito, a inserção de Dona Socorro na feira do Ver-o-Peso foi sucedida pela experiência anterior em uma feira localizada no bairro do Jurunas⁴⁹ e, posteriormente, mediada pelos vizinhos que já trabalhavam na feira. A amizade e o direcionamento, através de outros trabalhadores pertencentes ao espaço da feira, possibilitam acesso a novos trabalhadores, como também, a criação de novas redes sociais.

Poucas foram as mudanças constatadas em relação aos pontos de venda de Dona Socorro, variava ao lado da estação das docas e próximo ao setor de venda de roupas. Em sua banca sempre havia muitas pessoas conversando, sobrinhos, “filhos” e amigos. Segundo Dona Socorro, os meninos que ficam próximos à sua banca são amigos de muitos anos.

Os meninos que me ajudam na banca, não é todos os dias, mas pelo menos umas 4 vezes na semanas, são meus filhos que fiz aqui na feira...eles precisam tanto quanto eu trabalhar...uns são filhos de amigos daqui, de quando cheguei...outros sobrinhos de amigas daqui... eles me ajudam descascando as castanhas, embalando, organizando os pacotes em cima da banca... eu pago pra eles o valor da diária que depende do movimento, mas, às vezes, eu dou cinquenta, outros dia quarenta... Tudo depende de quanto eu faço de venda durante o dia...eu já tô velha pra tá fazendo tanto esforço físico sozinha...ai os meninos se organizam pra vim tirar a diária aqui comigo.

Nos atos de descascar castanhas com os ajudantes, identifiquei no rosto de Dona Socorro marcas de sinas referente à sua idade. É intensa a exposição ao sol diário pelos que trabalham na feira.

⁴⁹ O bairro do jurunas fica localizado na chamada zona sul da cidade de Belém, próximo aos bairro da condor e da cremação. Considerado um bairro festivo e alegre pelos moradores locais, onde fica localizado a escola de samba “Rancho Não Posso Me Amofiná”.

Ver mais em: <<http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Jurunas.htm>>

Em todos os momentos em que estive junto, observando as rotinas de trabalho, não vi a aplicação de protetor solar no corpo de Dona Socorro e nem nos demais homens e mulheres próximos. Às vezes, usavam boné e buscavam a proteção contra o sol, improvisando com um papelão, jornal ou, até mesmo, buscando proteção em baixo das árvores. O desgaste e exposição ao sol sem proteção colaborou para o envelhecimento e maltrato da pele de Dona Socorro. “*É muito raro eu passar protetor solar aqui, eu não passo nada não, acho que nem funciona muito*”.

No total, foram realizadas seis entrevistas abertas com Dona Socorro, iniciando em janeiro de 2019 e seguindo respectivamente os demais encontros em março, junho, agosto, setembro, outubro e dezembro. Dona Socorro segue suas diárias de trabalho na feira e não pensa em parar de trabalhar tão cedo.

3.3 PATRÍCIA

Patrícia Cristina, 47 anos, negra, mãe de três filhos homens, moradora do bairro da Pratinha,⁵⁰ afirma ser uma vendedora que vende de tudo um pouco na feira, mais segundo a mesma, se consolidou com a venda de castanhas do Pará. Começou a trabalhar na rua desde cedo e já se encontra na feira há aproximadamente dez anos. Patrícia diz que nunca gostou da escola, sempre brigava muito com os colegas de turma e sempre era expulsa, por conta do seu gênio forte.

Égua... eu era demais, quando eu era mais nova...nas escolas que estudava, arrumava briga com todo mundo...eu era muito rebarbada, não gostava de ninguém e qualquer coisa era motivo de fazer onda, acho que passei por umas quatro escolas diferentes, minha mãe me batia de raiva quando sabia que fazia confusão...não gostava de estudar (risos)... Aí eu fui perdendo muito tempo com a minha vida...logo cedo, eu comecei ajudando dentro de casa, limpando, reparando bebê...eu tinha uns 14 pra 15 anos...depois eu vendia chopp em parada de ônibus, já vendi bombons em coletivos...e todo ônibus que eu pegava, passava no ver-o-peso...eu tinha conhecidos que vendia no ônibus que conheciam outras pessoas do veropa.

Sua rotina de trabalho é de segunda a sábado, das (7) sete horas da manhã até aproximadamente às (16) dezesseis horas. Acompanhei-a durante três dias consecutivos, de segunda-feira a quarta-feira, observando o fazer diário das suas vendas na feira. Meu primeiro contato com Patrícia foi no calçadão, quase ao lado da banca de vendas de Dona Socorro.

⁵⁰ O bairro da pratinha, fica localizado próximo ao aeroporto internacional de Belém.

Ver mais em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Pratinha.htm>. Acesso. 14.03.2020.

O espaço ao lado do antigo estacionamento da feira, ao lado da estação das docas, reúne muitas mulheres vendedoras de castanhas e biscoitos regionais, encontramos aproximadamente trinta mulheres com a venda de castanhas. Os carros com amontoados de castanhas ficam visíveis, esse espaço reúne o encontro de todas as vendedoras que trabalham com esse tipo de venda.

Imagem 33 e 34: Patrícia Cristina em um dia de trabalho.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Os horários que eu chegava na feira para encontrá-las era entre (9h) nove da manhã e (10h) dez horas, ficava acompanhando suas atividades até o (12h) meio dia. Quando chegava a hora do almoço, entre meio dia e uma hora da tarde, eu ia almoçar na barraca da Dona Osvaldina, no setor de refeições, e, posteriormente, ia para minha casa, localizada a cerca de quarenta e cinco minutos da feira do Ver-o-Peso.

Vendo Patrícia trabalhando também com venda de castanhas e próxima à Dona Socorro, me dirigi a ela com o intuito de fazer algumas perguntas. Ao observar o conjunto de

fazerem dentro desse espaço, tive a possibilidade de observar o compartilhamento de saberes e ações entre as trabalhadoras.

Dona Socorro trata Patrícia como filha, porém não existe laços consanguíneos nessa relação. O afeto constitui o laço que une e fundamenta essa relação.

Conheço a Socorro faz muitos anos, a gente se conheceu aqui na feira mesmo, a Socorro e eu fomos apresentadas por um amigo meu que conhecia ela, aí a gente foi mantendo essa amizade que perdura até hoje, teve um tempo que eu tava sem dinheiro pra comprar mercadoria pra vender aqui, então comecei ajudar ela no carro dela, a gente tem muita história juntas e, graças a Deus, não temos nenhum tipo de problema... a Socorro me ensinou muitas lições de vida e vejo ela como uma mãe pra mim, sempre que ela pode, ela me ajuda no que preciso.

Para a venda das castanhas, Patrícia descasca com uma faca e separa em sacos plásticos de 500 gramas, entre castanhas descascadas e com casca. O carro que utiliza é alugado, por diária, de um conhecido da feira, por dez reais, pago no ato do empréstimo do carro. Após o seu dia de trabalho na feira, devolve o carro para a pessoa que alugou.

Patrícia afirmou que sempre trabalhou prestando serviços em casas de famílias, auxiliando em serviços gerais, etc. Mãe de três filhos homens, respectivamente com 26, 24 e 23 anos, afirmou que se considerava “velha” para arrumar emprego de carteira assinada, “nunca gostou de estudar” e, por necessidade, viu a feira do Ver-o-Peso como uma oportunidade para sua subsistência.

Chegou ao Ver-o-Peso através de conhecidos, alguns são permissionários e outros trabalham como vendedores informais. Com a venda de castanhas do Pará, consegue tirar sua renda diária. Observei como era a relação do seu trabalho no espaço público, mediante as intervenções de organização da feira, realizadas pelos agentes da SECON.

Há dias que a gente fatura bem, tem outros que saímos daqui como chegamos, só o dinheiro da passagem do ônibus, o Veropa me acolheu de uma maneira que sou grata, por mais que seja difícil viver sem ter um ponto fixo, quase todos os dias ser perturbada pelos caras da secon, para tirar o carro com a mercadoria e se deslocar para outro lugar na feira, a gente vai levando...Nunca quis ir na prefeitura me cadastrar pra eu ter um boxe ou coisa do tipo, minhas colegas falam que é uma burocracia pra conseguir essa matrícula. Eu não tenho tempo pra ir atrás disso, enquanto der pra vender e ganhar meu dinheiro, eu vou continuar desse jeito. Tô aqui há 10 anos, fiz de tudo um pouco na feira, hoje trabalho com a venda de castanhas, vendo muito para o público de fora, vendo as castanhas em pacotes de 500 gramas, custando 15 reais, descascadas, prontinhas pra saborear...eu já ajudei gente em quase todos os setores da feira, já vendi lanches, já vendi hortifrúteis, já vendi café, já vendi tomate, cebola...já ajudei feirantes aqui que me pagavam uma diária, às vezes, de trinta reais, vinte reais...eu já perdi vontade, sabe, de me arrumar e ir colocar currículo em empresa...as coisas são mais fáceis quando tu tem uma peixada...aí sim, tu consegue alguma coisa...eu não tenho filho pequeno mais, meus filhos são todos adultos, tem dois que tão amigados e o mais novo, ele

mora comigo...mas ele trabalha fazendo bicos em festas, às vezes...mas eu nem posso contar muito com ele, porque ele tem a vida dele...na minha casa, eu tenho que cuidar de tudo só...se eu não vim trabalhar, as coisas pioram....eu tô aqui e tô vivendo...mas sobre ter que ir atrás de matrícula na feira e outras coisas, eu não vou, porque acho que não preciso...eu não sei nem te falar quantas mulheres estão aqui na feira, que foram demitidas, mandadas pra rua mesmo...que não conseguem outra coisa e acaba vindo aqui pra feira...porque dinheiro aqui tu consegue, mas tu tem que trabalhar mesmo...aqui não é brincadeira não.

Quando questionada porque entre diversas mercadorias e produtos ela escolheu a venda de castanhas: *Minha amiga, Socorro, tem o mesmo tempo praticamente que eu na feira, ela já vende castanhas há muito tempo, e aqui na feira sai bastante, o consumo e venda da castanha do Pará... Acabou que tô nessa até hoje e tô levando um dia de cada vez.*

No início da pesquisa, houve certa dificuldade para entrevistar a interlocutora, pois o trabalho de atendimento ao público, contínuo e cansativo dessas vendedoras, exige jogo de cintura, para chamar atenção da clientela. Observava o jogo de retórica com o qual Patrícia chamava a atenção, daqueles que transitavam em frente ao seu carro. *Bom dia freguês, bora levar essa castanha descascada, tem de cinco, dez e quinze!*

Ao observar suas “artes” de atrair compradores, tudo parecia válido diante do freguês, como falar alto, olhar nos olhos, oferecer as castanhas para provar, fazer descontos e promoções.

Eu ofereço as castanhas pra quem passa na frente daqui do meu carro, com o tempo você sabe pra quem oferecer, é como se você tivesse um olhar treinado pra saber quem vai levar, vai fazer uma boa compra... a gente chama eles, trata bem, com um sorriso no rosto, eu gosto desse contato direto, de olhar nos olhos, pegar na mão...não sei, sabe, cada pessoa deve ter seu próprio jeito de conquistar sua clientela...teve uma vez que eu vendi pra um casal, eles eram de Minas Gerais, quase cem reais de castanhas...acho que era pra eles levarem pra cidade deles...foi um bom dia...eu peço pra Deus que todos os dias ele coloque gente assim pra comprar de mim...pra mim ser uma pessoa iluminada pra vender mais..

Patrícia, quando indagada sobre seu trabalho na feira em relação à realização de serviços registrados em carteira, contou que sonha em um dia ter a carteira assinada, plano de saúde, vale transporte, auxílio doença, etc. Entretanto, como foi apresentado no início, o sonho se torna utópico, posto que a mesma, não procura e nem tem condições estruturais para se qualificar para o mercado formal.

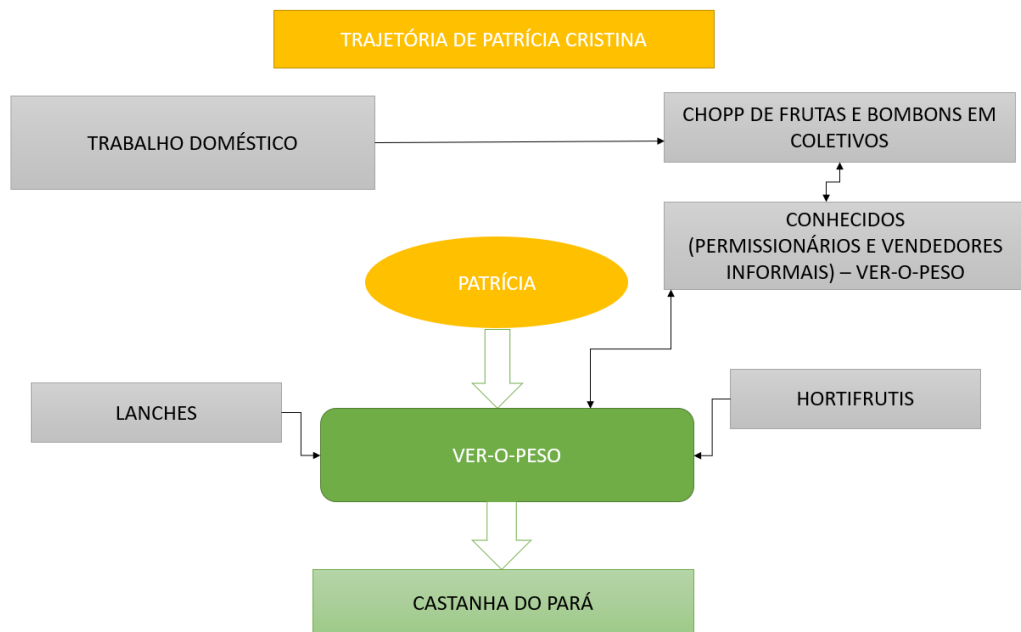
Eu me sinto velha pra ir atrás de emprego...e também, entre trabalhar de serviços gerais em um hospital, banco, escola, e ficar aqui no Ver-o-Peso...eu prefiro aqui, porque aqui eu faço o meu dinheiro, por mais que seja muito relativo o quanto a gente ganha aqui, eu iria trabalhar mais lá pra ganhar aquele salário, eu sei que ia tá contribuindo pra quando eu ficar aposentada, mas eu gosto do que eu faço aqui na feira, tem muita mulher que tá aqui mesmo porque precisa tirar daqui da feira o

sustento da sua casa, não tem outra alternativa mesmo e não gosta de vim, porque acha que o trabalho aqui é pesado demais, porque realmente é...aqui a mulher tem que segurar as pontas, tem que fazer trabalho pesado, tá exposta a muita coisa, tem sempre aquelas situações desconfortáveis, tem roubo aqui na feira, a gente tá exposta ao sol quente, a chuva...período chuvoso daqui de Belém, tu sabe como é, né...às vezes tu vem trabalhar e o dia não foi bom porque tu não vendeu nada, aí vai pra casa às vezes só com dez reais no bolso, pedindo a Deus que melhore tua situação.

Através dessas narrativas, constatamos que as rotinas de trabalho iniciam com o aluguel do carro de venda, a compra das castanhas e o transporte do carro até o lugar de vendas, sob o risco de aparição dos agentes da SECON.

Trabalhar na feira representa para Patrícia uma oportunidade de renda, principalmente devido à sensação de se sentir “velha” para retornar aos estudos e procurar meios de profissionalização. Sente-se acolhida e gosta do que faz. A ênfase no “trabalho árduo” que realiza é pautada em uma rotina de dez ou mais horas diárias.

Figura 8: Trajetória de Patrícia Cristina



Fonte: A pesquisadora, 2020.

3.4 ÓZEIA

Ózeia da Silva Alencar, 40 anos, baiana, mora na cidade de Belém há mais 30 anos, desempregada há dois anos, mulher negra, com um sorriso que chama atenção daqueles que passam em frente à sua banca.

Por volta de meio dia e meia (12h30), após meu almoço no setor de refeições, em uma tarde quente, de uma quinta feira, 26 de setembro de 2019, quando caminhava pelo calçadão da feira, avistei duas senhoras sentadas, conversando, próximas a uma banca de industrializados⁵¹, em frente ao setor de lanches.

Ao me aproximar das duas senhoras, com um sorriso no rosto, perguntei se havia a possibilidade de uma pequena conversa sobre o trabalho na feira, como de costume, me apresentei como aluna de mestrado em antropologia da UFPA. Ózeia se dispôs a conversar comigo pelo fato de se identificar com a questão educacional, formada em Pedagogia, com especialização em Psicologia Educacional, com ênfase em Psicologia Preventiva.

Contou que estava desempregada há dois anos e, de acordo com ela, devido à crise financeira, sobretudo, a partir do segundo semestre de 2016, que afetou diretamente vários setores da economia, houve a necessidade de redução de quadros de funcionários em diversos lugares.

Ózeia trabalhava no projeto Centro Educacional Aprendiz, localizado na Avenida 16 de Novembro, no bairro da Cidade Velha, atuando no Ensino Infantil e Fundamental I e II. No final de 2017, devido à redução de quadro de funcionários da escola, foi “mandada pra rua”, como ela mesma configura esse acontecimento.

⁵¹ Quando me refiro a “industrializados”, são bancas que contém uma diversidade de produtos como: broche de cabelo, barbeador bic (caneta), pomada “canela de velho” para dores musculares, pilhas, pente, capa para celular, carregador USB, fone de ouvido etc. São também consideradas “miudezas”, bancas que oferecem inúmeros produtos.

Imagem 35: Ózeia em sua banca de venda em frente ao setor de refeições.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Trabalhou na escola com a carteira de trabalhado assinada durante dois anos. Encontrando-se sem trabalho, através da sua irmã que trabalhava com vendas de “miudezas” na feira, devido a necessidade de pagar aluguel, pagar contas e sobreviver, avistou a possibilidade de “ganhar dinheiro” trabalhando no Ver-o-Peso.

Minha irmã já trabalhava na feira há algum tempo, ela montou uma banquinha pra vender brinco, eu tava desempregada, precisava de dinheiro pra pagar meu aluguel, minhas contas, comer e vestir. Vi que ela, trabalhando na feira, conseguia tirar seu sustento e fui me aventurar e acabou que já tô aqui desde 2017, eu ia dia de sábado ajudar ela, aí ela me deu a ideia de montar uma banquinha com miudezas pra vender, né...aí eu montei, de piranha de cabelo, brinco, fone, essas coisas...conforme o cliente ia procurando, eu percebia o que eles estavam a procura, aí eu ia atrás pra comprar e ia colocando no carrinho... vai fazer uns dois anos que trabalho na feira, eu trabalho junto com a Ana, a gente divide a mesma casa, trabalhamos juntas na feira, mas a Ana passa mais tempo que eu, porque mesmo eu estando desempregada, eu to fazendo uns cursos de profissionalização dentro da minha área, eu penso até em fazer uma outra graduação em Matemática, pra ver se me abre mais possibilidades de emprego, eu já botei currículo nesses últimos dois anos em várias escolas, mas não me chamam, o emprego em Belém tá difícil, a minha área de atuação tá saturada, é muito nego que tá atuando, e muitos estão desempregados, quando alguém consegue uma vaga é por conta de “peixada”, tem que ter contato de alguém lá de dentro pra eles te chamarem...aí tu se sente até desestimulada com a falta de oportunidade de emprego...imagina só, a gente que é formada, quer exercer a sua função e não consegue mais se encaixar no setor, ou porque está extremamente saturado ou porque quando aparece uma vaga, já tem uns dez em cima, aí sempre tem alguém de dentro que ajuda a pessoa...eu já

coloquei nos últimos meses diversos currículos...aí eu fico na esperança que uma hora ou outra apareça algo e eu volte a dar aula...hoje em dia, como estou aqui na feira, espero que seja temporariamente...mesmo...eu faço cursinho pra concurso público da prefeitura que vai sair agora...eu não tô parada...estudo sempre que dá em casa, revisando meus materiais em sala de aula...devido o tempo, eu tava pensando em ir dar aula de reforço pra criança...mas acho que não compensa...aqui na feira todo dia eu tenho dinheiro, tem dia que é mais e outros são menos...mas aqui, com as minhas vendas, eu pago aluguel com a Ana...tá apertado, né...mas consigo pagar uma conta às vezes...tá desempregada, a gente sabe que não é o momento para pensar em comprar nada...eu faço economia de muita coisa...às vezes eu fico pensando que se tá ruim pras mulheres brancas, que tem experiência na sua área e estão desempregadas...imagina pras mulheres sem experiência, com filho pequeno...e sem falar da questão do racismo dentro da nossa sociedade...eu já senti que perdi oportunidades por causa da minha cor e isso me doeu muito.

Os marcadores de gênero e cor marcam a fala sensibilizada de Ózeia em um cenário de desemprego estrutural na sociedade brasileira. Ózeia continuou contando sua trajetória, quando mudou-se para o bairro da Campina, para facilitar seu deslocamento para a feira. O bairro que ela morava antes não foi informado na entrevista, ela contou que achou mais viável morar em um bairro próximo do Ver-o-Peso, por conta dos gastos com passagem de ônibus e carregamento dos seus produtos. A casa que mora é alugada e paga mensalmente o aluguel de 520,00 reais, divide a casa com Ana, sua companheira.

a gente achou melhor morar perto da feira, não gastamos dinheiro com ônibus e vamos caminhando todos os dias, a gente faz isso já há dois anos, não vejo problema, sabe, foi até melhor assim, às vezes o movimento da feira tá fraco, tem dia que a gente consegue fazer só o do almoço, tipo uns 20 a 30 reais, tem época, como a do Círio e Natal, que a gente fatura bem por aqui, tipo, por semana, a gente tira uns 600 reais ou mais, trabalhar na feira tem disso, você pode dar sorte de vender bem e voltar no fim do dia com lucro pra casa, tem dia que é ruim mesmo, a gente passa das 06 horas da manhã até meio dia, a mercê de qualquer momento a secon chegar e tirar as nossas vendas, tem a criminalidade na feira que é horrível, tem que ficar esperta aqui o tempo todo, a gente conhece os caras que roubam sabe, mas a gente não pode se meter ou falar nada, Deus me livre eles descobrirem e fazer alguma coisa com a gente...por exemplo, tu tem que ter cuidado ao falar com a gente...enquanto tu tá aqui parada, eu já vi uns três passando aqui perto da gente, eles ficam observando, é como fosse a lógica de dominação deles na feira...eles furtam, difícil roubarem aqui, por que ali no canto do mercado do peixe, tem policial lá, mas é mais isso, sabe...mas tem a parte boa, que tem que tirar daqui, que são as pessoas que a gente conhece, por exemplo, desde quando eu comecei a trabalhar aqui, eu e Ana, a gente foi conversando e conhecendo as pessoas...agora quando tu chegou aqui tava uma conhecida nossa, ela vende mais ali pra frente, a mesma coisa que a gente, tem as meninas que vendem bingo, jogo, as outras meninas que vendem biscoito e castanha e tem também as nossas amigas masculinas aqui.

No discurso de Ózeia identifiquei a angústia em trabalhar em um espaço, onde tem que lidar e criar estratégias de sobrevivência frente à precariedade e vulnerabilidade no qual as mulheres que pertencem a esse universo enfrentam. Porém, chama atenção os vínculos de amizades e redes de ajuda que criam e vão se fortalecendo conforme a vivência no espaço,

onde cada sujeito compartilha com os demais vivências que se transformam em memórias. Ózeia relata também sobre a invisibilidade que a mulher é tratada.

Nós, vendedores informais, a gente não tem espaço aqui na feira, pelo fato justamente de não ser cadastrado na prefeitura, os agentes da secon já fizeram nosso cadastro umas quatro vezes para a gente conseguir a doação de um boxe, mais nunca chamam a gente... enquanto eles não disponibilizam um boxe, a gente trabalha aqui na calçada mesmo....independente de ter estudo ou não, a gente tá a mercê do Estado... nós somos invisíveis aqui, pra uma mulher tá aqui na feira, ela tem que querer muito mesmo, não é fácil, chega depois do meio dia começa o calor que só Deus na causa e quando chove... a gente tem que improvisar tudo, tirar, cobrir a banca pra não molhar nossas coisas... eu acho que aqui na feira deveria ter uma espécie de apoio através do serviço social, da prefeitura, para ajudar essas mulheres e homens na feira, ainda mais nós, mulheres, ninguém sabe o que passa dentro de casa, é daqui que a gente tira nosso sustento pra levar pra casa e nos dias que a gente vende só pra almoçar na feira e não sobra dinheiro pra levar pra casa, problemas com marido, com filhos, etc. eu penso dessa forma, o espaço da feira deveria ser pensado pela prefeitura dessa forma, disponibilizando amparo pra gente que trabalha aqui, independentemente de ter boxe ou não, a gente tá na feira, movimenta a economia, a gente compra, vende, negocia...no nosso caso, a gente pensa positivo que dias melhores virão”.

Entre as pessoas passando ao nosso redor, vários sons se misturavam, de carros, buzina de ônibus, pessoas correndo para pegar o ônibus, “eeeiiii, lá vêm o ônibus, corre!”. Outras perguntando o valor dos produtos de banquinhas ao lado, “quanto é que tá á agua de coco?”, outras comprando fone de ouvido com Ózeia. Observava atentamente a dinâmica que o espaço oferece. Todos os encontros com Ózeia eras marcados por uma intensa movimentação ao nosso redor, devido, a sua localização que era no setor de maior movimento na feira, próxima a parada de ônibus.

Me despedi de Ózeia e Ana perguntando se poderíamos manter contato via *whatsApp*, Ózeia disse que não teria problema nenhum. Segui em direção à parada de ônibus, logo à frente, percebendo como a frente da feira do Ver-o-Peso é tomada por trabalhadores informais.

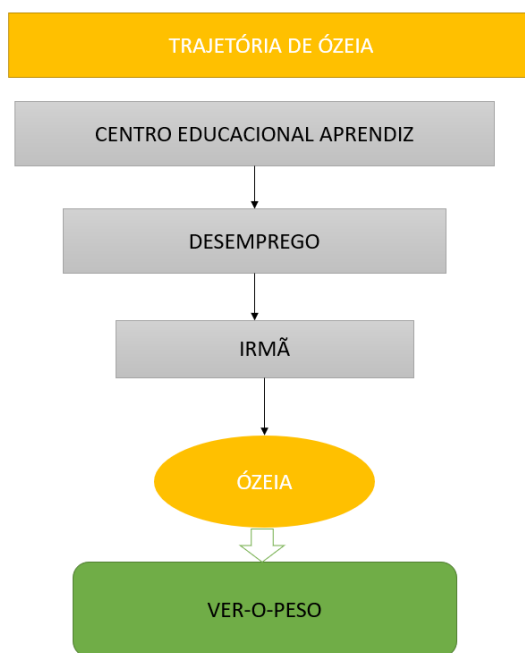
Após duas semanas, entrei em contato com Ózeia, instigada a compreender como os espaços são escolhidos e demarcados entre os trabalhadores. Perguntei como esse processo de escolha dos espaços funcionava dentro da feira.

“Eu não sei como é com as outras pessoas daqui, mas, pelo o que eu entendo, é chegou cedo, ficou no lugar, lógico que quem trabalha já há algum tempo percebe que tem espaços que já é como oficial daquele trabalhador ou não, por exemplo, tem as meninas da castanha, elas sempre ficam aqui pelo setor de industrializados, na saída da estação da docas ou ali no lado do setor das refeições...como eu vendo miudezas, o meu público é, geralmente, às vezes, que estão passando pela feira ou que vão pegar ônibus, porque se eu for pra outro lugar, vai ficar difícil verem a minha banca e aqui tem maior fluxo de pessoas...até hoje não tive nenhum problema com essa questão de espaço, também não vou te dizer que é mil maravilhas, uma vez

ou outra a gente sabe por outras pessoas que fulano falou alguma coisa, mas isso é bem raro...pessoal daqui da feira que eu conheço é tudo camarada, porque se tu prestar atenção, só no meu lado tem pelos menos umas 10 a 15 pessoas vendendo varias coisas, parece que a cada dia que passa tem mais gente vendendo aqui”.

Fica nítido que os espaços na feira sob a ótica desses trabalhadores são pautados em negociações entre eles próprios, são acordos dentro de parâmetros sociais locais, estabelecidos como forma de definição de laços que formam o círculo de trabalho social. Um efeito significativo dessas posturas, são o reconhecimento coletivo que o ambiente emite, teias de relações sociais tecidas, que atravessam esses sujeitos em seus diversos comportamentos, nas maneiras de agir e pensar.

Figura 9: Trajetória de Ózeia.



Fonte: A pesquisadora, 2020.

3.5 FERNANDA

Fernanda, 38 anos, moradora do bairro do Una⁵², vendedora informal de miudezas no Ver-o-Peso, trabalha na feira há aproximadamente nove anos, casada, mãe de um casal de filhos, Lucas, 17 anos e Leticia, 19 anos. Estudou até o Ensino Médio e após concluir os estudos iniciou vendas informais em calçadas públicas próximo ao shopping Castanheira⁵³.

Fernanda, em seu percurso no Ver-o-Peso, desenvolveu vendas de lanches, picolés e sucos. Atualmente trabalha com a venda de pequenos produtos (pentas, maquiagens, bijuterias, controles, pilhas). Desempregada, procurou em vendas nas ruas possibilidades para seu sustento. Conta-nos que já passou por “necessidades financeiras” dentro da sua casa e que, muitas vezes, o rendimento das vendas não é suficiente.

Meu primeiro contato visual com Fernanda na feira foi em agosto de 2018. Por volta de 10h30 da manhã, de uma terça-feira, iniciava mais uma observação da movimentação das trabalhadoras no calçadão, após cumprimentar outras interlocutoras, vi Fernanda sentada ao lado de uma grande árvore. Essa árvore, para quem caminha em sentido Estação das Docas – Ver-o-Peso é a segunda, em frente ao setor de venda de roupas.

Me direcionei até Fernanda, percebi que naquele momento ela não atendia ninguém, cumprimentei com “*Bom dia, posso falar com você?*”. Fernanda, nos primeiros segundos de conversa, mostrou-se tímida e com certo receio de conversar comigo. Em tons alegres e despretensiosos, iniciamos uma conversa que no primeiro contato durou cerca de 45 minutos.

Fernanda é a caçula de uma família de três mulheres, viu, através de experiências de vida, sobretudo, de trabalho, que suas irmãs Fábria e Franciele realizavam como vendedoras ambulantes, no bairro do Castanheira, possibilidade de renda. Com 18 anos conheceu Marcos, seu esposo, eles são casados há 20 anos. Aos 23 anos, começou a trabalhar nas ruas de Belém com vendas de bolsas, chapéus e óculos.

Conheceu o Ver-o-Peso como espaço de venda através do seu cunhado, José, marido de Fábria, que trabalhava vendendo em uma banca na 15 de novembro, lanches. Fernanda, desde muito jovem, trabalhou em ruas públicas, viu a movimentação que a feira oferecia para os trabalhadores ambulantes.

⁵² O bairro do Una fica localizado próximo aos bairros do Atalaia, Cabanagem e coqueiro.

Ver mais em : <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Una.htm>. Acesso. 14 de Março, 2020.

⁵³ Shopping localizado na Br-316 Km – 1º em Belém do Pará. Nas proximidades desse shopping estão localizados diversos vendedores informais em calçadas e paradas de ônibus. Esse espaço é marcado por intenso movimento de pessoas e vendas. De lanches até réplicas são encontrados.

Antes da feira do Ver-o-Peso, concentrou suas vendas na calçada, ao lado do shopping Castanheira, por dez anos. Expandindo seus negócios na informalidade, deixando sua banca do Castanheira para seus filhos e marido cuidarem.

O que aconteceu...eu fiquei muitos anos no Castanheira, morando próximo...minhas irmãs, desde nova, já vendiam várias coisas em paradas de ônibus...minha irmã mais velha, a Fábria, tinha até uma barraca pra trabalhar lá...ela falava que era legalizada...mas na verdade eu nunca soube...até porque quando eu comecei por lá, eu levava apenas um carrinho de supermercado com as minhas coisas dentro...eu sempre comprei as minhas mercadorias no centro, nas lojas dos chineses...quando comecei, fiquei com venda de bolsas, óculos etc...depois eu fui saber que o marido da minha irmã tinha uma venda pro centro...quando se conhece uma pessoa, fica mais fácil ir fazendo amizade...meu cunhado me ajudou...logo, logo conheci a Nety, que era amiga do meu cunhado...ela tinha uma banquinha na feira, de bugigangas...eu disse que ia vim na outra semana...no dia que eu cheguei na feira...eu lembro até hoje...foi numa segunda feira...cheguei com meu marido, a gente já tinha experiência de venda, né...era muito cedo...quando o sol nasceu na feira, a gente já tava por lá...o primeiro dia foi de conhecimento...vendemos poucas coisas...deu uns 70 reais...no outro dia a mesma coisa, nos primeiros meses, até pegar o ritmo da feira e conhecer os demais que trabalham por lá...é com calma, até porque aqui tu encontra todos os tipos de gente, né...tinha gente super fechada que parecia que a feira era só deles e a gente não podia estar ali...mas isso foi logo no início...depois que se pega a manha de como tá aqui...as coisas mudam...sem dizer que a gente acabou fazendo uns cadastros na Prefeitura quando os agentes da secon passam aqui...mas até hoje espero que me chamem...meu marido até foi lá na Prefeitura ver como era essa matrícula pra tá legalizado no espaço, explicaram pra ele, acabou que a gente não fez...pra mim, não faz tanta diferença, porque nossas vendas ambulantes são até melhores do que ficar parado em um só ponto.

Entre algumas vendas e falas rápidas com outras vendedoras, esperava Fernanda ficar “livre”, para aprofundar mais ainda nossa conversa. Fernanda respondia de forma sucinta todas as perguntas, enquanto narrava fatos da sua vida, quando casou, sobre a maternidade, a relação com as suas irmãs e o setor informal.

O meu marido, ele sempre me ajudou com as vendas, logo que a gente se juntou ele já me ajudava...depois tive meus filhos...a gente morava na casa da minha mãe, depois de uns 3 anos, a gente foi morar na casa da mãe dele...ele depois trabalhou em uma empresa, como agente de portaria...o rendimento dele que ajudava mais em casa...ficou lá um tempão...depois, quando ele ficou desempregado em 2008, ele começou a me ajudar pra cá na feira...ele comprava toda a mercadoria, eu falava o que precisava e ele ia comprar...sempre foi meu braço direito...os meus filhos, quando não tinha ninguém pra cuidar, eles iam comigo pra venda...ficavam comigo o dia todo, quando não tinha escola...ou quando tinha...eu levava cedo pra escola e depois ia trabalhar...não dava pra deixar eles com ninguém...a minha mãe, ela é idosa...minhas irmãs sempre trabalharam também...o pai, quando ficou desempregado, a gente dividia, às vezes ele em casa pra cuidar dos meninos e eu aqui ou ao contrário...nesse passar de tempo, encontrar tempo pra estudar de novo, sempre foi difícil...imagina...quando se tem família e tem que lutar pra sustentar...precisa de muita força de vontade pra gerir tudo...minha sorte é porque o pai dos meus filhos está comigo e me auxilia...aqui eu converso com as meninas...tem tanta mulher sofrida, com história de casamento, separação e por aí vai...

O trabalho realizado na feira não representa para Fernanda um “estilo de vida”, um ofício no qual se orgulha de fazer parte, mas uma “necessidade de sustento”, como alternativa de “viração”⁵⁴, em meio ao desemprego.

Tem dia que o que eu faço aqui na feira é só pra comprar uma marmita no almoço e voltar pra casa...pegar um ônibus...quando não tem muita grana entrando, não tenho de onde tirar pra ir comprar as mercadorias pra vender aqui...eu peço emprestado às vezes que dá...ou venho só com o da passagem de ônibus... eu tô aqui porque encontrei essa oportunidade de vim vender na feira, que é onde eu sei me virar e tem bastante fluxo de gente... quando tá bom o movimento, eu bato a boa aqui, tem mês que o rendimento é muito bom, mas tem outros momentos que a gente chega aqui, passa o dia todo pra fazer 60,00 reais e olha lá...o desemprego me fez vim parar aqui, óbvio que não me sinto completa e feliz de tá trabalhando na rua, eu queria tá com todos meus direitos garantidos, trabalhistas, plano de saúde, vale transporte, mas eu saio por aí distribuindo currículo, não ligam e em casa não tenho notebook e nem internet pra tá fazendo curso...Aí tudo fica difícil.

Fatos cotidianos experienciados por uma mulher, negra e de classe econômica precária, realçam uma identidade impactada por estereótipos hegemônicos, que corroboram a segregação de pessoas excluídas dentro dos lugares de poder.

Dá medo, de passar os dias e eu continuar sem renda fixa, desamparada pelo Estado, os dias passam e meu desejo é poder ter uma chance de emprego, mas eu sei também que tem muita coisa por traz, lembro da última vaga que me ligaram pra entrevista...foi de um hospital aqui em Belém...o cargo era pra recepcionista [...] no dia eu me arrumei e fui, mas como já fazia tempo que não comprava roupas novas... até minhas maquiagens já estavam tudo velha, me arrumei com o que tinha em casa...eu fui e quando chegou na hora da entrevista em grupo com as outras meninas...eu vi pela cara da supervisora do cargo lá, que pra trabalhar com o público daquele hospital tinha que ser mais bonita, sabe...como era pra ser recepcionista, tinha que ser mais ajeitada...eu senti na pele o preconceito comigo...por não estar arrumada, sei lá... lógico que a gente repara essas coisas, né... e eu vivo isso a minha vida toda...eu to tão cansada, sabe”.

Fernanda experencia um cenário excludente e precário, com jornadas de trabalho de mais de oito horas diárias e rendimentos incertos, sua rotina é marcada por anseios e angústias, mediante as dubiedades do setor informal. Importante ressaltar que assim como Fernanda, outras mulheres entrevistadas não permitiram a utilização de registros fotográficos feitos no ambiente da feira.

Sua rotina de trabalho é de segunda-feira a sábado, das 06 horas da manhã e até às 18 horas da tarde. Seus instrumentos de trabalho são reduzidos a um painel de exposição das

⁵⁴ A “viração” foi aprendida a partir das falas e experiências na feira, como expressão dos atores sociais, empenhados em dinâmicas de aproveitamento total das vendas, sobretudo, maneiras inéditas de realizar negociações com o poder público, vizinhos e clientes.

mercadorias e um banquinho de madeira, sem apoio para as costas. Suas mercadorias são compradas nas “lojas dos chineses”, que são facilmente encontradas na região de comércio, em Belém.

Fernanda contou que conforme o movimento, se for menos do que o esperado, suas vendas são por todo o espaço da feira, assim, percorre todos os setores oferecendo seus produtos. “*Vamos levar uma pilha pro seu relógio em casa?!*”, anuncia seus produtos em sons altos, “*bora levar freguesa, essa raquete elétrica mata todos os mosquitos!*”.

Suas andanças pela feira podem ser realizadas várias vezes ao dia, sem demarcação exata de horário de refeição, não faz pausa para o almoço, pede marmitas de comida no setor de refeições, onde através de laços de amizade com as vendedoras de refeição, fazem pratos com valores acessíveis a ela.

eu conheço a dona Laura, que todos os dias eu compro almoço dela...ela faz por dez reais o prato pra mim...á ela pede pra alguém trazer pra mim, quando tô aqui no calçadão, ela sabe que sempre fico perto da árvore...quando não, eu levo minhas coisas e sento lá na barraca dela pra comer... quando estou sem dinheiro, eu troco algo que tenho pra vender com ela...e assim, a gente vai negociando.

Todas as segundas-feiras, Fernanda renova suas mercadorias, conforme o que estiver saído com maior frequência nas vendas de sua banca. Gasta em torno de cem reais com as mercadorias, buscando um lucro relativo ao dobro do que vendeu. Seu itinerário é circulando entre as paradas de ônibus e os setores de lanches e refeições. Trabalha como vendedora ambulante, sem demarcação de ponto.

Fernanda trabalha na maior parte da semana sozinha, algumas vezes tem a ajuda dos filhos e do esposo. Oferece suas mercadorias a todos que passam em frente. De maneira muito simpática, lida com o público de forma cordial, disse que a educação que sua mãe lhe repassou é motivo de honra para lidar em todos os sentidos da vida.

Tem que ter sorriso no rosto para fazer boas vendas, o que tu mais vai ver aqui é gente de cara fechada pra ti...tu fala com eles e eles nem olham direito na tua cara...minha mãe sempre me ensinou que a cordialidade é a nobreza do homem...mesmo nos dias que não estou bem por motivos pessoais, eu não deixo transparecer isso para os meus clientes...inclusive talvez, seja por isso que eu tenho clientes que voltam comigo, quando param aqui no centro e me acham na feira, compram comigo...eu chamo de arte da conquista...é um jeitinho especial com quem você atende.

Meu último contato com Fernanda na feira, foi em dezembro de 2019. Durou aproximadamente vinte minutos, Fernanda perguntou se faltava muito tempo ainda para concluir a dissertação, perguntou como eu estava e mostrou curiosidade para entender como era ser pesquisadora.

Fernanda - Essa pesquisa termina quando?

Pesquisadora - Em breve, falta algumas entrevistas ainda para fechar.

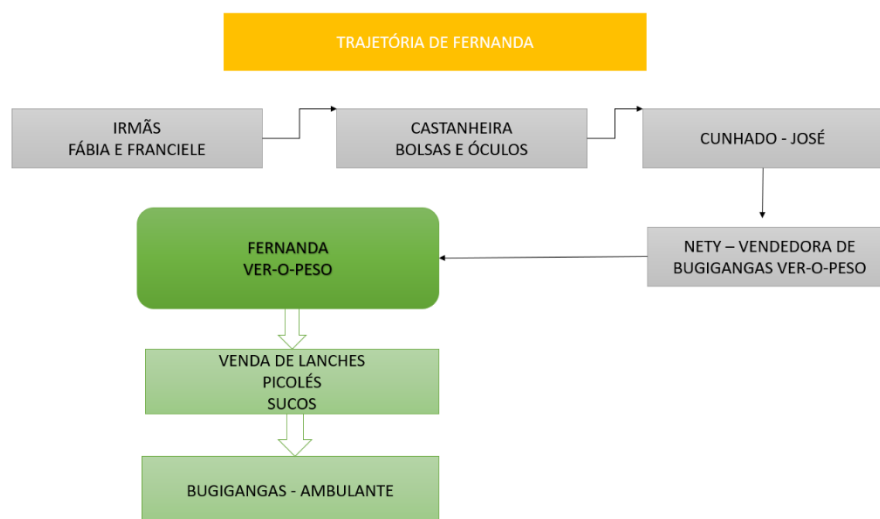
Fernanda - Como é trabalhar assim, ser pesquisadora?

Pesquisadora - É algo que tento descobrir todos os dias com muito esforço e dedicação.

Fernanda - Que bom, Deus te abençoe minha filha.

O percurso de Fernanda é marcado por redes de contatos devido sua ampla experiência em ruas públicas, que a levaram até feira do Ver-o-Peso, espaço que representa para ela, a providência dos seus rendimentos diários.

Figura 10: Trajetória de Fernanda.



Fonte: A pesquisadora, 2020.

Após a apresentação das trajetórias e narrativas das interlocutoras, selecionei os dados principais para melhor sistematização do leitor, ao comparar características relacionadas a escolaridade, idade, número de filhos, bairro e etc. Compreendo, que a partir de um número considerável de narrativas, a reunião dos dados presentes na tabela a baixo facilita a assimilação das informações concedidas.

TABELA 11: Compilação de dados das interlocutoras que participaram da pesquisa entre 2018-2020.

NOME	MÁRCIA	SOCORRO	PATRICIA	ÓZEIA	FERNANDA
IDADE	44	59	47	40	38
COR	Negra	Morena	Morena	Negra	Morena
BAIRRO	Benguí	Tapanã	Pratinha	Campina	Una
ESCOLARIDADE	Médio completo	Fundamental incompleto	Fundamental incompleto	Superior completo	Médio completo
QUAL ATIVIDADE EXERCE NA FEIRA	Venda de Hortifrutis	Venda de castanhas	Venda de castanhas	Bugigangas	Bugigangas
QUANTO TEMPO TRABALHA NA FEIRA (ANOS)	3	16	10	2	9

Fonte: Pesquisa de campo 2018-2020.

A sistematização dos dados nos possibilitou perceber que as histórias apresentadas e narradas pelas interlocutoras, em vários momentos se cruzam, formando um diálogo com marcadores presentes em cada particularidade vivenciada por essas mulheres, como: o desemprego, o deslocamento até a inserção na feira, o vínculo de amizade e familiaridade com outros trabalhadores, situações familiares e etc.

Analisar, a partir da pluralidade de vozes que se cruzam nesse contexto é atentar, que a informalidade se insere como o fator primordial, trazendo dentro de um campo de invisibilidade, a obstinação de alternativas de lucro diversos presentes no Ver-o-Peso. Ao mergulhar nesse universo e através da minha participação em campo, percebemos a importância que a feira representa na construção diária da vida de cada uma das mulheres trabalhadoras. Dessa forma, a magnitude de relações tecidas nesse campo é evidenciada, como uma atmosfera frutífera de possibilidades, mas que ao mesmo momento, perpassa por situações de tensão, medo e frustração.

CAPÍTULO 4 - Trabalho Feminino: flexibilização e/ou precarização?

Considero esse capítulo como, talvez, e não menos importante, o distribuidor dos alicerces para a fundamentação da problemática proposta, tendo em vista o objetivo de levantar a discussão entre a feminização laboral precária de mulheres subalternizadas em um país subdesenvolvido, como também atentar de que maneira o avanço de políticas ultraneoliberais⁵⁵ ataca corpos de mulheres, sobretudo, negras, dentro de regimes de subproletarização, precarização, silenciamento e invisibilidade, atentando à importância impreterível de refletir sobre o regime capitalista, condicionado ao patriarcado e ao racismo estrutural.

A historiadora francesa Michelle Perrot (2007) aponta que as mulheres permaneceram, durante muito tempo, distantes dos relatos da construção histórica experienciada por elas, contidas na penumbra do silêncio e submersas à supressão do contingente de trabalhadoras na Europa. A visibilidade das ações realizadas por mulheres, mínimas que fossem, estavam relacionadas à dimensão da vida privada, à família, ao casamento e ao cuidado com a prole.

De acordo com a socióloga marxista Heleieth Saffioti (1978, p. 9), em sua obra *A mulher na sociedade de Classes*, as “relações dicotômicas entre opressão/liberdade, público/privado”, assinalam o entrelaçamento da sociedade capitalista patriarcal com a discriminação racial.

Ao adentrarmos a essas questões, não podemos nos referir a sistemas de dominação separados, por essa razão, há aqui a necessidade de evidenciar, através das narrativas das interlocutoras, o entrelaçamento dessas condições naturalizadas, visando a desconstrução e visibilização de diferentes formas de opressão. A figura feminina, esteve e está presente na participação dos fenômenos produtivos e seu papel assume significativa importância na produção econômica.

O patriarcalismo, enquanto construção histórica e política, impôs o predomínio de homens em relação a mulheres, estruturado a partir de relações de poder, no qual as estruturas sociais foram marcadas por privilégios e uma notória estratificação sexista. Nesse sentido, a

⁵⁵ A luta das mulheres historicamente foi e é condicionada à fragmentação de espaços sociais, onde coube à figura feminina, legitimada pelo sistema patriarcal, posições de menos prestígio social e de “nenhuma” atuação política, silenciadas e invisibilizadas a permanecerem sob essa lógica no sistema capitalista, a condições de precariedade. Com os avanços do neoliberalismo, as condições das trabalhadoras, sobretudo, no Brasil, foram direcionadas a conjunturas de regimes de trabalho terceirizados e informais. Obrigadas a vender sua força de trabalho em uma economia hegemônica, a não absorção pelo setor formal da mão de obra massiva direciona-as à marginalização econômica, resultando em estratégias de subsistência, nas franjas da economia liberal, alimentadas pela informalidade.

base material das relações de produção capitalistas está alicerçada em conformidade com a divisão sexual do trabalho, alimentada por esse sistema privilegiado por homens.

Tentarei, ao decorrer da exposição, entrelaçar fatores concernentes à realidade do trabalho feminino na feira do Ver-o-Peso, buscando evidenciar a reprodução de regimes instáveis de precarização e informalidade vivenciados por uma porcentagem ostensiva de mulheres situadas na feira.

4.1 “As oportunidades da vida não foram boas comigo”

As trajetórias das mulheres situadas na informalidade no Ver-o-Peso compartilham muitas características em comum, sobretudo, no âmbito de experiências familiares que, através de gerações, são perpetuadas, como no caso de Marcia.

[...] Nada na minha vida foi fácil, sempre enfrentando muita dificuldade...eu cresci em meio a outras mulheres negras, na minha família é todo mundo preto...minha avó, mulher preta, foi a figura mais importante na minha criação e eu só sou o que sou hoje devido o aprendizado que tive com ela, sempre na minha vida eu enfrentei problemas de dinheiro, minha família pobre, de mulheres e homens trabalhadores, me deram forças e ensinamentos para enfrentar as dificuldades da vida... as oportunidades na vida não foram boas comigo... eu, pra ir pra escola, tinha que andar muito, coisa de quilômetros, ida e volta, depois, pra terminar os estudos, mais dificuldades...quando arrumei emprego de carteira assinada, fui trabalhar como serviço gerais, que por si só já é uma atividade árdua.. trabalhei um certo tempo na empresa, aí houve redução dos quadros de funcionário e eu fui mandada pra rua. (Marcia, 2019).

Quando Marcia, mulher negra e vendedora de hortifrutis diz que as “oportunidades da vida não foram boas” com ela, corrobora para uma análise subjetiva e ao mesmo tempo histórica, fundamentada na opressão de gênero, classe e raça e também ao silenciamento feminino.

Essas mulheres estão localizadas em posições de precarização do trabalho, regidas sob a reprodução do neoliberalismo, o qual produz relações trabalhistas flexíveis e instáveis, condicionando mulheres e homens em busca pela subsistência, a encontrarem “saídas de emergência” no setor informal, por oferecer renda rápida e mais acessível; contudo, da mesma forma que esse setor possibilita “saídas” de provento diário, conduz uma árdua realidade instável de sobrevivência.

Acompanhar a reestruturação produtiva do capital, sobretudo no Brasil, desde a década de 1970, conforme Ricardo Antunes demonstra em sua obra “O privilégio da servidão” (2009), é compreender elementos que compõem a estrutura das relações modernas

de “surper exploração da força de trabalho, aumento do desemprego, ampliação da informalidade, da terceirização e flexibilização em países centrais e do sul” (p.56).

Nossa pesquisa evidencia a perspectiva do labor feminino e a produção do trabalho “invisível”, de mulheres e de cor. A construção da teoria crítica feminista de autoras negras⁵⁶, contribui para o debate intelectual e político dos feminismos do terceiro mundo⁵⁷, salientando as contradições internas de processos colonizadores e imperialistas, em que a produção do feminismo ocidental hegemônico não dá conta de explicar.

Ao pensar nas mulheres de cor terceiro-mundistas, latinoamericanas, brasileiras, localizadas no Norte do País, pobres, mães, solteiras, desempregadas, autônomas, pertencentes ao sistema mundial, regido por concepções eurocentradas excludentes, percebemos as dificuldades de penetração dessas mulheres ao mercado de trabalho formal⁵⁸, tornando-as sujeitas duplamente oprimidas, pela dominação imperial na divisão internacional do trabalho e pela dominação masculina e branca nas relações trabalhistas e afetivas.

A classe trabalhadora protagonizada por mulheres e negras enquanto sujeitos históricos e políticos representa a desnaturalização e rompimento de discursos hegemônicos, muitas vezes, considerados legítimos, onde, a apropriação e supressão de distintas formas de reconhecimento da classe, frequentemente as remetem a contextos marginalizados (MOHANTY, 1991).

Pensar em dinâmicas de emancipação e estabilização a partir de grupos majoritariamente sem autorização discursiva e representatividade, impõe a necessidade de rever a importância das identidades, uma vez que são mulheres que vivenciam experiências em posições diferentes. Cada qual carrega em si experiências determinadas por sistemas de opressão.

Para Patrícia Hills Collins (1997, p. 9) “as experiências compartilhadas nos grupos transcendem as experiências individuais”, a autora enfatiza que essas vivências individuais não necessariamente refletem as condições dos grupos afetados; dessa forma, a autora propõe pensar experiências coletivas, no lugar das individualidades. Revelar a diversidade que integra

⁵⁶ Ver mais em Mohanty, (1984, 2003, 2006); Anzálúa, (1980), Lugones, (2010), Minõso, (2009).

⁵⁷ Para Monhanty, o termo “terceiro mundo”, utilizado na construção política, no debate sobre os discursos homogeneizantes, elaborados por teóricas feministas brancas, é, sobretudo, relacionado à preocupação das diversidades geográficas, históricas e culturais, empreendidas como uma forma de visibilizar a produção de projetos discursivos de identidades plurais de mulheres do terceiro mundo/sul global, uma vez que o feminismo ocidental distorce as práticas políticas e limitam os discursos, por meio de relações de poder, instauradas sobre a classe feminina de outras partes do mundo. Dessa forma, a representação das mulheres não ocidentais é produzida por discursos hegemônicos que não estabelecem uma relação de igualdade e veracidade sobre suas condições legítimas de sujeitos políticos e múltiplos, através da “imagem e autoridade arbitrária ocidental, assumida em corpos privilegiados, etnocêntricos e universais”. (p.3)

⁵⁸ Não somente elas, posto que direitos trabalhistas historicamente conquistados vêm sendo destruídos, gerando bastante instabilidade e sofrimento também na formalidade.

esses grupos a partir de deslocamentos heterogêneos é a proposta que os estudos do feminismo negro propõem (SOTERO, 2013).

Partir da perspectiva das mulheres locais proporciona uma imagem bem diferente da autoridade discursiva das mulheres do Norte global, enquanto “uma noção monolítica, singular e simplista”. (MOHANTY, 1991). A falta de oportunidades revela que o privilégio de escolhas é suprimido. De fato, os espaços ocupados pelas vendedoras, são lugares independentes da vontade, como acontece com Leila, que trabalha há 3 anos na feira como ambulante:

Na verdade, tá aqui é uma opção, por falta de opção, não me adequei ao padrão que as empresas querem para trabalhar, e por estar fora do mercado de trabalho há algum tempo, a possibilidade de trabalhar com venda foi que eu encontrei uma forma de me manter, eu falo que sou ambulante, porque eu não tenho lugar certo, eu paro por algumas horas num lugar, mas meu forte é sempre tá me deslocando com o meu painel...aí eu vendo fones, capinha de celular, película, capinha de carteira de identidade, essas coisas...trabalhar sem carteira assinada é viver de incertezas...eu sou autônoma hoje em dia, então fugir das questões burocráticas me dá muita angústia...porque eu não tô contribuindo com a minha aposentadoria...e se eu for pagar por fora...no momento vai me fazer falta...porque todo dinheiro que entra é pra comprar comida, pagar as contas, comprar mercadoria aqui no comércio mesmo...ir vivendo. (Leila, 2019).

As mulheres entraram em posição de desvantagem no âmbito institucional, uma vez que é reproduzido um cotidiano que acumula papéis sociais de homens e mulheres (SAFIOTI, 1978). Conforme apresenta o IBGE⁵⁹ sobre dados de 2016, as mulheres apresentam um nível de qualificação maior do que comparado aos homens, porém existe uma disparada desigualdade no que tange, aos rendimentos, considerados mais baixos, assim como o próprio reconhecimento e inserção em espaços marcados majoritariamente por homens.

Administrar todas as múltiplas funções que as mulheres assumem, torna-se desafiador e repleto de dificuldades no sentido de que, para essas trabalhadoras, que não tiveram as mesmas chances ao ensino básico e/ou profissionalizante, a ocupação de cargos dentro das empresas, quando ocorre, se restringe a salários mais baixos, relacionados a prestação de serviços braçais, como: serviços gerais, zeladora, cozinheiras, costureiras e etc; e são excluídas de sistemas de seleção em outras vagas por não atenderem aos requisitos básicos da vaga oferecida.

[...] “Eu fiquei desempregada e iniciei meu trabalho no Ver-o-Peso com uma banca de café, eu chegava cedo por aqui, todo dia por volta das cinco horas da manhã, eu já estava rodando, eu começava na pedra do peixe e vinha caminhando até aqui na feira, meus filhos, eu deixava com a minha mãe, na época eles tinham, a menina, 4, e o menino, 7, eu morava sozinha e como minha mãe morava na mesma rua, eu ia

⁵⁹ Ver mais em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=resultados> Acesso em: 02.11.2020.

deixar eles com ela. Agora que eles cresceram, mesmo me ajudando em casa, o trabalho continua aqui na feira e lá em casa depois, porque tem comida pra fazer, casa pra arrumar, eu sou mãe sozinha, o trabalho, ele é multiplicado, eu tenho que dar conta todos os dias da vida que tenho...nos últimos tempos, eu tentei voltar a estudar, a prefeitura de Belém oferece vez ou outra uns cursos de informática básica e outros mais...já perdi oportunidade por não ter curso de informática. (Juliana, 2019).

[...] Eu vendo Avon para as minhas vizinhas, em casa eu faço chope pra vender e final de semana, se não vim trabalhar aqui na feira, eu ainda faço bico de faxina na casa de umas senhoras. (Rose, 2019).

Quando questionadas sobre as motivações para atuarem no setor informal, as respostas são as mais variadas possíveis, contudo, há semelhanças no que diz respeito às tarefas e expectativas destinadas aos “projetos de vida” (VELHO, 1981), além das redes de ajuda e solidariedade entre as que trabalham na feira⁶⁰.

Necessidade! Me sinto velha demais pra arrumar emprego, por isso vim pra rua vender, arrumava muita briga na escola, nunca levei à sério meus estudos, comecei a trabalhar cedo, trabalhei apenas uma vez de carteira assinada, como serviços gerais, fui mandada para rua e depois que fiquei sem ter de onde tirar dinheiro, conhecia meu vizinho, que trabalhava na feira do Ver-o-Peso, cheguei com ele e perguntei como eu fazia pra vender alguma coisa por lá. Foi assim que eu vim parar na feira, tenho dois filhos, ainda pequenos... sou mãe solteira, criei sozinha meus filhos, eu tenho que me virar... Comecei em uma segunda-feira, ainda lembro como fosse hoje. Era umas 5 da manhã, meu vizinho pediu pra eu, quando chegasse, ir procurar dona Francisca, que tinha um boxe de lanches na feira, comecei por ali, ajudando no lanche, eu fiz de tudo um pouco, sempre fazia amizade com o pessoal da feira e ia me virando. Esse ano (2019), faz 8 anos que tô aqui no veropa, hoje vendo castanhas do Pará nesse carro que alugo, por 10 reais a diária dele, pago pra um camarada daqui da feira, ele sempre passa comigo na hora do almoço pra pegar o dinheiro do carro. O mercado de trabalho aí fora não ajuda nós mulheres, pelo contrário, deixa tudo mais difícil. Se não fosse o veropa, não sei o que seria de mim e dos meus filhos. Aqui eu faço meu dinheiro, não ligo pros outros, venho trabalhar todos os dias e tá tudo certo. (Joana, 48 anos, vende castanhas, 2018).

Mãe solteira, não tenho tempo para me atualizar no mercado de trabalho, sou mãe e sou pai dentro e fora de casa, tava muito tempo sem arrumar emprego, eu já conhecia uma amiga que vendia café na pedra, ela um dia me chamou pra ir vender com ela café e depois conheci várias outras pessoas na feira que foram me oferecendo oportunidades pra trabalhar, eu, como tava precisando na época, aceitei. Tenho três filhos, dois homens e uma mulher, o pai deles me deixou quando eles ainda eram pequenos, tinha ajuda só da minha mãe, saí pra trabalhar na feira e deixava eles na casa da minha mãe. Passava o dia quase todo fora, chegava em casa de noite muito cansada e quase não conseguia dar atenção pros meus filhos. E nisso meus filhos cresceram e não tive tempo o suficiente par ver a rotina deles, porque eu tava na feira trabalhando pra dar o melhor que eu pude pra eles. Sinto que nós mulheres não temos as mesmas oportunidade que os homens, nossa função desde pequena é cuidar de casa, lavar roupa e louça, os homens saem pra trabalhar e a gente fica em casa cuidando das coisas. Já procurei emprego, mas tudo que

⁶⁰ Esse encontro com o outro, ou melhor, entre pesquisadora e sujeito social, inúmeras vezes me fizeram questionar e talvez até mesmo refletir sobre alguns apontamentos de posição de classe social e de compartilhamento de ideias da minha trajetória e atuação no setor informal, que discorro no capítulo 2.

aparecia pra mim era pra trabalhar de contrato e vender em porta em porta...trabalho cansativo demais, ter que bater perna o dia todo pra vender alguma coisa e no final do dia ganhar uns 40 a 50 reais...acontece que como a gente tá aqui todo dia, acaba que fazemos várias amizades, o pessoal da feira ajuda a gente a conseguir um carro pra vender, vende “fiado” e depois, no fim do dia a gente paga...as pessoas ajudam quem conhece e é esse o cenário daqui da feira. (Jucivana, 36 anos, vende hortifrutigranjeiro, 2018).

[...]

Falta de oportunidade, atrás de grana, minha família toda trabalha aqui na feira, por isso eu vim pra cá trabalhar também, tenho pai, mãe e irmãs que trabalham aqui na feira. Eu vim pra cá também atrás de tirar algum dinheiro pra comprar as minhas coisas e pagar meu cursinho de vestibular. Minha família não tem dinheiro, cada um faz como pode para conseguir suas coisas. Foi por isso que vim ajudar minha irmã na feira, ela tem um carro que vende castanhas, então eu chego cedo, por volta das 6 horas da manhã, e fico até as uma da tarde, porque depois eu vou pra escola e ainda faço cursinho a noite pra prestar ENEM. Lógico que eu almejo coisas grandes na minha vida, por isso eu invisto do jeito que posso nos meus estudos. Emprego tá difícil, as oportunidades surgem, mas para estar apto aos cargos que aparecem, a gente tem que ter o nível exigido pra estar lá. Pra mim estar aqui na feira é uma forma de ganhar meu dinheiro e tentar dar um futuro pra mim e pra minha família (Thaís, 17 anos, vende castanha, 2018).

[...]

Minha família sempre trabalhou no Ver-o-Peso, meu avô já trabalhava aqui, meu pai vinha pequeno ajudar ele, aí depois que meu avô faleceu, meu pai continuou aqui na feira, meu pai fez da mesma forma que meu vô, trazia eu e minha irmã pra cá, conforme eu fui crescendo, vi a importância de vim trabalhar e ganhar também meu sustento... terminei os estudos e via que tava bem difícil arrumar um emprego, acabou que vim pra feira trabalhar de vez, daqui que eu tiro meu sustento e pago minhas contas. (Júlia, vendedora de hortifrutis, 2019).

As trajetórias sociais e motivações expressas nas falas das vendedoras e nas formas específicas de trabalhar, possibilitam enxergar discursos repletos de anseios, dores, medos, angústias e afetos. A riqueza das experiências conferidas através desses relatos, direciona a análise para a luta e resistência cotidiana, motivadas ao exercício da força de trabalho para sobreviver.

Sueli Carneiro (2003), presença inquestionável nas leituras e produções do feminismo negro no Brasil, argumenta que a luta por espaços, onde as mulheres negras pudessem ecoar suas vozes, em busca de representatividade política em espaços historicamente silenciados por opressões, assumem, nos dias atuais, mecanismos de extrema importância das lutas emancipatórias no país.

A dificuldade de ingresso em setores de serviços que exigem níveis de capacitação e especialização cada vez maior, revela desigualdades de gênero, raciais e de classe no mercado de trabalho, enquanto mulheres brancas de classe média ocupam cargos com salários maiores e desempenham funções voltadas à logística e gestão, as mulheres negras são destinadas a realização de trabalhos de prestação de serviços e menores salários (CARNEIRO, 2003).

As mulheres acumulam inúmeras funções de trabalho sozinhas, destinadas e/ou orientadas como condições naturalizadas pela sociedade capitalista patriarcal, como, por exemplo, as atividades de cunho doméstico não remunerado. E nesse sentido, é necessário situar que o acúmulo de atividades dentro do espaço do lar, somado às atividades dentro da feira, condicionam ao fastígio da laboração. As realidades ouvidas no espaço da feira, conectam categorias, no qual a compreensão deve estar fundamentalmente situada nas intersecções de raça, gênero e classe, que nos possibilitam um questionamento crítico na luta pela equidade e resistência.

Nessa tentativa de conferir voz e representatividade às experiências da classe de trabalhadoras submersas em práticas laborais na feira, entendemos que é importante a dimensão coletiva, como também, a presença impreterível da subjetividade de cada sujeita, referente a projetos de vidas, compreendendo a heterogeneidade e complexidade das vidas presentes.

4.1.1 “Almoxarifado do desempregado”

Segundo Schutz (1979, p. 124), “o trabalho é a ação no mundo no exterior, baseada num projeto e caracterizada pela intenção de realizar o estado de coisas projetado, por meio de movimentos do corpo”. A afirmação do autor revela que a categoria “trabalho” seria, nesse modo, a mais significativa para a concepção das relações cotidianas desencadeadas na feira, uma vez que, as relações instauradas pelas vendedoras são baseadas em uma variedade de práticas e ações para o alcance de fins pessoais, que os serviços na feira motivam.

A construção de estilos e maneiras de viver através da implicação com as atividades laborais são construídas através de meios alternativos de trabalho, concernentes a finalidades concretas de subsistência. Ou seja, diferentes ocupações, rendimentos, tempo de serviço, localidade, registro ou não, permissão para atuação em logradouros públicos, que estão entrelaçados a essas dinâmicas do e no espaço urbano.

Em outras palavras, podemos sugerir que a ação dos indivíduos tem interesses direcionados à geração de renda em espaços públicos, de forma autônoma, e representam “saídas de emergência”, em meio a situações de baixa remuneração e instabilidade nos postos de trabalhos formais.

No mercado de trabalho pode ser observado que determinadas relações entre os agentes, para implementar as atividades produtivas, estão perfeitamente adequadas às normas capitalistas de produção (leis definidas pelo Estado), enquanto que outras relações se desenvolvem de uma maneira diferenciada, não se inserindo diretamente dentro de alguns ou em nenhum dos regulamentos legais definidos. Desta maneira,

no mercado de trabalho capitalista encontram-se acordos (contratos) estabelecidos entre os agentes econômicos que se enquadram na denominação de “formais” e outros de “informais”. (SENA, 1998, p.2).

Ana Laura dos Santos Sena (1998), ao realizar um estudo sobre as dimensões da economia informal na cidade de Belém, nos ajuda a pensar essa contundente realidade a partir das estruturas do sistema formal e informal, observando que as relações de trabalho formais indicam contratos e/ou acordos legitimados através da manutenção de normas legais e em contraposição a esse sistema, o setor informal integra estratégias alternativas de reprodução do capital de forma autônoma e abrange um heterogêneo grupo social, camelôs, feirantes, autônomos, freelancers e etc.

A feira passa, assim, a constituir um espaço onde se desenvolvem inúmeros processos de ação do trabalho, sobretudo, a realização de serviços informais. Nessa pesquisa busquei levantar informações através das entrevistas em campo, como de fato, ocorrem essas redes laborais, desde o momento de chegada na feira, até a construção de redes de solidariedade, necessárias e fundamentais no alicerce de trabalho, como mostrado anteriormente no capítulo 3.

O antropólogo britânico Keith Hart (1973) discorre no texto *Informal income opportunities and urban employment in Ghana*, que o setor informal é caracterizado pela “inflação de preços, salários inadequados” (p.2), produzindo grupos de pessoas inseridas na subproletarização e no florescimento do que Ricardo Antunes menciona de o “novo proletariado informal” (p.91).

Para Hart (1973), diversas características constituem esse sistema: “baixa produtividade, exército de reserva de subempregados e desempregados” (p.68). Todavia, pensar sob essa perspectiva é elucidar fluxos de mercados subalternizados, realizados por um contingente populacional localizado na esfera do desemprego estrutural, sobretudo em nível regional.

A informalidade aqui discutida é associada, como forma estratégica de fuga, intensificada a partir da reestruturação dos serviços laborais, mediante a flexibilização econômica, principalmente a partir da década de 1990, no Brasil, com os “governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso”⁶¹. (CABANES, 2006).

⁶¹ O neoliberalismo enquanto teoria política econômica “propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido com as liberdades e capacidades empreendedoras individuais, no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio”. (HARVEY, 2005, p. 6). Entretanto, suas nuances, a partir da década de 1990, no Brasil, evidenciaram novas faces da reestruturação monetária, formas de trabalho, de relações sociais instauradas no país, incorporação de uma nova legislação trabalhista e a presença de meios tecnológicos e, com isso, o aumento do desemprego,

Depois de Collor e do governo de Itamar Franco, a eleição e a reeleição de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) efetivaram uma guinada neoliberal que se traduziu em cortes de gastos e generalização da subcontratação de trabalhadores, desregulamentação do mercado de trabalho, desemprego e privatização das grandes empresas públicas. (CABANES, R, 2006, p. 389).

No curso das mudanças nas últimas décadas no Brasil, as ressignificações nas relações de empregabilidade demonstram o desmanche das legislações trabalhistas, em funções de percepções de novos padrões de contratação e postos flexíveis de atividades laborais, sob a lógica da abertura econômica nacional neoliberal.

A crítica ao projeto neoliberal é relacionada também a instrumentalização de novas tecnologias de trabalho, a racionalização de métodos de informatização, reduzindo em grande medida a participação e necessidade da mão de obra humana.

O Toyotismo, a partir da década de 1960, instaura, portanto, essa nova sistematização dos modos de produção tecnológicos, em razão da acumulação flexível do capital, subvertendo, a participação em massa de trabalhadores, ocasionando o crescimento de regimes de terceirização, agenciando as atividades laborais, a instabilização e precarização das relações trabalhistas. (ANTUNES, 2018).

O que se pretende aqui não é esgotar a problematização de um assunto tão vasto quanto a discussão da informalidade, contudo, contribuir sob um viés de percepções experienciadas, através de projetos e trajetórias de vida de trabalhadoras informais.

Ao voltar o olhar para as especificidades da Região Metropolitana de Belém, a dimensão da informalidade situa-se largamente e de forma estrutural como resposta a uma metrópole com potencial econômico, mas que, ao mesmo tempo, convive com a escassez da instrumentalização de políticas de geração de trabalho e renda.

A concentração de pessoas no setor informal, no complexo do Ver-o-Peso, sobretudo, no espaço da feira, revela como as atividades são heterogêneas e dispersas em todos os lugares que circundam esse espaço. Em geral, as vendedoras situam-se próximas a paradas de ônibus, mediante a intensidade do fluxo de pedestres. Porém, observa-se que a presença de ambulantes percorre também as ruas próximas da feira, como a Presidente Vargas, Travessa Padre Eutíquio, Avenida Portugal, Rua Treze de Maio, Travessa Campo Sales, Travessa Frutuoso Guimarães, Rua quinze de Novembro e demais travessas nesse circuito. (SENA, 1998).

mediante ao desenfreado processo de flexibilização presente, que situa trabalhadores em postos de instabilidade e fragilização do trabalho.

Em concordância com a Lei 7.862/97, de 30 de dezembro de 1997⁶², que regula o comércio ambulante em Belém, sobre a caracterização do comércio informal em logradouro público:

Art 1º Considere-se comércio informal em logradouro público toda atividade comercial ou prestação de serviços realizados diretamente ao consumidor, de caráter permanente ou eventual, exercida de maneira itinerante ou estacionária, em vias ou logradouros públicos.

Art 2º Para efeito nesta lei, são considerados atividades de comércio informal em logradouros públicos e prestação de serviços ambulantes, as que se referem ao seguinte: (I- Cigarros e guloseimas em geral; II- confecções em geral, III- bijuterias, miudezas, IV- brinquedos, discos e fitas cassetes usados, V- sucatas de aparelhos domésticos, VI- lanches rápidos, XI- produtos regionais e sazonais, XIV-frutas em geral, XV- milho verde, XVI - flores e velas, XVIII - carnês de sorteio e XX -loteria, conserto de relógio e afins. [...]

A feira condensa uma rede extensa de modalidades de serviços formais e informais, nosso objeto foram as vendas ambulantes em toda a extensão do Ver-o-Peso, que são muitas e são consideradas atividades dentro do setor informal, por não haver nenhuma espécie de contrato, salário fixo, ausência de assinatura em carteira profissional e demais obrigações trabalhistas. Dessa forma, a imersão pelos corredores é instigante para perceber a magnitude das ações praticadas.

São identificadas várias atividades dispersas que são realizadas por pessoas que circulam pelo Ver-o-Peso, portanto seus equipamentos e materiais específicos, como manicure, vendedoras de produto de beleza, vendedores ambulantes de lanches, miudezas, jornal, cafezinho, vendedores de tira-gostos (oferecendo ostra, ovo de codorna cozido, camarão, espeto de queijo, churrasquinho, amendoim torrado) , e também os denominados cambistas que são os rifeiros e apontadores do jogo do bicho). (LEITÃO, 2010, p. 32).

Segundo o presidente do Instituto Ver-o-Peso, Mario Lima⁶³, em uma das entrevistas que fizemos em março de 2019, há aproximadamente quatro mil trabalhadores que movimentam a feira diariamente e, desse total, apenas oitocentos são cadastrados (permissionários) na SECON, dados que evidenciam a magnitude das relações socioeconômicas e o comércio informal presente nesse espaço.

⁶² Ver mais em :< <http://leismunicipais/cijbm>>. Acesso em 18.09.2019.

⁶³ Mario Lima é o diretor do Instituto Ver-o-Peso, feirante, sua barraca fica localizada atrás do mercado do peixe, vende hortifrúteis (cenoura, tomate, batata, cebola) e trabalha na feira há mais de 20 anos. cursou a graduação de Economia na UFPA, na época que iria concluir sua graduação encontrou-se desempregado. Chegou no Ver-o-Peso através de amigos que já trabalhavam na feira, começou suas vendas com hortifrúteis e permanece até os dias de hoje. O instituto Ver-o-Peso foi pensado e criado pelos feirantes, para aproximar as demandas da feira à Prefeitura de Belém e seus órgãos competentes. Todas as quartas-feiras, às 15 horas, tem reunião com os feirantes, no espaço cedido pela prefeitura de Belém no mercado Francisco Bolonha, as reuniões são abertas a todos os interessados em participar.

[...]

“Muita gente se encontra desempregada e acaba vindo trabalhar na feira, através de algum conhecido ou familiar, vai se encostando e acaba ficando por aqui, O Ver-o-Peso é o almoxarifado do desempregado em Belém, é muita gente que chega, começa vender alguma coisa na feira, muitos chegam só pra tirar um bico, outros o seu sustento 100%”, antes, aqui no Ver-o-Peso, a gente via mais homens que mulheres trabalhando nesse quesito de ser ambulante, vim pra trabalhar, mais não ser feirante mesmo. De uns anos pra cá, aumentou o número de mulheres trabalhando, hoje em dia na feira, é 50% mulher e 50% homem, isso não só no Ver-o-Peso, mas em todas as feiras de Belém, o trabalho que essas mulheres fazem é intenso, elas se dedicam ao seu trabalho, são mulheres que foram deixadas pelo marido, que estão desempregadas, que não conseguem voltar mais ao mercado pra trabalhar de carteira assinada, muitas aqui não tem estudos até o ensino médio, outras já tem até curso de especialização na sua área, mas são mulheres desamparadas pelo Estado, a demanda por serviço, emprego, é muito grande, a indústria é muito insipiente, as mulheres praticamente fazem papel de marido e papel de mulher dentro de casa, sustentam vários filhos, chegam aproximadamente quatro da manhã no Ver-o-Peso e sai., seis, sete horas da noite, tem pouco tempo de ver os filhos, mas tá por uma boa causa, pra levar o sustento pra sua casa, a gente como homem, respeita e aceita elas, com muita dignidade, tá presente no nosso dia a dia, a presença da mulher, elas tem mais calma, mais carinho pra lidar com a clientela e elas fazem um papel muito importante na sociedade, elas vão atrás de uma atividade econômica e essa atividade na feira é vender seus produtos, seus serviços, é assim que funciona o trabalho de mulheres nas feiras livres em Belém. . (Mario lima, presidente do instituo ver-o-peso, 2019).

Mario Lima diz que não possui o número exato de quantas mulheres estão na feira trabalhando, mas acrescenta que o trabalho realizado pelas mulheres é essencial no funcionamento das relações sociais e econômicas no Ver-o-Peso.

Para o Ex Administrador da Feira do Ver-o-Peso, José Luiz, quando perguntado como funciona a lógica do setor informal na feira, respondeu:

“O Código de posturas do município de Belém também norteia a atividade de ambulantes, nas calçadas de nossa cidade, como também o decreto criado especificamente pra essa atividade do comércio informal. Mesmo com toda essa legislação, para as atividades informais de camelô e de feirante, a SECON⁶⁴, cuja as atribuições de gerir tais atividades, sempre ouviu muitos conflitos, brigas e muita dor de cabeça aos prefeitos de todo o Brasil. Algumas décadas passadas, víamos poucas mulheres nestas atividades. Hoje, notamos um grande acréscimo de mulheres, entre camelôs e feirantes. As atividades de rua são exercidas por pessoas desempregadas, que buscam uma renda, mesmo que mínima, para não passar fome. Com o êxodo rural, a coisa foi se complicando ainda mais. O retirante chega, sem qualquer qualificação, para trabalhar nos grandes centros. Pensar numa solução, sem fechar a torneira que alimenta este problema, é o mesmo que enxugar gelo. A Solução seria criar condições de crescimento tecnológico, estrutural e econômico nas cidades interiores; gerar emprego e renda, nos grandes aglomerados urbanos; qualificar o trabalhador desempregado, e a juventude que completa a maioridade;

⁶⁴ Depreende-se, portanto que a SECON (Secretaria Municipal de Economia) é o órgão responsável pelo planejamento, coordenação, controle e fiscalização das atividades de comércio informal em logradouro público, mediante convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Belém com a Lei 7.981/99, de 07 de Dezembro de 1999, sancionada pelo então Ex Prefeito da cidade de Belém, Edmilson Brito Rodrigues, que dispõe sobre a administração de mercados públicos e feiras livres do município de Belém.

levar a sério a educação, do jardim de infância, ao nível superior”. (José Luiz, 2019).

A falta de oportunidades de emprego acomete o crescimento desordenado de ocupação de trabalhadores ambulantes nos centros das cidades, conforme o campo me confirmou. Os centros urbanos são vistos como espaços centrais para o desenvolvimento do setor informal, uma vez que oportunizam alternativas de geração de renda. A informalidade pode ser entendida como uma consequência dessa nova estrutura do capital mundial desenfreada que se instaura em uma nova conjuntura econômica.

Segundo o relato de uma feirante, que trabalha há aproximadamente 20 anos no Ver-o-Peso, “*A gente vem lisa e volta com dinheiro*”; a feira configura-se como uma espécie de “Almoxarifado do desempregado” na região belenense, acolhendo todos aqueles que projetam nesse cenário a construção de novas oportunidades de serviço, ainda conforme a vendedora, quem vai em busca de trabalho ou tirar um “bico”, consegue auferir rendimento.

As atividades são muitas na feira e querendo tirar uma grana pra ajudar na vida diária , consegue! Aqui na feira é trabalho mesmo, o veropa, ele tem disso, de acolher várias pessoas, muitos que estão por aqui nunca foram lá na prefeitura pra fazer cadastro, eles querem é ganhar o dinheiro pra levar o pão pra casa”. (Maria Paula, 2019).

Por intermédio da minha presença e participação no trabalho das vendedoras, pude observar que possuem um sistema ordenado e marcado por condutas específicas dentro da manutenção dos seus próprios serviços. Ao desenvolverem atividades no setor informal e serem conhecidas por serem trabalhadoras ambulantes, podemos perceber a existência de certas “formalidades” nos papéis desempenhados.

Procedentes de universos distintos, os trabalhadores do Ver-o-Peso apresentam identidades múltiplas e diferenciadas que são continuamente transformadas, pois estão em permanente associação com as outras formas com que são representados e interpelados nos sistemas culturais outros com os quais interagem e às vezes integram. (LIMA, 2008, p. 95).

Essas informações sugerem que dentro da feira o que é designado pela lógica formal ou informal das relações de trabalho, são ressignificadas e possuem determinações subjetivadas pelos atores sociais, conforme, Luciana, vendedora de água, afirmou:

[...] Nós temos maneiras específicas de vender aqui, por exemplo...pra vender água como eu, eu tive que vê como era que saia essa mercadoria e vê também o pessoal que trabalha com isso aqui na feira...quem vende água, vende água, quem vende lanche, vai vender só lanche, quem vende óculos, vai trabalhar só com isso...entendeu...as coisas ao mesmo tempo que parecem ser bagunçadas pra quem

ta de fora, a gente sabe que quem trabalhar aqui é tudo certinho dentro dessa lógica. (2019).

Para a apreensão dessas organizações laborais, foi determinante a observação dos diferentes atores sociais em práticas individuais e coletivas de atuação, sob a presença de códigos internos de “padronização”, empreendidos na feira. A ideia de padronização de condutas e comportamentos, baseadas em “códigos invisíveis” das vendedoras dentro das manifestações “informais”, pode ser considerada, “intimações sociais que as orientam para uma seleção de certas formas simbólicas na construção de seus modelos de construção do real”. (ECKERT & ROCHA, 2013, p.59).

As relações são fundamentadas por símbolos entre os agentes e perpassam também os sentidos subjetivos; maneiras específicas de falar com outras vendedoras e formas de troca de favores entre os vizinhos de bancas próximas. As ações são permeadas por normas criadas e utilizadas de maneira particular entre os trabalhadores da feira.

4.1.2 A “Viração”

As mulheres cumprem turnos secundários e terciários de serviços, fora da feira, com outras vendas⁶⁵, em casa, entre amigos e familiares, que garantem a soma final do orçamento financeiro do mês. Essa morfologia do trabalho é ancorada por um complexo sistema de atividades criativas de fomento financeiro. O “virar-se”, relaciona-se com todas as manifestações secundárias da principal atividade desenvolvida pelas sujeitas.

O impacto drástico das mudanças na esfera da estruturação e organização das novas dinâmicas e processos de trabalho moderno, acarretaram a necessidade da multiplicação de atividades, como alternativas de proventos diversos em diferentes esferas de ocupação, majoritariamente associadas aos serviços informais. Dessa maneira, a categoria “viração”, relaciona-se a multiplicidade de facetas atribuídas a geração de renda e maneiras de adaptação a contextos diferentes, da zona de conforto de cada sujeito.

4.1.3 Os Gestos

Curioso e ao mesmo tempo instigante, era acompanhar as formas conduzidas pelas vendedoras nos rituais realizados desde a chegada na feira, pela manhã, o aluguel e o carregamento do carrinho, até a montagem da banca e o desenrolar das vendas. Os corpos das

⁶⁵ Venda de cosméticos e catálogos, como, por exemplo: Avon, Eudora, Jequití, Natura, tupperware, hinode, Mary kay. Algumas vendem roupas femininas, infantil, conjuntos de lingerie, semi jóias, etc.

vendedoras emitiam sinais frente aos estímulos externos, com o objetivo de atingir outros sujeitos, através do conhecimento *sui generis* da venda. (SCHUTZ, 1979).

Ou seja, a influência externa do movimento no espaço e a dinâmica que a feira estabelece no decorrer do dia, orienta as vendedoras a certas posturas, ora mais lenta, no início das atividades, ora mais frenéticas, acompanhando os horários de “picos”⁶⁶ e no final do dia de trabalho, voltando a um ritmo mais calmo. Márcia contou que o “espírito da feira” era quem conduzia seu dia de vendas:

Sabe, tem dias que por mais que a gente esteja aqui trabalhando, se a força da feira não me ajudar, parece que as coisas não fluem...a energia captada pela movimentação desde que eu chego é essencial para a condução das minhas vendas, do meu estado de espírito, da minha disposição...até falar, chamar fregêz, eu falo que tem a ver em como a feira me transmite isso...tem dias que dá aquela moleza...mais mesmo assim, depois a feira vai animando, vai aparecendo freguêz e a gente vai trabalhando... (Márcia, 2019).

Marcel Mauss (1934) percebe a existência de técnicas corporais dos sujeitos com as relações em volta. Para cada vendedora, há estratégias particulares para alcançar a clientela, posicionar seus carros de mercadorias, de conversar com turistas, de articular favores com vizinhos e assim por diante, através dos “atos expressivos”. (SCHUTZ, 1979).

Dessa forma, consegui perceber a padronização de gestos entre os trabalhadores locais, como a forma de avistar, em meio à multidão de pessoas, possíveis “fregueses” curiosos, e fazê-los adquirir alguma mercadoria. As vendedoras precedem com uma encenação de mãos, tom de voz alto e sorrisos largos, envolvendo aos que passam, com a finalidade de consumirem seus produtos.

Encontrei nas relações sociais na feira uma posição de prestígio por aquelas que detém habilidades necessárias para captação de público/clientes. As vendedoras mais velhas não demonstravam tanta habilidade e interesse em atrair o público, permaneciam sentadas em suas bancas, esperando a aproximação do cliente.

Os movimentos dos corpos sofrem a influência das “maneiras de fazer” dos vizinhos ao redor (VEDANA, 2004). Cada banca e cada vendedor estabelece formas subjetivas de conduzir o “merchandising próprio”. Algumas utilizam papelões com preços, outras sinalizam suas bancas com pequenos banners, colocando à disposição visual que aceitam cartões de

⁶⁶ É válido pontuar que essas diferenciações estão relacionadas ao tipo de mercadoria de cada trabalhadora. As vendedoras de hortifrutis iniciam as vendas entre cinco horas da manhã e seu horário de pique permeia entre as 07 e 08 horas. As vendedoras de castanha, por sua vez, iniciam suas vendas entre 07 a 08 horas e alcançam as maiores vendas entre 11 horas e meio dia. Também é pertinente mencionar que as vendedoras de industrializados, diferentemente de outras mulheres, não definem horários de maior “saída” de mercadorias, ou seja, são variáveis os horários e espaços que percorrem com suas vendas.

crédito e débito. A criatividade não é limitada nesse espaço. São acionadas diversas estratégias gestuais, que podem passar despercebidas ao passante desavisado.

Nos bastidores das vendas em momentos anteriores à exposição da mercadoria, o alcance da atenção do cliente, desde batidas de palmas, assovios e a instrumentalização da linguagem persuasiva, com promoções criadas no momento do contato com o público é muito utilizada pelas trabalhadoras locais. O corpo é entendido como um “campo de expressão”, onde externaliza diferentes facetas. (SCHUTZ, 1979).

“Só aqui você vai levar pra casa produtos com preços camaradas!”

“Ei freguesa, olha aqui...eu faço promoção pra você levar!”

“Aproveita que é só hoje freguesa...vamos levar!”

Esse mundo das interações sociais entre feirantes e ambulantes e fregueses é baseado em ações recíprocas, seja na forma de articular as vendas, de atrair fregueses, de montar a banca, até “destrocar” o dinheiro com um vizinho na feira.

4.1.4 A clientela

O público é diversificado. Todas as classes se entrecruzam no espaço da feira. Todas as idades, gêneros, profissões, são encontradas, tecendo buscas por categorias específicas de produtos. Lúcia relatou que durante seus nove anos de feira, possui um leque gigantesco de clientes que passam toda a semana para comprar hortifrutis com ela.

Eu fiz muitas amizades com pessoas muito boas, tem gente que mora em tudo que é bairro aqui em Belém e mesmo assim fazem questão de passarem aqui e vim comprar comigo. Tem umas senhoras que moram na Batista campos, e o líder e o shopping ficam próximo da casa delas, só que elas preferem vim buscar na feira comigo...eu sempre tratei com muita cordialidade todo mundo que passa aqui, o jeito atencioso é fundamental para ganhar a confiança e amizade das pessoas. (Lúcia, 2019).

Em algumas visitas à campo, no decorrer do dia, quando algumas vendedoras precisavam se ausentar do seu lugar de trabalho, era concedida a mim a proeza e responsabilidade das vendas. Nesses instantes em que ficava “guardando” a banca de uma das ambulantes, quando fregueses se aproximavam, perguntando sobre a dona da banca, reconhecida pela mercadoria e pelo lugar que costumava parar. Esses eventos ocorreram três

vezes durante toda a realização do campo, com vendedoras de mercadorias diferentes e em lugares da feira distintos.

A minha imagem para essas vendedoras acabou sendo desconstruída de “professora-pesquisadora” ou “aluna da UFPA”, para uma figura que ganhou a confiança de estar dentro dos círculos de amizades com os demais vendedores. Esse fenômeno foi marcado pelo exercício de observar e escutar todos aqueles que estavam ao redor. Considero que um dos aspectos mais importantes na prospecção da clientela, tanto das vendedoras, como das/os pesquisadoras/es, é o carisma.

Ana Laura, 43 anos, vendedora de castanhas, realizava suas vendas no calçadão, próximo a bancas de roupas masculinas, localizada em frente a parada de ônibus. Em um de nossos encontros, conversamos por cerca de dez minutos e em meio a conversa, ela pediu para eu “cuidar” da banca dela. Naquele momento, Laura projetou em mim a confiança de ficar com toda sua mercadoria e, caso precisasse, realizasse as vendas. Eu e Laura já tínhamos certa “amizade”, assim como eu tinha com outras mulheres. Eu já havia falado um mês antes que qualquer dia queria “ser vendedora”, caso ela precisasse, estaria à disposição, assim ela o fez.

Nesse dia Laura deixou seu posto por quarenta minutos e todas as vendas que ocorreram nesse tempo, conduzidas por mim, foram atravessadas pelo sentimento desafiador de ter uma experiência empírica da realidade que eu investigava.

No começo, senti alguns olhares de estranhamento de feirantes que conheciam Laura e suas mercadorias, que, ao mesmo tempo, não me reconheciam, e por saberem também que Laura sempre taralhava sozinha. Mas esse momento de estranhamento foi desfeito a partir do meu reconhecimento por outras vendedoras ambulantes que passavam próximo de onde eu estava. Alguns amigos de Laura, ao se dirigirem de forma espontânea até onde eu estava, “quebravam o gelo” e a curiosidade daqueles que gostariam de entender, o que a “pesquisadora” que conversa com todas as vendedoras da feira, está fazendo, vendendo em uma banca aleatória.

Compartilhava com Laura o espírito leve e o sorriso fácil com a clientela. Aos clientes fixos de Laura que chegavam e perguntavam “essa banca aqui é da Laura, né?”, “cadê a baixinha?”, eu respondia que ela tinha ido resolver algo pessoal na presidente Vargas e que estava ‘tomando conta’ da banca. Alguns homens falavam em tom de jocosidade que eu seria, a “ajudante número 1”, devido ao tom de gracejo e respeito que tinha com todos aqueles que iam até a banca.

A heterogeneidade da população se mistura entre moradores das ilhas ao redor de Belém, de cidades como Abaetetuba, Castanhal, Bragança e de outros estados. Todos formam esse grande leque diverso do público que alimenta esse cenário frenético do Ver-o-Peso.

4.1.5 As mercadorias

Karl Marx já havia definido no Livro primeiro do “O capital”, que mercadoria é “um objeto exterior, uma coisa que, pelas suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie” (p. 157). A grandeza e diversidade do que é comercializado no Ver-o-Peso exige um mergulho sobre seus labirintos movimentados, para através da identificação da pluralidade de permutas e negociações com agentes diversos, compreender o valor não apenas econômico, mas simbólico que permeia as trocas.

Dentro da lógica de transações materiais e imateriais, a mercadoria enquanto objeto de “valor de troca” e “valor de uso”, possui uma dimensão social na vida humana. (APPADURAI, 1986). Verificar a relação entre os sujeitos sociais e os objetos nos fornece subsídios de interpretação das relações microestruturais, em um determinado grupo social.

Arjun Appadurai, na obra *A vida social das coisas* (1986), argumenta que “somente pela análise das trajetórias podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas” (p.17). Nesse sentido, é importante a observação das redes de transação das mercadorias e a relação entre os vendedores ambulantes e os comerciantes.

Ózeia, por exemplo, mediante a regularidade de compras feitas nas lojas dos “chineses”⁶⁷, próximas da feira, contou que já tinha certa familiaridade com os lojistas, o que garantia descontos em todas as suas compras. Nesse caso, a vendedora ambulante teceu junto aos seus fornecedores trocas favoráveis a ambos, por que ao conseguir negociar e “ganhar” descontos, atraía para a loja, outras vendedoras, que por sua vez, aumentam a rentabilidade e o movimento da loja dos chineses, o que possibilita às ambulantes poder levar mais produtos, por valores mais acessíveis do que em outros fornecedores.

⁶⁷ O centro comercial de Belém concentra lojistas e comerciantes chineses, japoneses, angolanos, açorianos e demais grupos étnicos. Contudo, observa-se que aproximadamente 60% dos proprietários de lojas nesse perímetro é constituída por asiáticos. As ruas com maior número de lojistas chineses são: Rua quinze de novembro, rua treze de maio, rua Manoel barata, Travessa frutuoso Guimarães, rua santo Antônio. Suas lojas fornecem mercadorias importadas, sobretudo da China e Japão (réplicas de marcas caras de bolsas, sapatos, carteiras, perfumes, brinquedos e etc.). Trata-se, portanto, da efetivação da “globalização popular”, que atinge dimensões transnacionais, que consolidou o crescimento de rotas de atuação e desenvolvimento do comércio chinês na região. (RIBEIRO, G. 2010, p.32).

Os itinerários das mercadorias, seja qual for a localização dentro da feira (Industrializados, serviços, hortifrutis e etc.) “atravessam vários espaços regulatórios, até chegarem aos consumidores finais”. (RIBEIRO, G. 2010, p.30).

Márcia, me contou, em uma das entrevistas que fiz com ela, em setembro de 2018, que comprava toda a sua mercadoria com feirantes que vendiam hortifrutis, vindos da CEASA.

[...] O seu Manoel compra os hortifrutis da CEASA, todo dia por volta das duas horas da manhã chega o carregamento para os feirantes aqui...logo no inicio que comecei a comprar mercadoria com ele, eu chegava na feira umas quatro horas da manhã e separava logo os meus...o seu Manoel vende para muitos outros vendedores daqui, tem até alguns feirantes com banca que compra dele também...de madrugada é o melhor momento pra garantir a compra das verduras fresquinhas, porque o pessoal que vende isso vem tudo em cima, quando chega sete horas da manhã já não tem mais nada aqui...porque, na verdade, esse horário é que a feira tá fervendo...quem vende isso, tem que chegar cedo e ir atrás dos feirantes que passam mercadoria aqui...

Para trabalhar na feira como vendedora ambulante é imprescindível traçar redes de credibilidade e amigabilidade com os fornecedores. Nessa combinação de desejos e fazeres é que é concretizada a efetivação das trocas e obtenções necessárias para cada trabalhador.

Observei que há uma espécie de fornecedores “fiéis”, em que as mercadorias são compradas somente com eles; há uma variedade de opções, com preços, cores, quantidade disponíveis, em outras bancas ou lojas no centro de Belém. Para comprar as mercadorias, é necessário levantar o capital de giro em vendas anteriores e repor a necessidade das mercadorias que mais se vendem.

A venda do “fiado”, comprar e depois pagar ao fornecedor, não foi encontrada entre as vendedoras. Todas afirmaram que possuem lugares e pessoas certas, e todas mercadorias eram pagas no ato da compra, não deixando para depois.

Na feira, encontramos desde simulacros de primeira e segunda linha de produtos conhecidos mundialmente, como as marcas: Adidas, Nike, Ryban etc. Produtos piratas, réplicas, que são “ilegítimas do ponto de vista dos poderosos, que as combatem em nome da legalidade”. Como também pode-se encontrar mercadorias produzidas por agricultores, ribeirinhos e pequenos artesões (RIBEIRO, G, 2010, p.23).

São praticadas atividades ilegais, ilícitas, marcadas tanto no âmbito de atuação e predomínio do espaço, como relacionada as vendedoras que trabalham diretamente com produtos piratas. Como pontua Hart (1973), “na prática, as atividades informais abrangem uma ampla escala, de operações marginais a grandes empresas; deles a produtividade é relativamente alta ou baixa, permanece uma questão empírica” (p. 68).

Podemos concluir que a dinâmica frenética das vendedoras ambulantes na “globalização popular, onde operam redes sociais [...] de forma descentralizada, horizontal e baseadas em valores de confiança”, potencializa o crescimento interno da economia regional. (RIBEIRO, G. 2010, p.30).

Considero esse complexo sistema marcado por um cenário econômico organizado cotidianamente por práticas econômicas multiformes que estão em processo de resignificação, junto as estruturas mais sólidas do mercado, possibilitando à classe trabalhadora produtiva ferramentas de resistência no setor informal. (SENA, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa foram analisadas histórias de vida de mulheres, negras, trabalhadoras informais, no espaço da maior feira aberta da América latina, o Ver-o-Peso. Buscamos analisar quais fatores determinaram a escolha da feira como espaço central da realização do trabalho diário e como as interlocutoras teceram a inserção no espaço da feira.

O Ver-o-Peso caracteriza-se como um grande “almoxarifado do desempregado” na Região Metropolitana da cidade de Belém, pois acolhe grande quantidade de mulheres e homens, desocupados, que constituem um contingente de força ativa de trabalho e, em virtude da sua identidade cultural, como ponto turístico citadino, também condensa grande fluxo de pessoas, gerando renda e acolhendo todos os públicos.

Dessa forma, a feira do Ver-o-Peso compõe, na identidade cultural da região, um lugar que excede à caracterização comum de “feiras livres”, especificamente, relacionadas a vendas de produtos hortifrutigranjeiros e abastecimento diário de mercadorias para uso pessoal ou de âmbito comercial.

O Ver-o-Peso assume a posição de mercado central devido a sua historiografia estar entrelaçada com o próprio crescimento e desenvolvimento citadino belenense, portanto, com o passar dos séculos, sua importância cultural e simbólica foi/é reafirmada por todos aqueles que dependem direta ou indiretamente dos produtos, ou o escolhem enquanto espaço de lazer e consumo.

Percebemos que, para além da aglutinação sócio econômica que cria a geração de postos de trabalho alternativos, o espaço da feira centraliza um complexo sistema, permeado por uma lógica de economias populares translocais, admitindo lógicas laborais resignificadas, como, por exemplo, o caso de vendedoras, sobretudo, ambulantes, que são figuras basilares para pensar em fluxo, trocas, mediadas pela globalização, inseridas no sistema neoliberal.

A pesquisa também destacou que dentro da perspectiva econômica, há também, e não menos importante, relações tecidas, sob os laços de amigabilidade e sociabilidade, presente entre aqueles que participam desse universo. O dia-a-dia é encarado com muita simplicidade e compartilhamento de boas conversas e prestação de favores entre os “vizinhos”, interpelados por situações inesperadas de “batida” e retirada das suas mercadorias das calçadas, por ações de agentes municipais.

Traçamos, através da compilação das informações colhidas/produzidas, uma aproximação do perfil socioeconômico das vendedoras ambulantes. Em que podemos

observar um quadro heterogêneo de atividades de vendas, tempo de trabalho e trajetórias dentro da feira, além de atuação geográfica em espaços marcados e definidos, referente ao tipo específico de cada mercadoria. A instrumentalização da ocupação do espaço no Ver-o-Peso, é regida por normas particulares, criadas pelos agentes internos (vendedores) e ressignificadas pela ótica subjetiva de cada sujeito dentro do espaço.

As mulheres não se consideram “feirantes”, afirmando que são trabalhadoras autônomas, informais e ambulantes, categorias defendidas com muito orgulho e honra pelas interlocutoras, destacando a importância de suas atividades laborais.

São mulheres que trabalham sem permissão e cadastro na prefeitura de Belém e, dessa maneira, vivem sob os avisos e tensões dos agentes da SECON. O que pode ser primeiramente percebido como falta de interesse ou desleixo das ambulantes com os órgãos municipais públicos; com a etnografia, percebemos que elas elaboram diferentes formas de significação no que tange às motivações e objetivos do trabalho. As trabalhadoras sem permissão ou não permissionárias, são irregulares dentro desse espaço da feira e situam-se no setor informal.

Possuir ou não um cadastro na prefeitura para atuação em espaços públicos, parece não garantir a mudança do cenário de instabilidade e precarização do trabalho na feira, uma vez que a assinatura de comprometimento e permissão de venda em ruas públicas, possibilita somente direitos relativos à presença no espaço para a realização do trabalho, não uma renda fixa.

Para essas mulheres, ir à prefeitura para obter “permissão” para o trabalho ou participar do Sindicato do Comércio de Vendedores Ambulantes de Belém está fora de interesse. Elas justificam que nenhum e nem outro mudariam suas situações de instabilidade e fragilidade, manifestas nos meios alternativos de gerar renda.

Aprofundando a investigação com mulheres de diferentes faixas etárias e diferentes trajetórias pessoais e profissionais, o marcador de raça foi destacado por 80% das mulheres, em que podemos identificar que parte das opressões experienciadas na sociedade, são refletidas nos momentos de entrevistas de emprego em empresas, disputa por vagas, atuação em postos de trabalho na esfera privada, que são negadas por uma lógica racista, que exclui e silencia mulheres de cor.

Sejam elas, com baixo ou alto nível de escolaridade, existe uma barreira hegemônica e opressora, que ressalta as desigualdades sociais entre mulheres brancas e mulheres de cor. O campo mostrou que na feira há uma grande mistura étnica de mulheres, com traços indígenas, caboclas e negras, portanto não-brancas. Na escuta dos relatos, pude apreender que grande

parcela das entrevistadas, por possuírem ancestralidade negra, carregaram em todas suas trajetórias uma luta contra opressões históricas.

Os sistemas de dominação e opressão de gênero, classe e raça, são fatores que estruturam as relações de poder e de desigualdade, sobretudo, no que diz respeito ao sistema neoliberal, que, para além de institucionalizar novas dinâmicas e postos laborais, como reflexo direto da flexibilização, nas relações de produção, alimenta novas faces de desigualdades econômicas e sociais, em virtude de grande parcela de indivíduos, sobretudo, mulheres, negras, estarem situadas à deriva das relações produtivas do capital, devidamente impactadas pela interseccionalidade dessas formas de dominação (COLLINS, 1986).

Lidando cotidianamente com as dificuldades estruturais do sistema econômico, essas mulheres, vendedoras do setor informal, desenvolvem, entre elas, laços de socialização e ajuda mútua. A prestação e contra prestação de favores é tida como uma forma de boa convivência com as demais vendedoras. Homens também participam dessas teias de favores, pedidos, conversas, fofoca, que constituem a vida cotidiana na feira.

A subsistência diária é gerada a partir das possibilidades que a feira subsidia, como um espaço turístico e central da cidade. Na medida que compreendemos as desigualdades geradas pelo desemprego estrutural, que afetam e condicionam a vida de mulheres trabalhadoras ambulantes em calçadas e corredores da feira, percebemos que muitas vendedoras estão fadadas a permanecerem com atuação na mesma atividade, em virtude das dificuldades de acesso a postos de trabalhos formais, ainda que almejem o tão sonhado “emprego formal, com direitos trabalhistas e plano de saúde”.

A busca pela permissão de ocupação em espaços de trabalho na feira não parece ser um problema central em suas falas, que parecem demandar mais por políticas públicas que atendam as peculiaridades sociais de mulheres desempregadas, mães, chefes do lar, que sem ajuda lutam pela subsistência diária através de condições de trabalho árduas e precárias.

Pensar o *veropa*, nos conduz a um ambiente de histórias, lutas, anseios, pretensões, projetos individuais e coletivos, incorporados ao sistema hegemônico capitalista, “mesmo circunstancialmente pela enorme dificuldade ou pela inviabilidade de acesso a um emprego formal ou a uma atividade legalizada, que apontam para a agência dos sujeitos, como forma de objetividade e persistência”. (APPADURAI, 2008, p.7).

A pesquisa buscou contribuir para a compreensão e visibilidade da precarização do trabalho; também chamar atenção que o universo estudado possui gênero, classe e raça, atuando de forma interseccionada no setor informal, dentro da globalização mundial, absorvendo dezenas de parcelas de indivíduos excluídos pela lógica do capital industrial

capitalista. Com diretrizes próprias, permeando possibilidades de subsistência, onde a figura feminina ecoa a partir das suas lutas de emancipação, a buscar por espaços e condições de reconhecimento como sujeitas políticas e ativas na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário. Mário de Andrade: **Cartas de Trabalho - Correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade**. Brasília, DF: MEC; SPHAN; PróMemória, 1981. (Publicações do IPHAN, n.33).
- ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- APPADURAI, A. **A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- BANDEIRA, Manuel. **Belém do Pará**. 12. ed. In: BANDEIRA, Manuel. Antologia Poética. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.
- BARROS, Lins de. **Memória, experiência e narrativa**. I luminuras, Porto Alegre, v.12, n. 29, p. 4-17, jul./dez. 2011.
- BECKER, Howard s. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Editora Hucitec. São Paulo, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BELÉM. **Decreto Municipal N° 26.579** de 14 de abril de 1994.
- BELÉM. **Decreto municipal n° 39326**, que regulamenta o uso do complexo Ver-o-Peso e dá outras providências. Belém: Palácio Lauro Sodré, 2004.
- BELÉM. **Lei ordinária n.º 7981, 07/02/1999**. Dispõe sobre a administração de mercados públicos e feiras livres do município de Belém. Belém: Palácio Lauro Sodré, 1999.
- BELSHAW, Caryl S. **Troca tradicional e mercado moderno: modernização de sociedades tradicionais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- BOTT, Elizabeth. **Redes sociais e famílias**. F. Alves: Rio de Janeiro, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **L'illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. L'illusion biographique**, v. 62-63, p. 69-72, jun. 1986. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/AsPDF/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2317.pdf. Acesso em: Junho. 2020.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV - XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**; tradução Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CABANES, Roberto. **Proletários em meio à tormenta neoliberal**. In: Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2011.

CAMPELO, Marilu Marcia. **Feira do Ver-o-Peso: cartão postal da Amazônia ou patrimônio da humanidade?** Humanitas, Belém, v.18, n.2, p.149-170, 2002.

CAMPELO, Marilu M. & FERRAZ, Iara. **Inventário Histórico, Sócio-Cultural, Arquitetônico do Complexo do Ver-o-Peso**. Departamento de Patrimônio Histórico (DEPH), Fundação do Município de Belém (FUMBEL), 2010.

CAMPELO, Marilu Marcia. **Manifestações culturais da Feira do Ver-o-Peso**. Relatório de Pesquisa. Belém: Departamento de Patrimônio Histórico (DEPH); Fundação Cultural do município de Belém; Prefeitura Municipal de Belém, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp. 2006.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, 2003.

CASTRO, Marina ramos neves de. **Socialidades e sensibilidades no cotidiano da Feira do Guamá: uma etnografia das formas sociais do gosto**. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA). Belém. Pa. 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Social Problems, v. 33, n. 6, “Special theory issue”, p. 14-32, Oct.-Dec. 1986. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf> . Acesso em: 03.08.2019.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COSTA, José. **Vamos levar uma delícia?: Uma etnografia da circulação do pirarucu salgado na feira da 25 de Setembro em Belém/Pa**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Belém: PPGSA/IFCH/UFPA, 2018.

DUARTE, Pedro Henrique Evangelista. Desemprego estrutural e a problemática da informalidade. Revista da ABET, v. 13, n. 2. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Mayara%20Oliveira/Downloads/25672-Texto%20do%20artigo-53398-1-10-20150914.pdf>. Acesso em: 14.07.2019.

DIEESE. **DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS**. <https://www.dieese.org.br/analiseped/ped.html>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário** : introdução à arquetipologia geral I Gilbert Durand : tradução Hélder Godinho. – 4º ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

DURANDO, Vanessa. Balôn: **Um Mercado Popular**. Curitiba: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, 2010.

FERREIRA, Ana Luiza C. A da S. **É Trabalho de Mulher/ É Trabalho de Homem. Uma Discussão Sobre Gênero no complexo da Feira do Ver-o-Peso**. Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais. Belém: IFCH. UFPA, 2009.

FERRETTI, M. **De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto**. Ciência Hoje, v. 6, n. 36, p. 59-61, 1987.

GEERTZ, Clifford. **The Bazaar Economy: Information and Search in Peasant Marketing**. The American Economic Review, Vol. 68, No. 2, Papers and Proceedings of the Ninetieth Annual Meeting of the American Economic Association, pp. 28-32. May, 1978.

GEERTZ, Clifford. **“Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico**. In: GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p.85-107.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC S.A., 1989. p. 3-21).

HART, Keith. **Informal income opportunities and urban employment in ghana**. **The Journal of Modern African Studies** Vol. 11, No. 1 . Disponível em : <https://www.sv.uio.no/sai/english/research/projects/anthropos-and-the-material/Intranet/economic-practices/reading-group/texts/hart-informal-income-opportunities-and-urban-employment-in-ghana.pdf>. Acesso em: 19.05.2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007. < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 19.05.2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Coletânea de leis sobre preservação do patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. 320p

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, [1960] 2004. 548p.

JOSEPH, Isaac, **Paisagens Urbanas, Coisa Públicas**. CADERNO CRH, Salvador, n. 30/31, p. 11-40, jan./dez. 1999.

LEITÃO, Wilma Marques. **Ver-o-Peso: Estudos Antropológicos no mercado de Belém**. Belém: NAEA, vol. 1, 2010.

LEITÃO, Wilma; CORRÊA, Márcio C.; NASCIMENTO, Lícia T. A. do. **O mercado de peixe no Ver-o-Peso.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 12., 2007, Belém. Belém, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 8. Ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Mária Doroteia de. **Ver-o-Peso, patrimônio (s) e Práticas Sociais: Uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Belém, 2008.

LIMA, M. G. **Trabalho feminino e relações de gênero na feira do Açaí, no complexo do Ver-o-Peso em Belém.** Relatório de pesquisa de Iniciação Científica. Belém: UFPA, 2014.
LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial.** University of New York, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **QUANDO O CAMPO É A CIDADE: FAZENDO ANTROPOLOGIA NA METRÓPOLE.** In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana, EDUSP, São Paulo, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw; DE LA FUENTE, Julio. “**La Economía de un Sistema de Mercados en México - Un ensayo de Etnografía Contemporánea y Cambio Social en un Valle Mexicano.**” Acta Anthropologica, Época 2, Vol. 1, Nro. 2. México: Escuela Nacional de Antropología e Historia, 1957 [1941].

MARTINS, Max. **Ver-o-Peso.** In: MARTINS, Max. *Não para consolar.* Belém: Cejup, 1992. p.279.

MARX, Karl. (1867). **O Capital: Crítica da economia política.** Vol 1, T 1, São Paulo: Abril cultural, 1983. (Coleção os economistas).

MEDEIROS, Jorge França. **Feiras e Feirantes em Belém: as novas formas de apropriação do território na/da metrópole.** Monografia de Especialização – Universidade Federal do Pará, Pós- Graduação em cidades na Amazônia, 2008.

MENEZES, Bruno de. **São Benedito da Praia.** In: MENEZES, Bruno de. Obras completas de Bruno de Menezes. Belém: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, [1959] 1993. v. 2. p.129-232.

MOTT, Luiz. **A feira do anjo da guarda: estudos de uma Instituição Econômica num município Sergipano de São Francisco.** Tese de doutorado em Antropologia, UNICAMP, Campinas, 1975.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** 1925. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, [1950] 2003. p. 183-314.

MAUSS, Marcel. **Les techniques du corps**. Article originalmente publié Journal de Psychologie, XXXII, ne, 3-4, 15 mars - 15 avril 1936. Communication présentée à la Société de Psychologie le 17 mai 1934.

MIRANDA, Cybelle Salvador. **O imaginário nas personagens da cidade velha: memória e patrimônio na Belém contemporânea**. 2006.
<file:///C:/Users/Mayara%20Oliveira/Downloads/2820-10246-1-SM.pdf> Acesso Em: 12.04.2020

MORAES, Reginaldo. **Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai?**. São Paulo: SENAC, 2001.

MOHANTY, Chandra Talpade. “Bajo la mirada occidental: la investigación feminista y los discursos coloniales”. *Third world women and the politics of feminism*. Indiana, 1991.

NASCIMENTO, Lícia Tatiana Azevedo do. **Sociabilidades no mercado do peixe do Ver-o-Peso durante o Círio de Nazaré**. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. UFPA, 2010, 132p.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém: estudo de Geografia Urbana**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968. 2 v. 448 p.

PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. São Paulo, editora Contexto, 2007.

PINHEIRO, Tainara Lúcia; RODRIGUES, Carmem Izabel. Mediações visíveis na cidade: olhares sobre o racismo em Belém do Pará. *Nova Revista Amazônica*. Vol 8, n.2, setembro de 2020, p. 47-64

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 67, p. 117- 13, jun. 2008.

TAVARES, Mauricio Antunes. **Entrelaçamentos entre campo de possibilidades e trajetórias de vida: a questão da escolarização dos jovens no interior de Pernambuco**. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador. Recife, Brasil. 2009. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Tavares.pdf. Acesso em: 25.04.2020.

QUIJANO, Anibal. “**Colonialidad, modernidade/racialidad**” *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, 1991.

Revitalização da Feira do Ver-o-Peso Projeto básico . DPJ Arquitetura & Engenharia <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/1_%20Ver-o-Peso%20-%20APRESENTA%C3%87%C3%83O%20R01.pdf>. Acesso em 25.02.2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala. Feminismos plurais**. Coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo, Pólen, 2019.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. *Série Antropologia*, Brasília, v. 432, p. 6- 34, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da & Eckert, Cornélia. **ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICAS**. Artigo publicado no livro organizado por Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia da e na cidade, interpretação sobre as formas da vida urbana** / Ana Luiza Carvalho da Rocha [e] Cornelia Eckert. – Porto Alegre: Marcavvisual, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da & Eckert, Cornélia. **Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavvisual, 2013.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Caboclos na Amazônia: A identidade na diferença. *Novos Cadernos NAEA*. v. 9, n. 1, p. 119-130, jun. 2006.

RODRIGUES, Carmem Izabel; Martins, Rosiane. **Periferias na Amazônia: estratégias de compra e venda de produtos ilegais em espaços informais**. In: Actas del congreso Argentino de Antropologia Social. La Antropologia interpretada. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofia y Letras, v.1, p. 1-22, 2011.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Et al. Mercados populares em Belém: Produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano. Belém: NAEA, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. Mito e realidade. Petrópolis. Vozes, 1976.

SENA, Ana Laura dos Santos. **Dimensões da informalidade em Belém**. PAPERS DO NAEA Nº 113. Belém, Dezembro de 1998. Disponível em: [file:///C:/Users/Mayara%20Oliveira/Downloads/113%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Mayara%20Oliveira/Downloads/113%20(2).pdf). Acesso: 04.04 de 2019.

SIGAUD, Lygia. “**As Vendas das Pontas de Rua**”. In: Anuário Antropológico, pp. 23- 42. 1983.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.

PRATES, Rodolfo Coelho. BACHA, Carlos José Caetano. **Os processos de desenvolvimento e desmatamento da Amazônia**. Econ. soc. vol.20 no.3 Campinas Dec. 2011. Disponível em [:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182011000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182011000300006). Acesso em : 07. Abril, 2020.

SANTOS, José Julierme Furtado dos. **Piratairo é quem vende: um estudo socioantropológico sobre os vendedores de cds e dvds da feira do Guamá (Belém-pa)**. Programa de pós graduação em sociologia e antropologia. Universidade federal do Pará. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: *SOS Corpo*, 1995.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia: Indivíduo e sociedade**/ Tradução – Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

SILVA, Tiago Coelho Vaz. **Ver-a-cor: um estudo sobre as relações raciais no mercado do Ver-o-Peso em Belém**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

SILVEIRA, Josianne Correa. FLECK, Carolina Freddo. **Forte como... UMA MULHER: uma análise dos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho**. Universidade Federal do Pampa. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/2097/1/Josianne%20Correa%20Silveira.pdf>. Acesso em 25.04.2020

SERVILHA, Mateus de Moraes & DOULA, Sheila Maria. **O mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras**. Revista Faz Ciência, v.11, n.13 Jan./, pp. 123-142. Jun. 2009.

SOUZA, Leonardo Coelho. **A música e a paisagem sonora no filme Ver-o-Peso (1984)**. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará.

PIRES, Válber de Almeida. **Nova informalidade entre os vendedores autônomos no centro comercial de Belém do Pará e o caso do Espaço Palmeira**. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém, 2014.

_____. **Os Camelôs e a Sociedade: um estudo dos camelos do Centro Comercial de Belém pelo enfoque teórico da integração social**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Planejamento do Desenvolvimento, Belém, 2008.

_____. **Informalidade, Precarização do Trabalho e Exclusão Social: um estudo dos camelos do centro comercial de Belém**. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal do Pará, Faculdade de Ciências Sociais. Belém, 2008.

VEDANA, V. **Fazer a Feira: Estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira livre de Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Antropologia social). Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2004.

_____. **No mercado tem tudo que a boca come: Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo**. Tese (Doutorado em Antropologia social). Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2008.

SILVA e Sousa. SILVA, Marília de Jesus da. **Saberes e modos de fazer objetos artesanais na reserva de desenvolvimento sustentável amanhã: um estudo da cultura material ribeirinha**. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. 2011.

SILVA, Luiz de Jesus dias da. **Pedra, redes e malha na circulação do pescado do Ver-o-Peso no meio urbano de Belém do para**. Tese de doutorado. Programa de pós graduação em Sociologia e Antropologia - Ppgsa. UFPA. 2016.

SOTERO, Edilza Correia. **Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo**. In: MARCONDES, Mariana

Mazzini... [et al.]. Dossiê Mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013.

VEDANA, Viviani. Técnicas corporais e ritmos do trabalho nos mercados de rua: um ensaio sobre a relação entre gestos corporais e atos de fala. Trabalho apresentado na 30a. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB”.

VEDANA, Viviani. "Fazer a Feira" : estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Organização e Introdução de OTÁVIO GUILHERME VELHO. Rio de Janeiro. 1967.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VERGER, P.; BASTIDE, R. **Contribuição ao Estudo dos Mercados Nagô do Baixo Benin**. In VERGER, P. **Artigos (Tomo I)**. Salvador: Currupio, 1992.

VELHO, G. **Observando o familiar**. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, G. **Memória, identidade e projeto** In: VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 97-113. 1994.

WEBER, Max. **The city**. Tradução e ditado para o inglês Don Martindale e Gertrud Neuwirth. Nova York: The Free Press; Londres: Collier-Macmillan, 1966.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA DE CAMPO

Nome: _____

Idade: _____ Cor/raça: _____ Estado civil: _____

Gênero: _____ Tem filho? Se sim, quantos? _____

1. Qual bairro você mora?
2. Nível de escolaridade?
3. Setor?
4. Você tem familiares que trabalham na feira do Ver-o-Peso?
5. Você trabalha quantas horas por dia?
6. Em média quanto você tira por dia em alta temporada (Círio de Nazaré, festas juninas, natal e Réveillon) e baixa temporada?
7. Você trabalha sozinha ou tem ajuda de alguém nas vendas?
8. Quais os maiores desafios que você encontra na feira?
9. O que fez você optar pela informalidade?
10. Você tem cadastro na SECON?
11. Você tem permissão para trabalhar na feira?
12. Por que você não se legaliza junto à Prefeitura para ter um espaço na feira?
13. Como você se enxerga (feirante, ambulante, comerciante, vendedora)?
14. O que significa trabalho para você?
15. Você acha que existe desigualdades entre homens e mulheres, particularmente no setor onde você trabalha?
16. Como se dão os laços de sociabilidade, familiaridade e amigabilidade na feira?

17. Qual profissão você gostaria de ter?
18. Você chegou na feira através de alguém?
19. O que levou você a escolher a feira do Ver-o-Peso para trabalhar?
20. Em uma única palavra, defina o Ver-o-Peso pra você.
21. Quanto tempo trabalha na feira?
22. Você trabalha com a venda de qual produto?
23. Quem é o público que você mais vende? Turistas, paraenses, pessoas de outros estados?
24. Você já trabalhou de carteira assinada alguma vez?
25. Você tem vontade de voltar a trabalhar de carteira assinada?
26. O que você sente mais falta, uma vez que você não possui seguro desemprego, assistência à saúde, décimo terceiro, férias remuneradas etc. da época que você trabalhava de carteira assinada?
27. Quanto tempo trabalhou de carteira assinada?
28. Você sonha com um emprego formal?
29. Você se profissionaliza? Faz cursos?
30. Qual as maiores dificuldade em trabalhar dentro da informalidade?
31. Você gosta do que faz?
32. Como é a relação com a prefeitura e os fiscais da SECOM na feira?
33. Você já sofreu alguma vez sanção por parte dos fiscais da SECOM?
34. Como você enxerga a reforma do Ver-o-Peso na gestão do prefeito Zenaldo Coutinho?
35. Você acha que com a reforma do espaço na feira, irá afetar seu trabalho?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário (a), do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) de Mestrado em Sociologia e Antropologia da UFPa Mayara de Oliveira Silva, que pode ser contatado pelo e-mail sociologiamay@gmail.com e pelo telefone (91) 993605115. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com Mulheres que trabalham na feira do Ver-o-Peso de forma autônoma e sem cadastro e permissão da prefeitura para ocupar espaços na feira, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de uma pesquisa quantitativa e qualitativa para compor os dados necessários para a dissertação de Mestrado. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Belém - PA, ____ de _____ de 2019